

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música

Ano 4 - Nº 22 - Edição Novembro e Dezembro 2023

www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

A arte e a Inteligência Artificial

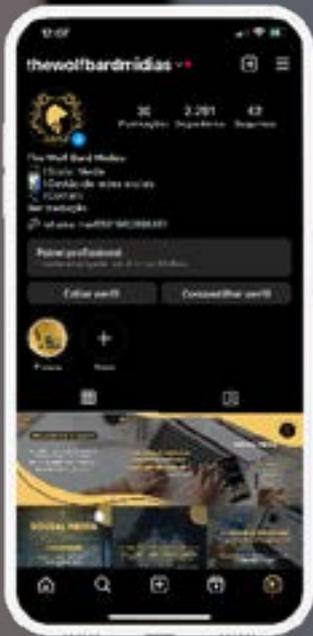
DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



ISSN 2764-9768



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital. Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagem semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links. *



INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



PROJETO



2764-9768

REVISTA



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto literário e artístico gratuito e sem fins lucrativos. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente gratuita, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em trinta Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



ED. NOV/DEZ 23

Edições



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



ED. NOV/DEZ 22



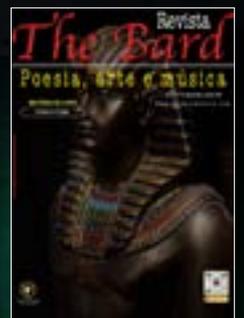
ED. SET/OUT 22



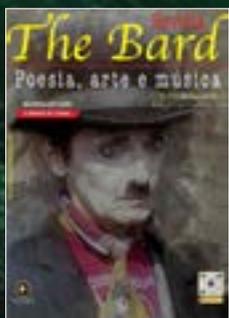
ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Revista Interativa The Bard

Sejam bem-vindos (as) à Revista Interativa The Bard Bimestral de Novembro e Dezembro de 2023. Iniciamos com um espaço reservado para divulgação das redes sociais dos nossos colunistas;

Seguimos com a matéria de capa da Colunista Ana Márcia Diógenes, com o tema “Folclore Brasileiro”, contando aos nossos leitores os primórdios e relembrando as manifestações folclóricas.

Com mais um desafio para nossos leitores descobrirem de qual filme é o texto descrito nessa edição. A Coluna “E aí, qual é o filme?”, escrito por Lauro Henrique. A história será revelada na próxima edição e publicamos também o resultado da edição anterior;

Poemas dos mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Espanha e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Contos e Minicontos”, “Crônicas”, “Fotografia”, “Música”, “Artigos” e “Prosa” e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, um projeto digital para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

E com grande novidade apresentamos o Selo litera-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



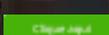
Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
23ª Edição JAN/FEV 2024



EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Matéria de Capa
ANA MÁRCIA DIÓGENES



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



Grandes Autores
VANINA SIGRIST



Mãe África
ALEGRIA MAURO



Autopoiese e Narrativas
STELLA GASPAR



E aí, Qual é o Filme?
LAURO HENRIQUE



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



Cinema: Séries & Filmes
CACÁ MATOS



Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



Dialética
CLAYTON ZOCARATO



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



Alma em Perspectiva
MIA KODA



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



Música e Literatura em Diálogo
ELVIRA DRUMMOND

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME





Ana Márcia Diógenes



Jornalista, professora e escritora. Escreve sobre comportamento na plataforma de streaming O Povo+. É autora da ficção juvenil “De esfulepante a felicitante, uma questão de gentileza” (Ed FDR e Dummar), em 2017), do conto longo “Pérfuro-Matante” (gênero Domestic Noir), publicado na Amazon, do livro artesanal “Poesia e contos pequetitos”, estes últimos em 2022; e do conto longo “Reze para que meus pés não apontem para ti”, em 2023. Participa das coletâneas “Escritas no feminino” (Ed. Caneta de Estilo, de Portugal); “Tantas palavras” (Ed. Sanhauá) e “Microcontos” (Ed. Persona) e de coletivos Escrevientes, Mulherio das Letras e Mulheres Assombradas. Tem textos publicados nas revistas Contos de Samsara e Cassandra.

A arte e a Inteligência Artificial

O dilema entre o avanço da tecnologia e a autoria das obras

A primeira associação que vem à cabeça quando ouvimos falar de Inteligência Artificial (IA) são robôs desenvolvendo atividades de forma mais assertiva, rápida e segura. Foi assim quando os caixas eletrônicos ocuparam o lugar de bancários. Por um lado, o ganho na agilidade e no conforto de sacar dinheiro a qualquer hora, em lugares como shoppings, supermercados e farmácias. Do outro, a intervenção no mercado de trabalho, com redução de vagas.

A Inteligência Artificial foi se espalhando nas últimas décadas e se integrou como parte do cotidiano. Desde os algoritmos das redes sociais, que identificam quais publicações devem ser entregues para um número maior ou menor de pessoas, até a companhia de assistentes de voz como Alexia e Siri. Isso sem falar de ferramentas de reconhecimento facial até para prova de vida em apps de organismos governamentais.

A esses tipos de intervenção nas nossas vidas já estamos de certa forma tão acostumados que nem lembramos que são artificiais. Robôs interagem com humanos na medicina, na detecção de câncer, por

exemplo, na precisão da análise de imagens, na limpeza de residências e até em casos de saúde mental, por meio de aconselhamento feito por chatbots. Para quem não sabe, chatbots são assistentes virtuais que se comunicam por texto com usuários através da Inteligência Artificial.



Imagem de Pavel Danilyuk por Pexels

O que geralmente não paramos para pensar é se algo atribuído antes especificamente à criatividade humana pode passar a ser produzido pela IA. Para surpresa de alguns, isso já vem acontecendo em diferentes setores da cultura. Um dos exemplos mais comuns quando se procura na internet é o caso da artista americana Taryn Southern, que usou o Amper, um programa de Inteligência Artificial, para produzir um álbum de música completo. Taryn, que não toca qualquer instrumento, diz sentir as composições como suas, e que o programa é uma ferramenta para a sua criação.



Imagem de Cottonbro studio por Pexels

Programas assim, para quem não tem habilidade com instrumentos, também foi desenvolvido pelo Google. É o Lo-Fi Player, que integra o projeto Magenta, em que o interessado pode “entrar” em um estúdio musical com Inteligência Artificial para fazer a edição do material produzido. São úteis para apoiar os que têm alguns conhecimentos em música, mas não dominam todo o processo.

Ao mesmo tempo, alguns softwares – dependendo da intenção de cada um - acabam confundindo até a voz de artistas. Nas redes sociais viralizou uma música, composta com o uso de IA simulando as vozes dos canadenses The Weeknd e Drake na música Heart on my sleeve. Segundo o responsável pela canção, que se apresenta como Ghostwriter, o que permitiu a junção foi um software “treinado” com as vozes dos dois cantores. Até o primeiro semestre de 2023, a música havia sido visualizada mais de 8,5 milhões de vezes no TikTok.

No cinema, a temática tecnológica, antes restrita a filmes, a exemplo de Blade Runner (1982) de Ridley Scott, agora é real e passa a ter a possibilidade de causar grandes transformações na indústria cinematográfica. E o motivo é porque a Inteligência Artificial, com programas como Benjamim, já escreveu até um roteiro de curta metragem. O programa recebeu o roteiro de outras produções e, a partir deles, formulou um novo, diferente dos demais, que recebeu o nome de Sunspring. Não houve participação humana na criação. Críticos apontam que, em algumas partes, o roteiro não se sustenta, inclusive em diálogos.

Já a possibilidade de uma obra de arte ser produzida por uma máquina continua gerando discussão entre os estudiosos do tema. Notícias sobre o assunto sempre causam espanto, como o caso de uma pintura criada por um algoritmo do Google, dentro do projeto “The Next Rembrandt” (O próximo Rembrandt), de 2016. O objetivo foi criar, cerca de 400 anos após a morte do artista, um novo quadro, com a aplicação de tecnologias como machine learning e I.A.



Imagem de Demaerre por Istock

Coincidência ou não, dois anos depois, em 2018, o Instituto Okinawa de Ciência e Tecnologia, no Japão, montou a exposição “Arte e estética de Inteligência Artificial”, com o propósito de compreender se a inteligência artificial poderia produzir arte. A exposição foi organizada em quatro categorias: Arte Humana/Estética Humana, Arte Humana/Estética de Máquina, Arte de Máquina/Estética Humana e Arte de Máquina/Estética de Máquina.



O resultado da pesquisa foi comentado em artigo na USP, por Sérgio José Venâncio Junior, pesquisador da relação entre artes visuais e inteligências artificiais. Ele escreveu que: “para realmente fazer arte, a inteligência artificial precisaria ter autonomia suficiente para estabelecer seus próprios critérios estéticos, sem qualquer interferência de um humano, e fazê-lo sem que isto esteja subjugado a outros propósitos.”

O pesquisador observa ainda que “A máquina deveria fazer “arte pela arte” e tal questão está em aberto, pois abstrair para a forma de algoritmos os processos de formação de elementos tão subjetivos, como um julgamento estético, não é tarefa simples’. Ele complementa que “(...) sabemos que um artista adquire tal senso ao longo de sua formação de vida, aprendendo, experimentando, adquirindo habilidades corporais e mentais, evoluindo seus critérios e sua poética.”



Imagem por Pixabay

Estudos já apontam diferentes formas de interseção entre arte e Inteligência Artificial, por meio da utilização de algoritmos de IA, que, através de processos matemáticos, fornecem imagens, sons e animações singulares. É conhecida como arte generativa, por permitir que artistas conheçam outras formas de expressão que seriam impossíveis de criar utilizando métodos tradicionais. Artistas que produzem arte generativa precisam de computadores para criar e produzir um novo diferente.

No circuito das artes, são inúmeros os artistas que têm se posicionado contrário a esta possibilidade de intervenção, uma vez que o “esforço” é feito pelo computador e que este seria o verdadeiro criador. Ou seja, aquela arte é externa ao homem,

não existiria sem a máquina. Os que defendem o uso da tecnologia apontam que embora sejam resultados provenientes de um computador, o artista-usuário é que escolheu a programação a partir do senso de arte de que é dotado. Ou seja, haveria a intervenção humana.



Imagem de 3DScultpor por Istock

A polêmica leva à questão de que a Inteligência Artificial representa, também, um grande desafio nas expressões artísticas quando se fala do artista ser ou não autêntico e original quando cria com a ajuda desta tecnologia. E chega ao ápice por englobar também a questão da ética. Uma obra impulsionada pela IA, produzida a partir de algoritmos, seria autêntica? Pode ser atribuída ao artista por ele ter feito os comandos para que a máquina gerasse a obra?

A discussão sobre a originalidade está embasada no fato de que a IA não parte do zero para criar algo. A tecnologia tem que analisar dados para que “aprenda” e execute uma obra de arte. Se ela tem que analisar o que já existe para produzir arte, o resultado não seria original, não seria novo.

Uma vez que os algoritmos de Inteligência Artificial recebem a interferência tanto dos dados empregados no seu treino, como a influência dos programadores, é impossível dizer – pelo menos atualmente - se há imparcialidade no desenvolvimento dessas obras de arte. Até que ponto essas obras não espelham características das anteriores, cujos dados foram utilizados? Seria ético um resultado a partir de dados de produções de outros artistas?



Imagem por Pixabay

Há quem diga que a criação conjunta do ser humano com a Inteligência Artificial pode valorizar ainda mais as formas de expressão artística, pelo suporte feito a partir do potencial de processamento e análise dos algoritmos de IA. E que assim se teria obras exclusivas, personalizadas e voltadas para nichos. Mas aí surge outro problema que só o tempo vai dar a resposta: como fica o mercado das artes? Como atribuir valor ao que a máquina produz? Exemplo: caso “O novo Rembrandt”, citado nesta reportagem, fosse exposto em um museu como uma obra encontrada séculos depois, os especialistas conseguiriam descobrir a sua origem?

A polêmica aproximação da arte e da Inteligência Artificial ainda nos deixa sem respostas para importantes inquietações. Uma arte produzida com o suporte da IA terá o mesmo peso de obras de grandes nomes da humanidade, como Leonardo da Vinci,



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Van Gogh, Picasso? Caso o avanço da tecnologia se torne ainda mais rápido, corre o risco de o artista e o seu processo de criação serem preteridos pela agilidade e possibilidade de atendimento de interesses específicos que a IA pode proporcionar? E invocando a ética, o público vai conseguir distinguir o que é produto humano de uma produção da tecnologia? Respostas talvez nas próximas décadas.



Imagem de 3DSculptor por Istock

Fontes:

- <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/152262/153219>
- <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/inteligencia-artificial-e-arte/>
- https://issuu.com/itaucultural/docs/catalogo_consciencia_cibernetica_2019

INSTAGRAM



POST NO SITE



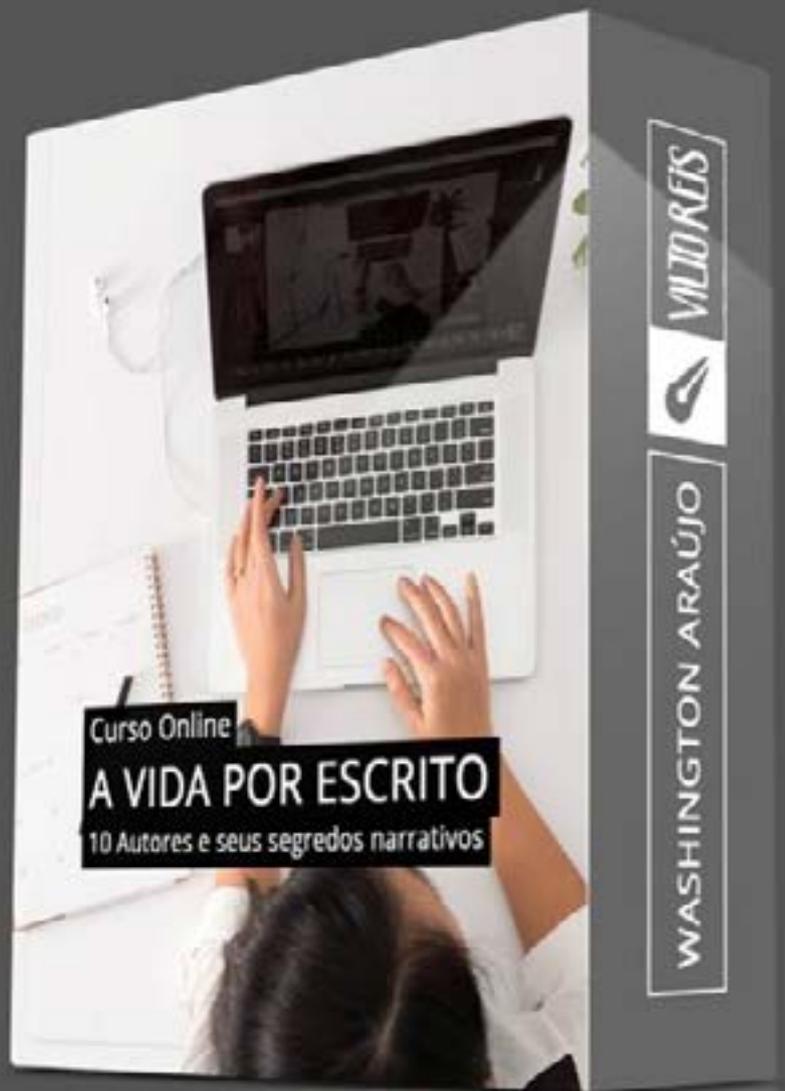


THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Conheça o Curso

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus segredos narrativos



CLIQUE AQUI





THE BARD
ESCRITA PARA TODOS

Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



Nov & Dez 2023

Clique aqui para acessar a Revista em 3D



Revista Interativa THE BARD
Ed. Novembro & Dezembro 2023

6 Boas-vindas

Revista Mês Jul & Ago - Lu Ferreira

7 Símbolos & Funções

Saiba como funciona os ícones da Revista

10 Colunas & Colunistas

Links ativos para as colunas

12 Matéria de Capa

A arte e a Inteligência Artificial
Por Ana Márcia Diógenes

20 Ficha Técnica

Processo editorial, colunistas, colaboradores e representantes internacionais

22 Tudo Sobre Cinema

Por Claudia Faggi

30 Grandes Autores

Inteligências artificiais provocam bellissimas criações de arte
Por Vanina Sigrist

34 Mãe África

As máscaras do Povo Txokwe
Por Alegria Mauro

38 Autopoiese & Narrativas

Tecnologias e seus avanços
Por Stella Gaspar

44 Frases & Pensamentos

Frases e seus autores

46 Cinema: E Aí, qual é o Filme?

Por Lauro Henrique

52 História das Artes

A arte e a Inteligência Artificial
por Betânia Pereira

58 Cinema

Dicas séries e filmes por Cacá Matos

60 Prosa Poética

- Artigo Jeane Tertuliano
- Prosa de Clarice Lispector
- Prosadora Jeane Tertuliano
- Prosadora Cacá Matos
- Prosadora Jaque Alenncar
- Prosadora Jéssica Sabrina
- Prosadora Mari Ventura
- Prosadora Rita Queiroz

70 Crônicas

- Cronista Andréa Carvalho
- Cronista Joaquim Cesário de Mello
- Cronista Carol Oliveira
- Cronista Kryssia Ettl
- Cronista Charles Luciano
- Cronista Stella Gaspar
- Cronista Jefferson Costa Machado
- Cronista Verônica Lazzeroni
- Cronista Matile Facó
- Cronista Neri Luiz Cappellari
- Cronista Roberto Minadeo
- Cronista Rute Ella Dominici
- Cronista Sônia Regina Rocha

92 Coluna Dialética

• Artigo "Robótica! Realidade Thanshumana e Tecnológica"
Por Clayton Zocarato

100 Nau Literária - Entrevistas

• "O que é uma entrevista?"
por Magna Aspásia

Entrevistado:

- Professor e escritor Albanês Bahkim Abazi

114 Mitologias & Crônicas

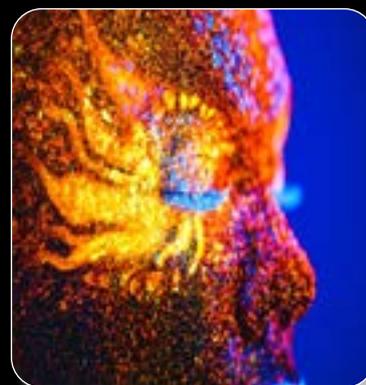
• Artigo "As Icamiabas, Guerreiras Amazonas"
Por Ladylene Aparecida

122 Alma em Perspectiva

• Artigo "Sem medo do desconhecido: tudo é natural e surpreendente"
por Mia Koda

126 Fotografia

• Artista Sandra Honors



12



30



38



52



128 Contos & Minicontos

• Minicontos:

- Escritor Carlos Batista
- Escritora Elizabeth Calderón
- Escritor Neri Luiz Cappellari
- Escritora Stella Gaspar
- Escritor Tony Roberson
- Escritor Valterlucio Campelo

• Contos:

- Escritor Dias Campos
- Escritor Fagner Rocha
- Escritor Luís Amorim
- Escritor Giovanni Alckmim
- Escritor Rogério Amaral
- Escritor Valterlucio Campelo
- Escritora Maíza Dutra Pereira
- Escritora Rilnete Melo
- Escritor Edu Ravallet
- Escritora Kryssia Souza

158 À Poesia

Países participantes na Revista The Bard

160 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

- 161 Poetas & Poetisas
Poetisa Edna Lessa 
- 162 Poetas & Poetisas
Poetisa Liécifran Borges 
- 163 Poetas & Poetisas
Poetisa Maíza Dutra 
- 164 Poetas & Poetisas
Poeta Joaquim Cesário 
- 165 Poetas & Poetisas
Poetisa Elizabeth Senra 
- 166 Poetas & Poetisas
Poeta Carlos Eduardo 
- 167 Poetas & Poetisas
Poetisa Marina Alexiou 
- 168 Poetas & Poetisas
Poetisa Adelina Sanches 
- 169 Poetas & Poetisas
Poetisa Rita de Cássia 
- 170 Poetas & Poetisas
Poetisa Rilnete Melo 
- 171 Poetas & Poetisas
Poeta Valterlucio Campelo 
- 172 Poetas & Poetisas
Poetisa Mia Koda 
- 173 Poetas & Poetisas
Poeta Paulo Menezes 
- 174 Poetas & Poetisas
Poetisa Andréa Siqueira 
- 175 Poetas & Poetisas
Poetisa Arely Soares 
- 176 Poetas & Poetisas
Poetisa Lírio Reluzente 
- 177 Poetas & Poetisas
Poeta William Novaes 
- 178 Poetas & Poetisas
Poeta Marcio Niero 

- 179 Poetas & Poetisas
Poetisa Vanessa Gonçalves 
- 180 Poetas & Poetisas
Poetisa Maria Luíza Sousa 
- 181 Poetas & Poetisas
Poeta Rodrigo Petit 
- 182 Poetas & Poetisas
Poetisa Juliana Rossi 
- 183 Poetas & Poetisas
Poeta Luiz Ribeiro 
- 184 Poetas & Poetisas
Poetisa Vivian Anne Oliveira 
- 185 Poetas & Poetisas
Poeta Tonho Guede 
- 186 Poetas & Poetisas
Poeta Rodrigo Bandeira 
- 187 Poetas & Poetisas
Poetisa Stella Gaspar 
- 188 Poetas & Poetisas
Poeta David Laureano 
- 189 Poetas & Poetisas
Poetisa Maria Catarina Araújo 
- 190 Poetas & Poetisas
Poetisa Carolina Miranda 
- 191 Poetas & Poetisas
Poeta J.B Wolf 

192 Música e Literatura em Diálogo

Artigo: "O mar cantado além-mares..."
Por Elvira Drummond

202 Desnuda em Palavras - Erótico

Por Tônia Lavínia

Entrevistada:
- Lady Abadom

212 Prosa

- Poetisa Marina Alexiou

214 Artigo

- Escritor Carlos Batista
- Escritor David Ehrlich

218 Texto

- Escritora Marina Alexiou
- Escritora Thiesca de Oliveira

222 Marketing & Divulgação

Segue a rede social de nossos colaboradores

224 Agência The Wolf Bard

Gestão e Marketing de Redes Sociais

228 Vitrine The Bard

Prestigie os escritores Nacionais

242 Parceria Vip Selo Litero-Cultural The Wolf Bard



128



192



202



242





Expediente

Revista The Bard
Ano 4, Nº 22, Novembro e Dezembro 2023
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Redatora Digital: Mia Koda

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Lu Ferreira, J.B Wolf, Stella Gaspar

Representantes Internacionais:

- Representante autorizado no continente Africano
Alegria Mauro 
- Representante autorizada no Chile
Andrea Rios 

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Ana Márcia Diógenes
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Grandes Autores - Vanina Sigris
- Mãe África - Alegria Mauro
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- E aí, qual é o filme - Lauro Henrique
- História das Artes - Betânia Pereira
- Cinema: Séries & Filmes - Cacá Matos
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Alma em Perspectiva - Mia Koda
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Música e Literatura em diálogo - Elvira Drummond
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Marketing e Divulgação: Equipe de Colaboradores
páginas 222 e 223

Arte de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música





Tudo sobre

CINEMA

10



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



Que honra falar com você sobre cinema aqui, na Revista The Bard.

O cinema é uma janela para um mundo de possibilidades. Através dele, somos transportados para realidades distintas, mergulhamos em histórias profundas e nos conectamos a emoções universais. Sua capacidade de nos fazer sonhar, refletir, compreender e até mesmo nos perder em mundos fantásticos é o que torna essa arte tão poderosa e mágica.

Muitas vezes, a arte se inspira na vida real, refletindo o que acontece ao nosso redor, mas também a vida pode ser influenciada pela arte, já que esta pode provocar mudanças, inspirações e moldar nossa visão do mundo.

Então vamos a edição de Novembro e Dezembro.

INSTAGRAM

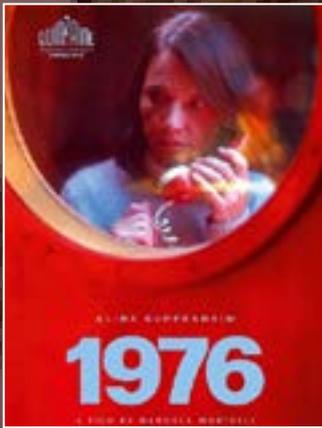


YOUTUBE



POST NO SITE





POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



Tudo sobre

CINEMA

1976

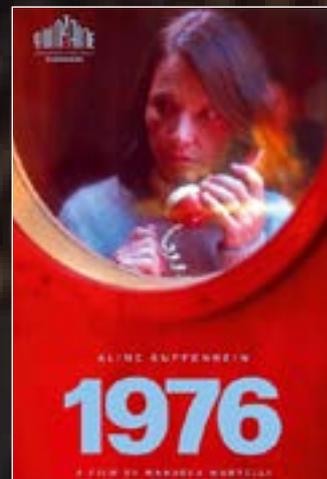
Ambientado no Chile de 1976, o filme acompanha Carmen Küppenheim, uma dona de casa de 50 anos que desfruta de uma vida burguesa e muito confortável. Ao viajar para sua casa de verão, a protagonista é procurada pelo padre Sánchez (Medina) que lhe pede ajuda para cuidar de Elías (Sepúlveda), um jovem misterioso e ferido que faz parte da resistência contra o ditador Augusto Pinochet.

Assim, pelo seu amplo conhecimento médico adquirido após anos casada com Miguel (Goic), um doutor renomado de Santiago, Carmen concorda em ajudar. Mas ao fazer isso, sua vida toma rumos totalmente inesperados e perigosos.

Aclamado pela crítica, 1976 foi indicado na categoria de Melhor Filme Ibero-Americano no 37º Prêmio Goya.

Nos Festivais Internacionais de Cinema de Atenas, Tóquio, Londres, Jerusalém e Valdivia, a produção venceu em todos.

No Rotten Tomatoes, o trabalho de Manuela Martelli tem um índice de aprovação de 100%. Segundo o consenso do site, "1976 é um noir histórico intrigante que radiografa a sociedade paternalista e patriarcal de Pinochet através dos olhos de uma mulher burguesa que ousa tomar uma posição".



Em grandes veículos internacionais, como é o caso do The Guardian, o jornalista Peter Bradshaw tece elogios ao projeto, afirmando que ele "é feito com uma segurança emocionante, e a tensão e a crise espiritual de Carmen são transmitidas de forma soberba, com uma trilha sonora enervante de María Portugal.

Resumindo, você tem muitos motivos para assistir esse filme premiadíssimo!



Clique aqui

Tudo sobre

CINEMA



A IMPERATRIZ

A Série alemã da Netflix, "A Imperatriz" toma liberdades criativas para contar a história da imperatriz austríaca Elisabeth da Baviera.

Comparada a Lady Di e considerada uma das primeiras celebridades da realeza europeia, Elisabeth — apelidada de Sisi — nasceu em 24 de dezembro de 1837 em Munique, Baviera. Filha do duque Maximilian Joseph da Baviera e da princesa Ludovika da Baviera, a menina de espírito livre teve uma educação informal, gostava de literatura e frequentemente fugia das aulas para explorar o campo. No entanto, a vida sem responsabilidades mudou completamente quando a jovem se casou com o imperador Franz Josef, aos 16 anos.

Em 1853, a princesa Sophie da Baviera, mãe do imperador Franz Josef, de 23 anos, decidiu que queria ter uma sobrinha como nora, e então, arranjou um casamento entre seu filho e a filha mais velha de sua irmã Ludovika, a jovem Helene, irmã de Elisabeth. Porém, assim como um romance hollywoodiano, o imperador acabou se apaixonando instantaneamente por Sisi.

Desafiando a mãe, Franz pediu Elisabeth em casamento e informou Sophie que se não pudesse se casar com Sisi, não se casaria com mais ninguém. Os jovens oficializaram a união oito meses depois do anúncio oficial da relação, na Catedral Agostiniana de Viena, em 24 de abril de 1854. Juntos, tiveram quatro filhos.

E é nessa história real que se baseia "A Imperatriz", série da Netflix que tem uma pegada pop, uma excelente produção, assim como figurinos impecáveis e excelentes atuações.

Não é de hoje que histórias da realeza entram pelas portas de nossa casa, mas acredite, essa série

merece ser recebida com champanhe.

Infelizmente "A Imperatriz" tem apenas uma temporada e seis episódios, porém temos informações que a segunda temporada será gravada.

Uma nota interessante é que Elisabeth sofria de melancolia, que é o nome dado a uma doença conhecida hoje como depressão) e de um grave distúrbio alimentar. Mas tudo isso ainda piorou quando a vida da imperatriz passou a ser marcada por grandes perdas.

Boa série regada por uma incrível aula de história!

Beijos!

Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

AMOR E MORTE



É na HBO MAX que você encontra a série true crime Amor e Morte. Abordando a infelicidade no casamento, traição, ciúme e muita tragédia, o roteiro mistura situações em que a comunidade religiosa de uma pequena cidade americana se recusa a enxergar.

O roteirista e produtor americano David E. Kelley sabe muito bem disso. Criador da série Big Little Lies, ele volta a apostar no gênero com a minissérie Amor e Morte, lançada na HBO Max.

Dessa vez, o saldo positivo é resultado de uma série de decisões acertadas. Baseada em uma história real, com enredo familiar ao público norte americano, já explorado pelo noticiário e transformado em livro, Amor e Morte entrega logo no título e nas cenas de abertura seus pilares principais. Com um crime brutal anunciado de cara, é possível recuar dois anos na história para contar com calma o início de tudo e apresentar melhor seus protagonistas dentro de seus contextos familiares e sociais nessa pequena cidade do Texas onde todos se conhecem. E é justamente daí que surge o que a produção tem de melhor para oferecer.

Candy (Elizabeth Olsen) se interessa por Allan (Jesse Plemons). A dona de casa que se encontra extremamente entediada com a rotina dos filhos e da casa, além de seu marido sempre distante.

Candy não nega que está atrás de uma aventura, mas o desejo é tão intenso que ela não cogita ficar restrita a uma fantasia. Decidida, ela propõe que os dois tenham um caso.

Amor e Morte é mais um acerto da HBO MAX e você não pode perder!

Beijos

Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

BIG LITTLE LIES

A realidade é essa, não tem mais volta! A alta qualidade das séries de hoje está se transformando quase que um pré-requisito.

Big Little Lies, Pequenas Grandes Mentiras é uma série da HBO com duas temporadas, e é mais um grande exemplo de que investir em aspectos técnicos e em nomes FORTES em Hollywood pode ser assertivo.

O elenco principal é talentoso e conhecido. Em Big Little Lies nós contamos com as atuações impecáveis de Reese Witherspoon, Nicole Kidman, Shailene Woodley, Alexander Skarsgard e até Meryl Streep.

O ponto central da trama é a vida de três mulheres: Madeline, Celeste e Jane, vivendo conflitos por conta de relacionamentos, da criação dos filhos e das fofocas e comentários da pequena cidade de Monterrey, na Califórnia. O que se sabe logo no começo é que houve um assassinato e todas as “pessoas de bem” do local são potenciais suspeitas.

Tudo isso é mostrado de forma não linear, com os investigadores colhendo depoimentos para saber o que aconteceu, enquanto vemos cenas das

vidas dos personagens antes do incidente. Tal técnica contribui para o aumento da expectativa do público, que é levado em todos os episódios a procurar pistas do que aconteceu e com quem.

ESSA SÉRIE É INCRÍVEL!

Beijos e bom divertimento!

Claudia Faggi



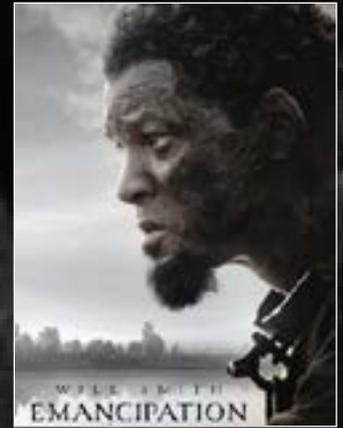
Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

EMANCIPAÇÃO, UMA HISTÓRIA DE LIBERDADE



Estrelado por Will Smith (Um Maluco no Pedaco), o filme Emancipação, Uma História de Liberdade está disponível na Apple TV e já fez sucesso mundialmente.

Não é por acaso. A história é emocionante e a atuação de Will Smith é impecável!

O roteiro é de William N. Collage (Êxodo: Deuses e Reis) e a direção de Antoine Fuqua (Dia de Treinamento), o thriller de ação é baseado em uma história real, que se passa em 1863 e acompanha a jornada tortuosa do escravo Peter, que foge e atravessa os pântanos da Louisiana, nos Estados Unidos, durante a Guerra Civil do país, em busca de reencontrar a família após serem brutalmente separados.

A fotografia é tão bem construída que vai além do nosso entendimento, a mensagem é tocante, dura e fria, a vida é questionada a cada momento em que a história baseada em fatos reais é contada.

Peter se transforma em um homem capaz de enfrentar os seus problemas de uma vez por todas. A história de Peter é inspiradora e mostra que, mesmo diante de enormes desafios, é possível vencer e alcançar a emancipação. Além disso, sua história foi um

marco para a abolir a escravidão, dado a repercussão que os maus tratos que o americano sofreu, inspirou homens e mulheres do mundo inteiro a se libertar de suas correntes. Uma história de amor, superação e fé!

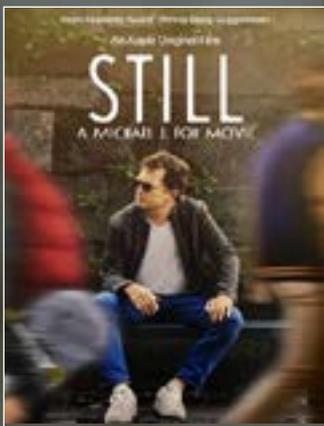
Assista e depois me conta!

Beijos!

Claudia Faggi



Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS

Tudo sobre

CINEMA

STILL: AINDA SOU MICHAEL J. FOX

Se você tem menos de 20 anos é capaz de nem saber quem é Michael J. Fox, mas você pode contar com a internet e os serviços de streaming para conhecer um dos filmes mais bacanas da década de 80, De Volta Para o Futuro, o filme que tem Michael como protagonista.

Agora, quem é mais velho que isso, certamente sabe o sucesso que esse rapaz fez nos anos 80. Principalmente, quando o assunto é De Volta Para o Futuro.

Depois desse sucesso estrondoso, o ator deu uma sumida e somente em 1997, ele revelou que estava sofrendo da Doença de Parkinson.

Michael J. Fox só tinha 29 anos!

‘STILL: AINDA SOU MICHAEL J. FOX’ É UM BELO MATERIAL SOBRE A VIDA DO ATOR.

O documentário nos mostra como está Michael J. Fox nos dias de hoje, ao mesmo tempo que ele faz um grande apanhado de sua carreira. Acompanhamos os dias ruins até o sucesso, e a descoberta de um diagnóstico que mudaria a sua vida. O que acontece quando no auge de sua carreira você descobre uma doença incurável que irá afetar a vida pessoal e profissional para sempre? Como uma pessoa otimista e inquieta consegue lidar com uma doença que piora com o tempo?

Assista esse documentário e mude sua maneira de enxergar a sua vida e o mundo!

Still está na Appel Tv a vale muito a pena!

Beijos!

Claudia Faggi



Clique aqui



Grandes Autores

06



Vanina Sigríst 

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.

Inteligências artificiais provocam belíssimas criações de arte

Por Vanina Sigríst

Inteligência artificial e arte. Muitos de nós leem essa frase vendo nela um embate. Muitos de nós a leem vendo aí uma potencialidade. Eu não sei ao certo o que você sente ao se deparar com tantas notícias recentes sobre esse tema. Também eu confesso ainda estar um tanto perdida, dada a complexidade dessa paisagem. O que me tranquiliza é saber que aqui, nesse cantinho da revista *The Bard*, podemos trocar uma ideia sobre se afinal de contas a arte tem relação com a inteligência artificial ou não.

A primeira questão que quase todos colocam é a da criatividade. Enxergam na arte um campo privilegiado de criação, de engenhosidade, de genialidade humana (intocável ou que ao menos deveria assim permanecer). Tudo o que as máquinas a princípio ainda não sabem fazer. Para piorar, elas parecem imitar mal o que os artistas humanos tanto se dedicam a inventar, roubando-lhes descaradamente ideias, referências e citações, no acesso ao mundo web.

Daí surge a segunda questão, a da autoria. A quem atribuir e a quem pagar pelo trabalho desenvolvido com a utilização de uma inteligência artificial instalada em seu computador? De quem é a foto? De quem é a imagem que ilustra o livro? De quem é a peça de arte em formato NFT (non fungible token ou token não fungível)? Regulamentações jurídicas são então conclamadas para que se coloquem os pingos nos is. Nem parece ser arte um resultado que pode ser obtido em poucos minutos. Não parece condizente com a fantasia que criamos de um artista consumido por um trabalho árduo de sensibilidade. Pincelar digitalmente é facilitar demais as coisas, quando podemos imaginar que um óleo sobre tela deva receber no mínimo 8 camadas de tinta e 39 correções feitas por uma mão trêmula e cansada.

Eu sinto que muitas das questões que têm aparecido em debates, entrevistas, colunas de jornal e revista, vídeos de streaming e opiniões fervorosas em redes sociais sobre o encontro entre as inteligên-

cias artificiais e as artes são equivocadas. Porque elas me parecem trazer como fundamento visões distorcidas do que sejam esses processos, especialmente no que se refere a arte. Grande parte do público, por desconhecimento técnico ou movido pelo desejo da polêmica fácil, sequer entende bem o que realmente seja um sistema inteligente de busca de padrões e reconhecimentos, tampouco suas consequências para a economia global (das finanças mas também dos nossos afetos); o que mais sabem fazer é alardear cenários apocalípticos de robôs mais inteligentes que nós que certamente, na primeira oportunidade, irão nos destruir.

Quanto a arte muitos sustentam uma visão purista e anacrônica, passando bem ao largo de um debate suscitado há décadas sobre o quanto de criatividade e o quanto de economia há na arte, e o quão inócua é a busca pela definição de fronteiras precisas. Sempre me recordo da gravação de uma palestra de Silvio Meira para o Sesi Cultura Digital, ocorrida há uns bons anos, a que assisti algumas vezes com intenção de trabalhá-la em sala de aula: a tônica ali era realçar o quanto o processo artístico é estruturado sobre as bases da lógica industrial da série, das muitas variações de uma mesma obra, da exploração monetária e de força produtiva de uma ideia um tanto original, há séculos.

A minha tentativa aqui, portanto, é mostrar que as inteligências artificiais que aí estão e todas aquelas que ainda serão criadas nos próximos anos (não serão poucas) servem para compor um cenário conceitual sobre quem nós somos, e as artes têm olhado para elas dessa forma, como incômodas, estranhas, desafiadoras, e têm buscado por meio delas e com elas criar belíssimas obras, com efeitos encantadores.

Afinal, as inteligências artificiais são sistemas algorítmicos que correspondem aos avanços característicos do nosso capitalismo de dados, e as gigantes da tecnologia detêm tanto as competências técnicas quanto o acesso às massas de informações digitais, superproduzidas em motores de busca e redes sociais. As aplicações das chamadas I.A.s são

inúmeras e irreversíveis: reconhecimento por biometria, mapeamento facial de segurança, cadastros em sites oficiais, bancos de dados de delegacias, softwares de sistemas médicos, dentre tantas outras.

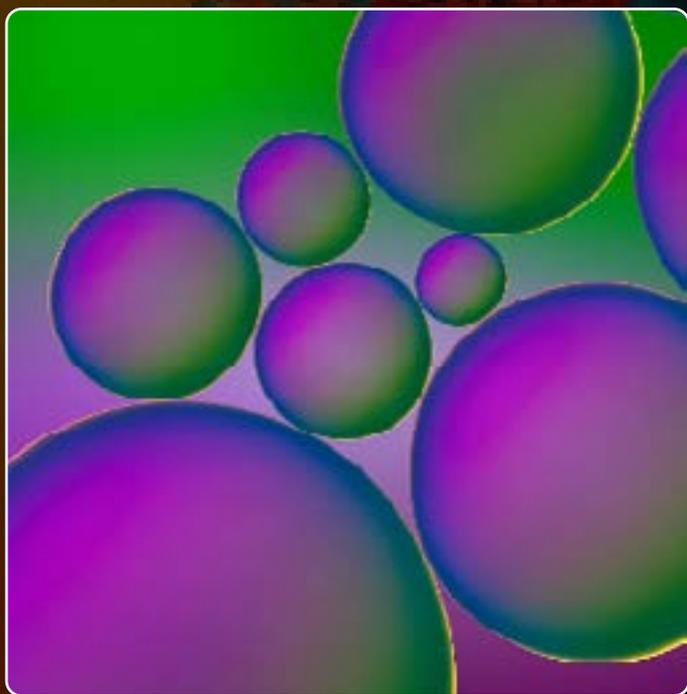
Evidentemente que elas também estejam nos ambientes e processos culturais. E o que de melhor elas podem fazer, na minha opinião, é provocar os artistas, e que eles assim provocados proponham projetos com o uso de I.A.s que valham a pena conhecer, como estes três que apresento aqui.

A artista alemã Louisa Clément está empenhada em produzir um conjunto de bonecas à sua imagem e semelhança, que utilizarão de um sistema de inteligência artificial para poderem gesticular e falar, num efeito de avatar hiperrealista que coloca em questão quem é a artista verdadeira e quem é a cópia. Trata-se de um processo criativo durante o qual vai se tornando cada vez mais impossível determinar os limites entre o que é humano e o que é máquina, o que é original e o que é falso, e quais características são realmente inerentes à formação da nossa identidade, tema caro à jovem artista. As fronteiras, assim, entre verdade e mentira, entre fatos, fake news e deep fakes, entre presença e ausência de artistas e celebridades que já se foram e que podem agora retornar a palcos e anúncios publicitários, são abaladas.



A dupla conhecida como A. A. Murakami produz obras com tecnologia efêmera para evocar os primórdios de nossa origem e possíveis mundos

futuros, já há alguns anos. Um trabalho em específico, intitulado Floating World Genesis, é composto por 250 NFTs com cenas animadas de bolhas coloridas que buscam emular a expansão da energia e a divisão de moléculas e células durante a origem da vida no planeta Terra. Também outros projetos desses artistas, que transitam entre Londres e Tóquio, respondem a esse propósito de ilustrar o imaginário que nos alimenta há muito tempo sobre o que teria acontecido antes de nós, o que já rendeu experimentos inclusive científicos em décadas passadas. Passado e futuro são construídos com o uso de inteligências artificiais sofisticadas para que possamos ver o que nunca vimos e sentir o que nunca sentiríamos de outra maneira.



Já em território nacional cito o experimento Álbum Afirmativo, coordenado por Guilherme Bretas, com curadoria de Ana Paula Rodrigues Borges, pesquisa de Rodrigo Augusto das Neves, coparticipação do Coletivo Malungo da FAUUSP e da equipe do Preta Lab e texto de Giselle Beiguemann (a quem acompanho faz um tempo). Uma seleção de 28 fotos tiradas pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), retratos de ex-escravizados, pertencentes ao acervo do Museu Paulista da USP, foram exibidas aos pesquisadores negros que integravam

a equipe e suas emoções foram gravadas em vídeo e trabalhadas com técnicas de deep fakes para dar movimento àqueles rostos estáticos das fotografias de época. O propósito principal era utilizar I.A.s para dar voz àqueles historicamente silenciados, mas o grupo de pesquisa chegou à conclusão de que tais tecnologias não respondem bem a retratos fotográficos de pessoas negras tanto quanto de brancas. O resultado dos deep fakes reforça a percepção que hoje já se tem sobre o quanto o racismo estrutural impregna sistemas computacionais ditos inteligentes.



Com essa pequena mostra espero ter conseguido trazer um novo olhar sobre como as inteligências artificiais carregam provocações que são muito nossas e das quais não podemos nos esquivar, e mostrar como os artistas problematizam o debate de um jeito também muito próprio, conectando-se visceralmente com angústias, recursos, desafios e riscos que as tecnologias impõem, criando a partir do que aos poucos tentamos entender destes nossos tempos.

Até a próxima!

Inteligências artificiais provocam belíssimas criações de arte

Por Vanina Sigrist



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



04



Alegria Mauro Manuel



Alegria Mauro Manuel, poeta e escritor, formado em engenharia de geologia, participou da antologia angolana *N'zila – Caminho do sonho* e nas antologias Brasileira *Encantos Nordestinos*, *Taverna Poética*, antologia *Pessoa*, cartografias do coração e representa a revista interativa *THE BARD* em Angola.

AS MÁSCARAS DO POVO TXOKWE

As máscaras desempenham um papel fundamental na cultura Txokwe/Côkwe, uma etnia do sudoeste da África, com maior abundância na República Democrática do Congo, Angola e Zâmbia. Há séculos que os “Txokwe/Cokwe” esculpem diversas variantes de máscaras em representação da vida em comunidade, elas são consideradas símbolos sagrados e são usadas em rituais e cerimônias importantes, como casamentos, funerais e festivais. As máscaras Txokwe são feitas à mão por artesãos habilidosos, utilizando materiais naturais como madeira, fibras vegetais e pigmentos orgânicos, cada máscara tem um significado único e representa deidades, ancestrais, espíritos protetores ou figuras mitológicas, além desses aspectos, as máscaras Txokwe também são apreciadas por sua beleza estética, com padrões intrincados e cores vibrantes, elas são um tesouro cultural que preserva a identidade e a história do povo Txokwe, transmitindo conhecimentos ancestrais de geração em geração.

Em Angola as máscaras são também conhecidas como máscaras de Lunda-Tchokwe, são um símbolo da cultura tradicional do povo leste do país (Lunda-Sul/Saurimo, Lunda-norte/Dundo e Moxico/Luena), neste contexto, podemos dizer as máscaras

angolanas, na sua generalidade, têm uma relação com a música, dança e as cerimônias rituais. A maior parte das áreas socioculturais de Angola considera que as máscaras detêm um poder sobrenatural que consagra as instituições e servem de mediadores entre o mundo dos vivos e dos espíritos dos antepassados, para manter a ordem e harmonia nas comunidades.

O exemplo de rituais onde são usadas as máscaras é o Mukanda ou traduzindo para o português – Circuncisão, nesta cena, as máscaras são usadas apenas por homens na condição de circuncidados e é interdito às mulheres e aos indivíduos de sexo masculino ainda não circuncidados. É importante entender que, quando usado a máscara, o indivíduo recebe o nome de Mukixi (traduzindo – palhaço) - uma figura que tem uma crença paradoxal que é ressuscitado no cemitério através de um ritual (dependendo da cerimônia a celebrar), o seu plural na língua Txokwe é Akixi.

As máscaras na cultura Txokwe são diversas e ricas em simbolismo. Dentre várias variedades, aqui estão algumas máscaras relevantes, representando o gênero feminino e masculino:

Máscaras que representam gênero feminino:

1. Máscara Txihongo/Cihongo: Esta é uma máscara feminina que representa a beleza e a feminilidade. Ela é adornada com detalhes delicados, como traços suaves e enfeites intrincados, simbolizando a elegância e a graça das mulheres Txokwe.



2. Máscara Nyakana: Essa máscara também representa o feminino e é associada à fertilidade e à abundância. Ela é decorada com elementos vegetais, como folhas e frutas, representando a conexão das mulheres Txokwe com a terra e a natureza. Ela apresenta formas arredondadas e símbolos de maternidade, como seios e barriga proeminentes, representando a capacidade das mulheres de dar

vida. Através dessa representação física, a máscara Nyakana evoca a imagem da mãe protetora, que cuida e ampara seus filhos.

Além de sua conexão com a maternidade, a máscara Nyakana representa a força vital feminina, a capacidade de gerar vida e sustentar a continuidade da comunidade Txokwe. Nas cerimônias de casamento, essa máscara é usada para abençoar o casal com prosperidade e para invocar bênçãos de fertilidade para que possam ter filhos saudáveis.

3. Máscara Mwana Pwó: É uma peça de arte tradicionalmente usada pelos Txokwe. Essa máscara é considerada sagrada e desempenha um papel importante nas cerimônias e rituais da comunidade. A Mwana Pwó é uma máscara de rosto humano que representa um ancestral ou espírito ancestral, ela é esculpida em madeira e decorada com materiais como conchas, fibras vegetais, penas e pigmentos naturais, cada detalhe da máscara tem um significado simbólico profundo para os Txokwe.

Uma característica marcante da máscara Mwana Pwó é a sua expressão facial. Ela geralmente apresenta olhos grandes e arredondados, sobrancelhas elevadas, nariz alongado e lábios entreabertos. Esses elementos conferem à máscara uma aparência poderosa e misteriosa. A Mwana Pwó é usada em várias ocasiões significativas, como rituais de iniciação, funerais, colheitas e outras celebrações comunitárias. Ela desempenha um papel central nessas cerimônias, representando a conexão entre os vivos e os ancestrais. Acredita-se que a máscara possua poderes espirituais e seja capaz de canalizar a sabedoria e proteção dos antepassados. Além do seu significado espiritual, a máscara Mwana Pwó também possui um valor estético e artístico. Suas formas elegantes, detalhes intrincados e combinação de cores criam uma obra de arte visualmente impressionante.

Existe uma diferença entre a máscara Mwana Pwó e Nyakana. A máscara Mwana Pwó é tradicionalmente usada pelos Txokwe na África Central, en-



quanto a máscara Nyakana é associada aos Bambara na África Ocidental (Mali, Senegal Guiné e Burkina Faso).



Dentre as esculturas do povo Txokwe, a máscara Mwana Pwó é a mais conhecida pelo mundo a par de outra escultura (não máscara) Samanhonga, traduzido para pensador, que está presente no dinheiro de Angola Kwanza (em nota).

Máscaras que representam gênero Masculino:

1. Máscara Txikungu/Cikungu: Essa máscara masculina é conhecida por sua expressão feroz e imponente. Ela é usada em rituais de iniciação masculina, simbolizando a força, coragem e liderança dos homens Txokwe.

2. Máscara Txitembo/Chitembo: Essa máscara masculina é usada em rituais de cura e representa os espíritos de curandeiros ancestrais. Ela possui detalhes intrincados, como símbolos de medicina e ferramentas de cura, simbolizando o conhecimento e o poder de cura transmitidos pelos homens Txokwe. Essas máscaras são apenas algumas das muitas que existem na cultura Txokwe, cada uma com sua própria história e significado. Elas desempenham um papel importante na preservação da identidade cultural e espiritualidade desse povo fascinante.

3. Máscara Txihongo/Cihongo é habilmente esculpida em madeira, com traços fortes e expressivos que ressaltam a virilidade e a sabedoria masculina. Ela apresenta uma face estilizada, muitas vezes com uma testa ampla e proeminente, olhos penetrantes, nariz largo e lábios firmes. A expressão facial transmite determinação, autoridade e respeito. Essa máscara é frequentemente pintada com cores simbólicas, como o vermelho, que representa a coragem e o poder, e o preto, que simboliza a maturidade e a sabedoria. Os detalhes minuciosos da máscara, como cicatrizes faciais ou ornamentos elaborados, revelam o status social ou o papel específico do homem representado.

A máscara Txihongo/Cihongo é usada em diversas ocasiões importantes na sociedade Cokwe/Txokwe. Ela desempenha um papel fundamental nas cerimônias de Circuncisão ou iniciação dos jovens masculinos, marcando sua transição para a idade adulta e transmitindo os valores da masculinidade. Durante essas cerimônias, os homens dançam usando essa máscara para demonstrar força, coragem e habilidades tradicionais.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Angola

Saurimo, Lunda-sul

Alegria Mauro



COLUNAS E COLUNISTAS

POEMA PORTUGUÊS

INSPIRA-ME

Inspira-me meu amor
Inspira-me como azul do teu céu
Quero ser teu

Toca em mim a tua música
No teu tom suave
É melodia harmónica

Doa a tua bússula
Para quando não mais te encontrar
Ir a tua busca

Mostra-me teu nome
Porque o teu morrer não é sorte
Até chegar ao leste,
Oeste,
Para quando no norte te perder
Buscar-te por estes

Chama-me filho
Mostra-me o caminho
Chamar-te-ei na dor
Porque me confortas com teu calor

Abraças-me ao frio
É amparas-me ao vento
Sou tua flor
Rega-me com teu rio
Chamar-te-ei quando chorar
Chamar-te-ei no alegrar
Fonte de água e vida
Sacía-me a sede
É dá-me vida
Sacía-me a fome
Pão e vida
Eis-me aqui
Inspira-me

Dialeto TXOKWE

NGULONGESE =AM=

Ngulongese zange yami
Ngulongese ngwe ulauluke wa mwilu
Ngunazange kupwa wika wayena

Ngwimbixe muaso we
Nji liji lie lipema
Myaso nyi mimbo

Ngwehe chisolola ché
Muze chahaxile ku kuwana
Ngu ka kufuphe

Ngulweze jina lié
Mumu kufa txé nyi somókó hanji songo, khá
Uheta ku chivumbuko
Hanji ku chitokelo
Muze hanji ku mutoka ku chimeso
Ngu ka kufuphe ngu inyingi ino

Ngusanyike mwana
Ngulweze jila
Ngu kusanyike ha lamba nyi ikolo
Mumu waku ngulembejeka nyi kavumya ké

Ngu kakaminya ha chixika
Ngu koleza ha fuji
Nguli chithemo ché
Ngu hinjile meya a mu luji wé
Mu ngu kusanyika ha kulila chami
Mu ngu kusanyika ha kusehejela
Njiji ja meya a mwono
Ngu kuchise ha pwila
Ngehe mwono
Ngu kuchise ha zala
Mbolo nyi mwono
Yami yono
Ngulongese.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Coluna *Autopoiese* & Narrativas

10



Stella Gaspar

Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária. Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Busca com seus escritos desvelar as belezas da alma. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve textos e poesias com diferentes temas no Blog da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Autopoiese & Narrativas", na Revista Internacional Internacional The Bard.

Caros leitores da 22ª Edição da Revista Internacional Interativa "The Bard" o tema desta Edição "A arte e a Inteligência Artificial" é amplo e ousado. Com ele muitas descobertas e construções de conceitos, concepções, podem ser elaborados. É a tecnologia do momento, inovadora e entusiasmante enquanto recurso mediador nos dias atuais para a realização de diferentes propostas profissionais e educativas.

Teceremos narrativas que possam leva-los para uma viagem de conhecimentos diferenciados, buscando sempre abrir caminhos para novas autopoieses em suas aprendizagens.

Enfim, os temas aqui trazidos foram por nós selecionados, de modo que vocês tenham uma bonita busca de conhecimentos.

Stella Gaspar

TECNOLOGIAS E SEUS AVANÇOS

É inegável a importância das tecnologias nas atividades profissionais, educativas e no nosso dia a dia, independente da área de atuação.

A ciência da computação vem apresentando avanços sem precedentes: celulares, smartphones, notebooks, tablets, entre outros.

Diante de tantas descobertas faz-se necessário tecermos algumas reflexões sobre esses avanços e suas consequências nos diferentes contextos. Não podemos esquecer a influência do ambiente no desenvolvimento pessoal, como a imaginação, raciocínio lógico, quociente sócio emocional, entre outras competências, nesse tear tecnológico, sendo importante manter-se atualizado por meio de uma literatura especializada, estando atento às atualizações.

Desta forma, os avanços e seus percursos precisam ser por meio da alegria, da arte, da convivência com as novas formas de aprendizagens em movimentos, como olhar as nuvens, as estrelas e sentir que fazemos parte de um universo na leitura de mundo.



Imagem de StartupStockPhotos por Pixabay

Múltiplos olhares, múltiplas inteligências

Mais do que dominar uma máquina, precisamos preparar nossos aprendizes para a versatilidade. Somos capazes de aprender tipos de aprendizagens diversificadas. Com diferentes estilos e recursos de estímulos com ótimos desempenhos.

O nosso cérebro não é só uma inteligência voltada para a linguagem, ele é constituído das informações que recebemos por meio dos nossos cinco sentidos: imagens (visão), sons (audição), sensações (tato), odores e aromas (olfato) e sabores (paladar). É importante o despertar dos dois hemisférios cerebral; o esquerdo e o direito, dessa forma estão estimulando conhecimentos estimulantes e criativos, voltados também para a imaginação. Não há nada de errado em uma criança, um adulto ou um jovem elaborar outras formas de expressão além da linguagem escrita.

Existem outros tipos de inteligências, muito pesquisadas e comprovadas desde que as fontes estimuladoras sejam cognitivamente e afetivamente convidativas e inovadoras, despertando paixões por parte de quem aprende. Paixões pela poesia, pela leitura, abandonando antigos paradigmas, abrindo espaços para a construção de novos em diferentes momentos rumo a autonomia.

Às vezes uma imagem vale por mil palavras, assim encontramos essa expressão em um antigo provérbio. A aprendizagem com base nas inteligências múltiplas envolve fatores cognitivos, afetivos, culturais e sociais. Para autores como J. Piaget (1975, 1982), a aprendizagem depende das condições internalizadas organizadas hierarquicamente em estruturas cada vez mais complexas ativas com o mundo físico e social, para o enfrentamento dos desafios da contemporaneidade.



Coluna
Autopoiese
& Narrativas



Imagem de Andrew Lloyd Gordon por Pixabay

Com múltiplos olhares podemos desenvolver o processo de empatia e alteridade, intersubjetividade gerando princípios da sensibilidade, na convivência dialética.

Autorreflexão – Empatia- Alteridade- Intersubjetividade.

A partir desses aspectos e seus conceitos podemos buscar melhor um delimitar de potencialidades e limites.

Com essas narrativas procuramos refletir o protagonismo do aprendente, no processo de seu desenvolvimento, pensamento lógico e abstrato. (Vigotski, 2001).

O processo de desenvolvimento também destaca-se na criatividade que é a capacidade aqui entendida como sendo a inovação, ousadia, construção, criação e recriação da própria vida.

A arte do emocionar-se

Para apresentar a narrativa acerca dos afetos e emoções, começamos por uma música sugestiva, que para mim enfatiza e valoriza a arte do emocionar-se.



Imagem de bruce lam por Pixabay

Quando a gente ama Canção de Oswaldo Montenegro

*Quem vai dizer ao coração
Que a paixão não é loucura
Mesmo que pareça insano acreditar?
Me apaixonei por um olhar
Por um gesto de ternura
Mesmo sem palavra alguma pra falar
Meu amor, a vida passa num instante
E um instante é muito pouco pra sonhar.
Quando a gente ama, simplesmente ama
É impossível explicar
Quando a gente ama, simplesmente ama.
Quem vai dizer ao coração
Que a paixão não é loucura
Mesmo que pareça insano acreditar?
Me apaixonei por um olhar
Por um gesto de ternura
Mesmo sem palavra alguma pra falar
Meu amor, a vida passa num instante
E um instante é muito pouco pra sonhar.
Quando a gente ama, simplesmente ama
É impossível explicar
Quando a gente ama, simplesmente ama.*

A arte de emocionar-se não constitui um ato mecânico. É um processo vivencial de sensações e emoções. O ser humano é um ser biológico no seu

processo, no seu percurso de vida, mediado pelas experiências com outras referências humanas, que interferem na sua maneira de ser e de agir com outros seres humanos. Logo a sua relação com o mundo é dialética que por sua vez modifica a natureza de seu pensar, reeducando afetos com vínculos aprofundados e nutritivos com outras emoções. A afetividade é o fio condutor, ou seja, é uma vivência com a arte de integração das funções emocionais, cenestésicas e orgânicas.

As emoções, os afetos são artes voltadas para o estar com outras pessoas por meio do amor, da amizade, da empatia, em conexão com a natureza, sentimentos de pertencimento em uma rede de interligações.

Contextualizando a arte e a inteligência artificial (AI)

A Inteligência Artificial (IA) é uma área da computação que se concentra no desenvolvimento de algoritmos e sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente exigem inteligência humana, como aprendizado, raciocínio e tomada de decisão. Nos últimos anos, a (IA) tem sido aplicada em uma ampla gama de setores, incluindo medicina, finanças, transporte e até mesmo na arte.

Na arte, a (IA) tem sido usada para criar novas formas de expressão, gerar conteúdo e até mesmo ajudar artistas a automatizar o processo de criação. Alguns exemplos incluem a pintura criada por um algoritmo da Google, chamada de “The Next Rembrandt”, a música gerada por um software de inteligência artificial da Sony, e até mesmo a criação de roteiros de cinema e televisão. (Paulo Varella - Março 13, 2023).

Embora a (IA) na arte ainda esteja em sua iniciação, ela tem o potencial de transformar o mercado de arte e a forma como as pessoas criam e consomem arte.

A maioria das pessoas que ouve o termo Inteligência Artificial (IA) lembra logo de vários filmes, séries e livros. O tema nos leva a pensar em robôs super inteligentes e suas interações com os humanos. Já quando falamos sobre inteligência artificial com alguém da área de tecnologia, os pensamentos são menos fantasiosos. Para esses profissionais, a (IA) se relaciona às máquinas capazes de funcionar de maneira independente dos seres humanos.

Mas naturalmente à inteligência artificial é a arte, em suas diversas expressões. Você já parou pra pensar sobre isso?

A junção entre arte e inteligência artificial é uma realidade nos dias de hoje. Sua utilização tem sido bastante variada. Todavia o homem, a natureza, continuam a ser olhados na perspectiva humana enaltecendo a sua inteligência. Assim, é preciso não só olhar a (IA) sob uma ótica racional, o mundo humano vai além do olhar racional e linear. Desta forma valorizar aspectos emocionais, desejos e intuições busca caminhos artísticos com a aceitação das diferenças entre as pessoas incorporando a afetividade com a capacidade de amar.

Mais perto de nós, temos a artista plástica brasileira Katia Wille. No início de 2020, parte de suas obras foram exibidas no Museu de Arte Sacra de São Paulo, na mostra ToTa Machina, que significa “Mulher Máquina”, combinou inteligência artificial com as obras da artista. A partir da IA, foi possível proporcionar experiências distintas para cada visitante. Através das máquinas, as obras conseguiam reagir não só à presença humana, mas também às suas emoções. Ou seja, as obras se modificavam à medida que viam e identificavam os sentimentos dos visitantes!

A realidade é que existem muito mais interações entre artistas e máquinas. Os avanços tecnológicos da humanidade costumam caminhar lado a lado com os desenvolvimentos na área da arte, e é isso que estamos presenciando neste momento da história. Nessa discussão, surgem questões.



Coluna

Autopoiese & Narrativas

Arte feita por máquinas ainda é arte? O artista será substituído? Quando uma obra de arte criada por uma (IA) é vendida, quem recebe o dinheiro? Quem é o artista? Qual o valor do seu trabalho e da sua atuação na nossa sociedade? No futuro, ainda será possível diferenciar a arte feita por humanos daquela feita por máquinas?

Não temos respostas ainda para essas questões provocativas. Devemos buscar caminhos seguros no conhecimento, nada é pronto, para cada situação encontramos uma etapa que merece atenção.

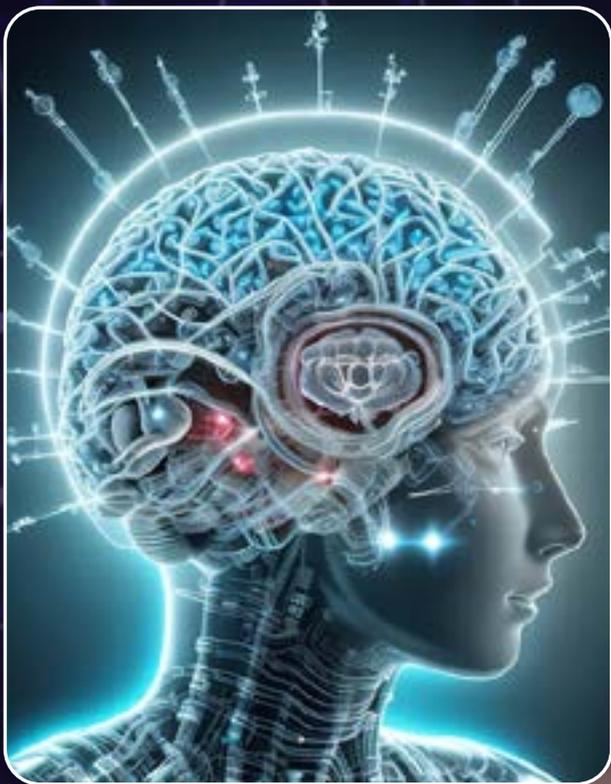


Imagem de Wolfgang Eckert por Pixabay



COLUMNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

A guisa de conclusões

É preciso avançar nas pesquisas científicas despertando mudanças de paradigmas sobre o tema. O uso de ferramentas atualizadas pode ser maravilhoso, a partir do uso adequado... por isso essa narrativa não termina aqui. É o começo de uma nova fase investigativa, artística e educativa.

A criação de arte com inteligência artificial (IA) pode ser vista como uma forma de colaboração entre humanos e máquinas. Nesse sentido, existem diversas ferramentas e técnicas que permitem artistas explorarem e expandirem sua criatividade por meio da (IA).

Desejo-lhes sucessos!

Stella Gaspar



Imagem de User33769719 por Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE



Frases & Pensamentos

O tempo nos recompõe em nossas perdas, nossas reações, nossas cautelas e nossas próprias punições.

Adriana S. Araújo

Não há nada que dure à eternidade.
Nem mesmo essa repentina
e passageira imortalidade.

Joaquim Cesário de Mello

Quando um poeta cria sua poesia é um alquimista das palavras e sentimentos, mas quando declama a poesia é um verdadeiro tradutor de almas.

Poeta Sabedor

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

Mestres são aqueles que conseguem despertar na vida de alguém o desejo de superação, motivação e sonhos para viver.

Francisco Martins

Saudade é a ferida com golpe de foi-se.

Rafael Pelissari

Amadurecer na fé é compreender que todo ser humano é suscetível as intempéries

Betânia Pereira

O tempo tem uma forma extraordinária de nos mostrar o que realmente importa.

Carla Garcia

“Deixa fluir... movimentando-se, trabalhando e pensando positivo, que o vento sopra a favor...”

Sidnei Capella

Em dias difíceis olho para o céu e encontro as estrelas. Em dias felizes, idem!

Edna Lessa

Frases & Pensamentos

Inteligibilidade no olhar é, no amor,
a mais absoluta libertação.

Renato Cresppo

Que o amor pelo próximo vire moda
e a empatia se padronize.

Iracelma Patrícia

“Não é rebeldia, nem ingratidão,
chutar o balde onde está se afogando!

Juliana Rossi

Contudo a vontade de ambos deve ser igual,
é necessário um equilíbrio de desejos.

Jaque Alenncar

“SUA FRASE AQUI”

Viver sem fervor é como vagar sem rumo.
Tenho certeza de que quando morrer serei
condenada pelo pecado do desejo, no entanto, não
morrerei envenenada pela indiferença.

Mia Koda

Nem tudo que aparenta ser ruim,
acaba com um final triste.

Sidnei Capella

Ah! Quanta sede e fome de amor, de amar,
com todas as minhas fertilidades imaginárias,
com tudo que sou e que ainda serei.

Stella Gaspar

A aurora criativa que bruxuleia o que o coração impele,
faz do caos uma benção a embalar sonhos,
como o meu, latentes perante almas próprias e altivas...

Marcelo Gusmão

Vá atrás dos seus objetivos, mas aproveite a
caminhada. O trajeto é tão importante
quanto o destino final.

Rafaela Navas





Lauro Henrique



Lauro Henrique - Editor, professor, escritor, crítico literário e palestrante, é mestre e Doutorando em Literatura pela UFSC, graduado em Letras – Português/Inglês. Atualmente é professor efetivo da rede estadual de ensino de SC e é o criador do Canal no YouTube “Literatura do Medo”.

E aí, qual é o filme?

Hercule Poirot, Dana Scully, Fox Mulder, L. Rorschach, Tintim, Sam Spade, Maigret, Batman ou o lendário Sherlock Holmes? Será você o próximo grande detetive?

Uma história clichê, mas perfeita...

Quem me conhece sabe que este filme é um dos meus favoritos. Não só pelo meu gosto bem específico, mas pelo contexto, personagens e a história, a meu ver, perfeitamente adaptável para várias outras produções. Eu assisti tantas vezes que ainda lembro das falas dos personagens, dos momentos de ação e, principalmente, do cenário.

É bem clichê como cada personagem vai sendo construído, desde aquele vilão caricato chegando também em alguns dos personagens secundários que precisam ser mais rasos ou - como chamamos na crítica literária - planos, para ajudar no desenvolvimento da narrativa e construção dos diálogos. E como destaque tem-se o protagonista seguindo a famosa jornada do herói ao descobrir inúmeras possibilidades para evoluir. Sendo crítico, digo que a história tem seus pontos altos e baixos, provavelmente por ser um filme que sofre muitas comparações, todavia, em seu lançamento ele foi muito bem.

Vamos para a primeira pista: é uma produção atemporal porque a história dela pode variar de

autor/diretor, sendo modificada conforme a necessidade. Deste modo, não seria raro você se deparar com outro filme bem parecido trazendo os elementos centrais. Isto por causa dos temas: pobreza, desigualdade, ganância, solidão, bravura, acredito que cada pessoa lerá este filme de uma maneira diferente. Eu, como assisti a ele ainda mais novo, gostava das cenas de perseguição misturadas à ação ainda que com efeitos especiais mais limitados, pois me divertiam muito.

Admito que tenho uma preferência por filmes de aventura. A primeira vez que assisti a ele foi com meus pais, lembro-me carinhosamente da trilha sonora: famosa, forte e com uma letra cativante, aquela que vibra o coração, inclusive, devo meu gosto ao cinema aos meus pais que adoravam assistir filmes comigo.

Gostaria de saber de vocês leitores: de onde veio o gosto por filmes e livros de vocês? Vocês liam ou assistiam a filmes com seus pais ou irmãos(ãs)? Este é um grande mistério do universo para todos que trabalham com as várias expressões de arte: como incentivar a pessoa a ler ou apreciar a arte? Voltando ao enigma, uma pista é pensar sobre família, toda trama tem um começo vinculado a um problema que o personagem principal, que pode ser ele ou ela, vivenciou por questões relacionadas a sua família. Morte e traição... Tem um pouco de tudo.

A crítica, ao menos algumas que li, não apontam o filme como uma produção imperdível, mas eu não poderia deixar de trazer este filme para vocês. Tanto como uma homenagem, pois mesmo não sendo um dos filmes ganhadores de prêmios do nível de Ben-Hur (1959) ou Gladiador (2000), por exemplo, ele consegue causar a mesma emoção. Sendo uma produção que atinge um público amplo, um olhar perspicaz vai encontrar elementos de xenofobia, violência, desigualdade, ou seja, é interessantíssimo rever após algum tempo para resgatar novas perspectivas. Quem me acompanha já sabe que eu não sou apreciador de críticas engessadas, gosto de ter minha própria opinião e até questioná-la quando for preciso, portanto, deixo de recomendação assistir a este filmaço.

Agora, chegou o momento da despedida, inclusive, escrever este texto me deu vontade de rever o filme. Tenho-o aqui na minha seleção de favoritos, lembro-me da época quando colecionava DVDs... Mas não se preocupe, atualmente, com tantas redes de assinatura é fácil encontrar este filme. Mas, se em

algum momento, em sua cidade ou cinema da região decidir passar este clássico, não perca a oportunidade, garanto que é certo.

Boa sorte para vocês!

Lauro Henrique



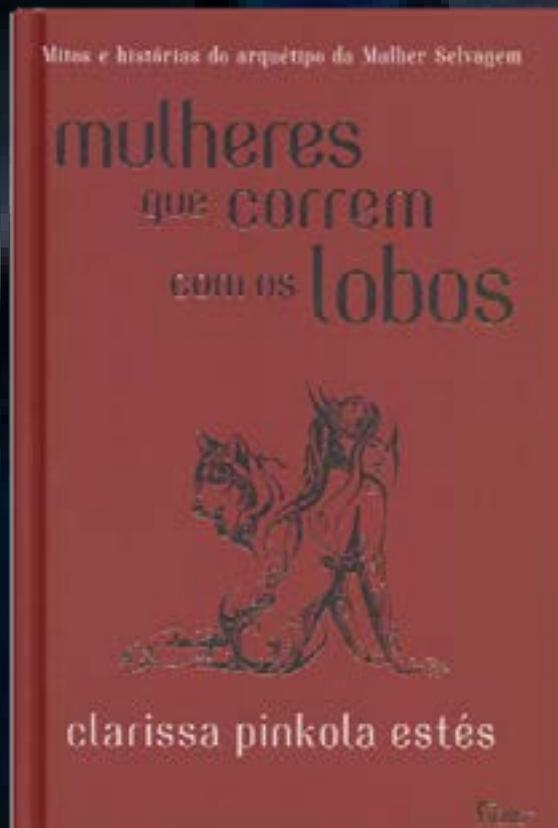
SITE

Clique no botão e participe



E AÍ, QUAL É O FILME?

P R Ê M I O



**Mulheres que correm
com os lobos**

Clarissa Pinkola Estés

**Quem vai acertar o filme e ganhar
o livro da Clarissa Pinkola Estés?**

PARTICIPE!!!!

REVISTA THE BARD
EDIÇÃO MAI/JUN 2023

E aí, qual é o filme?



RESPOSTA EDIÇÃO ANTERIOR

E AÍ, QUAL É O FILME?

REVISTA THE BARD
EDIÇÃO JUL/AGO 2023



GUARDIÕES DA
GALÁXIA V.3



Acumulou



NÃO HOUE
GANHADOR

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE

YOUTUBE

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS





EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

História das Artes

14



Betânia Pereira



Historiadora/Enfermeira

Funcionaria Pública Estadual.

Pós-Graduada Em: História Do Brasil(Uema);

Saúde Da Família (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

A arte e a Inteligência Artificial

"Para não ser substituído por um robô, não seja um robô".

Martha Gabriel

Recentemente assistir uma matéria sobre inteligência artificial e contemplando o criativo, o artístico por imagens e vídeos, constatei que a arte e a AI andam juntas atualmente. Na verdade, vivemos revoluções, e a arte está sofrendo influências dessas inovações tecnológicas e com certeza teremos que nos adaptar a essa nova tendência. Vemos o mundo artístico, atualmente, se utilizando da inteligência artificial para criar, moldar e transformar suas obras de arte, numa colaboração entre trabalho humano e da máquina. Dentro desse contexto existem diversas ferramentas que permitem artistas explorarem e expandirem sua criatividade por meio da IA.

Vivemos em uma era na qual ela já está inserida em nosso meio sem que percebamos — utilizamos essa tecnologia e aprendemos com ela diariamente. Sendo uma grande aliada, a inteligência artificial está em nossas tarefas rotineiras, nas corporações, na otimização de processos e em sistemas de segurança, sendo reconhecida na saúde e principalmente em atendimentos. Temos um contato

direto por smartphones e computadores. De forma desafiadora, a inteligência artificial se expandiu e fez com que os algoritmos pudessem aprender e pensar de maneira diferente que os seres humanos. Por Machine Learning (Técnica que treina computadores para realizarem atividades como seres humanos), a IA, criou aplicações de forma automática.

Dando acesso aos algoritmos e partindo deles, as máquinas desenvolvem sem intervenção humana, relacionado também ao Deep Learning que parte de uma abundância de dados, gerando pensamento e linguagem de um ser humano.

Temos a IA em praticamente todos os processos que realizamos em eletrônicos. Ela está na organização de playlists ou sugestão do que assistir em serviços de streaming, nas estratégias do computador, nos games, nos processadores móbil e até nas respostas automáticas sugeridas quando você escreve um e-mail.

Mas o que é a Inteligência artificial ou IA? É um conjunto de ciências, teorias e técnicas — incluindo a lógica, matemática, estatística, probabilidades, neurobiologia computacional, ciência da computação — que visa imitar as habilidades cognitivas de um ser humano. Isso implica em perceber variáveis, tomar decisões e resolver problemas. Enfim, operar em uma lógica que remete ao raciocínio.

mentas que ditam o comportamento do código e um framework, uma estrutura mais complexa que combina ferramentas e oferece um direcionamento mais prático pra um projeto.



“A inteligência artificial só é uma ameaça para a estupidéz natural”.

Caio Carraro Gomes da Costa

As ideias relacionadas com inteligência artificial são de bem antes do surgimento da tecnologia, que tornou isso possível. O ser humano sempre quis uma máquina que fizesse o trabalho de agir e pensar que nem ele, e estudos de várias áreas começaram a ir por esse caminho especificamente durante a Segunda Guerra Mundial. Sua origem foi por necessidade de acelerar processos conhecidos para liberar os humanos a se concentrar em outros pensamentos abstratos. E não dá para separar a origem da inteligência artificial com a evolução do processo computacional. Partindo deste princípio, não podemos deixar de falar de Alan Turing, o grande pai da computação que simplesmente criou a máquina que fez os aliados vencerem a guerra mais rápido.

Inteligência Artificial vem sendo usada para criar obras de arte há décadas. A exposição *Cybernetic Serendipity*, que aconteceu em Londres em 1968, por exemplo, é considerada a primeira grande exposição a tentar mostrar os aspectos da atividade criativa auxiliada pelo computador, com a junção de arte, música, poesia, dança, escultura e animação. Outro exemplo foi quando, em 1970, o Museu Judaico de Nova York reuniu computadores e artistas conceituais em um mesmo projeto criativo — a exposição *Software*, classificada como “confusa” nesta crítica do *New York Times* da época. Nas décadas seguintes, com o avanço tecnológico, a IA tornou-se cada vez mais sofisticada e os recursos foram usados para criar obras de arte muito mais realistas.

A construção de uma inteligência artificial envolve uma série de algoritmos, instruções em código que devem ser seguidas principalmente em Python, bibliotecas abertas com instruções e ferr-

Alguns artistas se destacam nesse cenário criativo: Robbie Barrat, que usa em todos os seus



projetos, de alguma maneira, a Inteligência Artificial e Machine Learning. Utiliza uma rede neural alimentada de dados, como pinturas clássicas, e, em seguida, gera novas imagens. A surrealidade de suas criações chama atenção do público; outra referência é o artista alemão Mario Klingemann que usa a IA para fazer arte há pelo menos 10 anos, com trabalhos expostos em galerias do mundo todo.

Devemos utilizar a inteligência artificial como uma ferramenta de aprendizagem e não como um método de copiar e colar.

Eleno Carvalho

Diante desse cenário, pode parecer que a arte feita com IA é algo restrito aos artistas de grandes galerias, mas não é bem assim. A técnica vem se popularizando e, recentemente, repercutindo nas redes sociais por um aplicativo que automatiza esses desenhos – o Lensa- que apesar de não ser novo, criou uma função recente – a Magic Avatar. Ao baixar o software no smartphone, os usuários conseguem criar versões de avatar das suas próprias fotos. Uma verdadeira mescla entre selfies, arte digital e Inteligência Artificial. Apesar da arte feita por IA não ser efetivamente uma novidade, as redes sociais potencializaram a capacidade de serem conhecidas por mais gente.

A relação entre a tecnologia e a produção artística deve continuar se fortalecendo. A tecnologia 5G começou a ser implementada em 2019 em alguns países da Europa, nos Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul e China. Chegou ao Brasil em 2022 e a expectativa é que a arquitetura de 5G (quinta geração das redes móveis) amplifique os efeitos da conectividade e viabilize ainda mais o uso de ferramentas como IA, Machine Learning ou Realidade Estendida. De certo modo acredita-se que a combinação poderosa entre o 5G e a IA, continuará revolucionando diversos setores da sociedade.



E o futuro? De forma promissora, esperamos que a IA, conquiste cada vez mais seu espaço no mercado, para poder desenvolver novas teorias e surgindo grandes aplicações. Que essa evolução ocorra de forma gradativa atuadas por Machine Learning (área da inteligência artificial (IA) e da ciência da computação que se concentra no uso de dados e algoritmos para imitar a maneira como os humanos aprendem), rede neural (um método de inteligência artificial que ensina computadores a processar dados de uma forma inspirada pelo cérebro humano), Deep Learning (um aplicativo de terceira camada que analisa dados e seus padrões indo ainda mais longe.), computação cognitiva (ferramenta que organiza e processa informações de forma semelhante à mente humana) e no processo de linguagem natural; acelere o surgimento de oportunidades no mercado, novas soluções e um grande relacionamento com o ser humanos e capacitações.

E quantas novidades ainda tem por vir nessa área, a exemplo temos o Google Duplex, que é uma inteligência artificial que conversa por telefone, agenda consulta ou reserva mesas em restaurantes. Pode virar algo bem mais completo em conversação, bem mais que outros aplicativos.

E temos também as GANs (Redes Adversárias Generativas (GANs) são arquiteturas de redes neurais profundas compostas por duas redes colocadas



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

uma contra a outra (daí o nome “adversárias”) que são capazes de gerar conteúdos e produzir imagens, vídeos e sons. Empresas como a Adobe vão se beneficiar muito disso em edição nos softwares como o Photoshop.

Essa é a trajetória da evolução da inteligência artificial até agora. Essa tecnologia já é impressionante e essencial para o nosso dia a dia, mas tem muito que evoluir. Para quem deseja conhecer para expandir seus conhecimentos na área a Udacity é uma das mais renomadas plataformas entre as que oferecem cursos on-line, especialmente os cursos conhecidos como MOOC (Massive Open Online Course). Os cursos são em inglês, mas muitos têm legendas em português para facilitar o acompanhamento, Vamos Juntos, precisamos evoluir para revolucionar.



**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



BLOG



LINKS



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

**Quer aprender tudo
sobre Literatura?**

A JORNADA DO



ESCRITOR

O seu livro na mão do seu leitor

CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui





11



Cacá Matos



Fisioterapeuta e escritora de poesia e prosa; Autora do livro de poesias 1.001 sentimentos, 100 emoções, Doutora Honoris Causa em Fisioterapia e Honorável Mestre da Literatura Brasileira pela FEBACLA. Membro acadêmica da AIL, AVLPL, AILB e AIML. Coautora em algumas antologias poéticas.



Alta pressão

No mundo da moda, muito se vê cobra engolindo cobra. E não é uma rima, é a competição devorando a autoestima. Padrões inalcançáveis, estilo mudando o tempo todo. Um vaivém incessante de cargos ocupados e desocupados.

Muitas querem o emprego, poucas conseguem se manter no trabalho tão cobiçado e ao mesmo tempo tão temido.

Recém formada em jornalismo, a tímida Andy procura um trabalho na revista tão renomada Runway, e mesmo indo contra os requisitos da moda, ela consegue o trabalho tão desejado por várias modelos e mulheres que julgam ser mais adequadas para o perfil da vaga.

O desenrolar da história se mostra pela editora chefe, Miranda, exigindo milhares de coisas para sua secretária, muito além do ambiente de trabalho, o que deixa claro porque tantas outras não conseguiram se manter lá por muito tempo. Temida e respeitada por todos, ela tem como sua paixão e total dedicação a sua carreira, o que faz

dela um alvo constante de críticas e é taxada como insensível por passar por alguns divórcios.

Fica evidente alguns conflitos na trama, a competição para estar nos desfiles de moda, o distanciamento dos amigos e do namorado, já que o trabalho exige tamanha disposição da nossa protagonista.

O filme O diabo veste prada retrata bem a alta pressão que é para uma mulher estar, além disso, permanecer no ambiente assustador da moda, onde muito se espera perfeição, boas maneiras, um corpo esguio, muitas escolhas difíceis e o constante sentimento de aflição, correria e ansiedade.

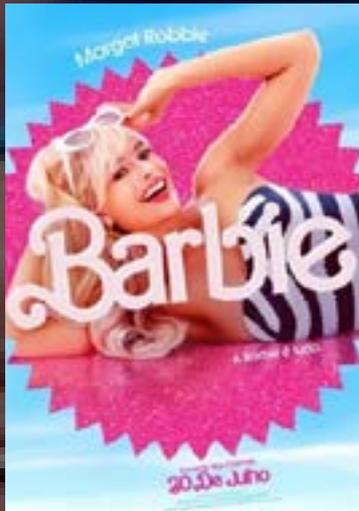
Mesmo sendo um ambiente dominado por mulheres, há inveja, bullying, sarcasmo e uma grande competição para tomar o lugar de liderança, o topo da cadeia, o cargo de Miranda.

E é possível refletir bastante acerca da tamanha pressão e expectativa em cima da mulher, o machismo, a ganância e um olhar ativo sobre como as coisas devem mudar, nem sempre pra melhor...

O filme O diabo veste prada está disponível no Star+; Lançamento: 2006; Gênero: Comédia/Drama; Classificação: Livre; Duração: 1h 49 min; Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Adrian Grenier, Simon Baker, Gisele Bündchen, Daniel Sunjata.

POST NO SITE





Revolução

Quão utópico seria um lugar cor de rosa, a casa perfeita, onde todos são felizes e todos os dias são incríveis. Essa é a casa da Barbie, onde as mulheres são predominantes e donas de si. Ocupam os cargos importantes de poder, são unidas e contentes. Como um sonho. Todas perfeitas. Impecáveis. Revolucionárias.

Tudo parece imutável e impertubável até que a Barbie estereotipada começa a apresentar sinais de um corpo feminino real. Uma boneca não possui marcas, cicatrizes, gordura. É um brinquedo criado com uma imagem de mulher perfeita.

E a Barbie é o típico modelo a ser seguido pela mídia: alta, magra, loira, olhos caros e corpo esbelto. Algo que foi disseminado e empurrado para ser um padrão para as mulheres, anulando sua individualidade e excluindo as demais formas corporais.

Inconformada por perder a sua forma inabalável, a boneca mais famosa do mundo parte para o mundo real, em busca da mulher que está brincando com ela e fazendo com que ela não seja a Barbie esperada por todos.

Chegando lá, ela se depara com um mundo totalmente diferente do seu, dominado pelos homens, pelo machismo, pela dura realidade que as mulheres passam. Mas ela não vai sozinha, mas acompanhada pelo Ken, que

deslumbrado pelas representações masculinas no mundo real, começa a ler sobre a história e o patriarcado, implementando essa doutrina no mundo perfeito da Barbie e é onde tudo começa a desabar.

Vendo o empoderamento ruir e suas amigas se tornarem submissas as vontades dos Kens, a Barbie se vê numa crise existencial, inconformada com a realidade e sua própria superficialidade. Mas conta com o apoio da adulta que brincava com ela e sua filha, que voltam com ela para o seu mundo, dispostas a virarem o jogo e mostrarem a força feminina mais uma vez, salvando suas amigas da lavagem cerebral ditada pelo patriarcado e retomando ao seu mundo, aceitando as coisas como elas são e se propondo a ser uma humana, com as virtudes e também os defeitos.

O filme Barbie está disponível no cinema; Lançamento: 2023; Gênero: Comédia/Drama; Duração: 1h 54 min; Classificação: 12 anos; Elenco: Margot Robbie, Ryan Gosling, Will Ferrell, America Ferrera, Emma Mackey, Simu Liu, Michael Cera.

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

FACEBOOK

INSTAGRAM

WATTPAD

POST SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



PROSA POÉTICA

13



Jeane Tertuliano é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas e professora de Inglês / Português pós-graduada em Literatura Africana, Indígena e Latina. Jornalista e Linguista com ênfase em Formação de Leitores, é mediadora do clube de leitura Leia Mulheres – Campo Alegre e colunista na Revista Internacional The Bard. É Delegada Cultural da Febacla – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e Embaixadora Imortal da Paz da OMDDH - Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos. No ano corrente, a Institución Cultural Colombiana Casa Poética Magia y Plumas outorgou-lhe o título de Doutora Honoris Causa em Literatura Latinoamericana por sua atuação enquanto literata. Foi agraciada com a primeira colocação no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York 2022, na categoria Crônicas e Contos. Atualmente, é autora de dez livros, coautora em cerca de cem coletâneas poéticas e organizadora de quinze projetos antológicos.



A Prosa Poética

Escrever prosa poética é um desafio aos prosadores e poetas, pois conciliar prosa e verso nem sempre é uma tarefa fácil. Clarice Lispector, a autora brasileira mais traduzida no exterior, foi uma exímia prosadora que soprou, quase que cirurgicamente, características poéticas às suas criações. Eu costumo dizer que ser mulher é um ato de coragem, e se reconhecer como tal, é para poucas. A dona Lispector se reconhecia e, sendo mais poesia que mulher, trouxe para a sua arte a essência inegável do seu ser admirável.

Ao escrever uma prosa poética, o artista das letras precisará se inteirar acerca dos elementos que compõem o gênero literário poesia e somente depois poderá escrever com propriedade uma prosa que se encaixe no entremeio da construção prosaica embebida na lira ritmada, ou não, fica a critério de cada prosador agregar rimas ao seu escrito.

Levando em consideração que não temos o poema metrificado como padrão (soneto), a rima não é exigência na prosa poética. Entretanto, tornar o texto sonoro é um fator relevante visto que, cantada, a produção tende a embalar com mais facilidade o leitor dado a sensibilidade do versejar. Figuras de linguagem tais como assonância e aliteração contribuem demasiado para o efeito musicalizado.

Àqueles que não são achegados ao ritmo, que preferem algo mais conciso, há outras figuras que despertam o traço poético: analogia, antítese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação e sinestesia. É evidente que a língua portuguesa fornece vasta riqueza e a serve numa bandeja ao escritor. Poeta ou prosador que souber se ater ao seu florescer, garanto: não irá se arrepender! A arte de escrever dá sentido ao existir, possibilitando, assim, a proeza do viver.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA

A SURPRESA

Clarice Lispector

Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.



PROSA POÉTICA



Jeane Tertuliano

Feminista, Literata e Professora

Mágoas

A verdade é que eu ainda não aprendi a lidar com as mágoas que gritam dolorosamente no silêncio da madrugada. A minha respiração vacila, o sono se esvai. O fluxo de pensamentos é mais potente que o meu anseio de ficar contente. Já perdi a conta das vezes que chorei aparentemente sem motivo... Dói carregar a sensibilidade do mundo no meu peito. Dói ser à flor da pele o tempo inteiro.

A mulher que me encara no espelho, me diz para ser paciente, que eu já superei os demônios da minha mente. Eu venci algumas batalhas, mas a guerra infinita está fortemente arraigada aos confins da minha vida. Matar um leão todos os dias é uma tarefa árdua demais quando o corvo malfadado crocita “nunca mais”.

Insone, escrevo acerca do que me aflige, crendo piamente que exorcizarei o alter ego que não sossega, tampouco me liberta das palavras não ditas que vociferam e tomam formas funestas por trás das pálpebras dos meus olhos quase cegos. Eu ainda não aprendi a lidar com as mágoas que gritam dolorosamente no silêncio da madrugada, e você?

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Cacá Matos

Empoderada, Poeta e Cronista

Um novo dia

Respirei fundo e contei até dez. Fechei as janelas e as brechas para a tristeza. Estou cansada mas não posso parar. Amanhã será diferente e a alegria me espera, assim quero pensar. Abri a gaveta e guardei as paixões. Preciso cuidar do coração e mente pra não ficar doente. Quem sente demais sofre e eu sinto em demasia. Já não vejo tv e evito as notícias. Quero me cercar do que é bom: ligar o som, me acomodar na poltrona e ler poesia. O romance me aquece e mesmo no frio, me sinto acalentada. Rimas me encantam e os versos me inspiram vida. Os tempos têm sido difíceis. Mas eu não desisto. Amanhã é um novo dia e eu prometo que sorrirei mais, abrirei as janelas novamente e me sentirei viva.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Jaque Alennkar

Pedagoga, poeta e Prosadora

Simplicidade

Eu gosto de abraçar o mundo com os olhos e tocar as coisas até onde a vista alcança. Sentir a chuva molhar as lembranças e tecer poesia no fino fio da esperança crepuscular presente no horizonte, onde os últimos raios de sol beijam a terra em seu recolhimento para um novo raiar. Gosto do orvalho com o aroma de novidades e novas oportunidades. Gosto da beleza das flores do campo tocando a sensibilidade do poeta onde sua alma se esconde. Gosto da poesia das coisas simples, àquela que antes de virar verso, já foi escrita no coração.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Jéssica Sabrina
Preta, Poeta e Potente

A sacada do amor

Tentei colocar o céu no papel e cada letra era, infinitamente, menor que as estrelas que o compõe. Se eu não consigo escrever estrelas como poderia poetizar o amor, em toda sua imensidão? Fechei os olhos e, em questão de segundos, estava naquela nossa varanda, a lua era borrão que arranhava o céu e o azul era tão cinza que se fundia ao concreto, ainda assim sorri, me lembrei do dia seguinte e o céu, de repente, era no palato, um grão de açúcar, pequenininho ... a sacada é que o amor é bolo de laranja, servido com café quentinho.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Mari Ventura
Poeta e Prosadora

Patrona de caçadores

Amanheci orvalhada, cheia de respingos da bravura noturna. Minha pele saindo gotas de ânimo, meus pés com resquícios de floresta. Andei e andei, fui até patrona de caçadores. Aqui no meu reino eles precisam das minhas mãos para abençoar os lírios.

Eu sei tocar as nuvens, a sabedoria ancestral me (re)veste. Eles precisam dos meus olhos para iluminar seus caminhos na escuridão, necessitam da minha força para erguer as espadas. Mas eu dou a ordem. Vos digo: desçam os pedestais, salvem as crianças!

Eles descem do trono patriarcal e ouvem a voz das mães, a dança das estações. No fundo sabem do que estou falando. Esse é o tempo das deusas! Eu sou mulher, a Terra é mulher, a natureza é mulher. Nosso enredo tem dança, nosso chão tem ciclos. Não tentem arrancar nossos pulmões, conseguimos respirar pela nossa criação, nossa arte e lirismo.

E mesmo que cortem nossos seios, arranquem nossos filhos e frutos banharemos nossas feridas com o orvalho da noite e com nosso corpo de flores seremos a primavera desse mundo frio e cinza.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Rita Queiroz
Poeta e Prosadora

ONDAS

Era inverno no hemisfério sul. Para Marisa, calores intensos a tomavam arrebatadoramente. Olhava para os lados e quem estava à sua volta, tremia de frio. Cobertores não eram suficientes.

Uma angústia a tomava. Seus suores eram frios e quentes ao mesmo tempo. Calafrios percorriam seu corpo de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Era esquisito, nunca tinha sentido isso. No meio da noite, acordava sobressaltada. Os termômetros marcavam 10° e ela, em febre de 38°. Precisava ir ao médico.

D. Marisa, qual a sua idade, perguntou o doutor. Ela respondeu toda senhora de si: - 42. Tem filhos, outra pergunta. - Sim, tenho 2. Mantém uma relação estável, perguntou ele. - Sim, Dr., estou casada há 16 anos com o pai dos meus filhos.

É D. Marisa, seu problema são os hormônios que estão em baixa, o que a faz sentir esses desconfortos. Vou medicá-la e espero vê-la daqui a 30 dias.

Marisa passou na farmácia, comprou os remédios e voltou para casa. Quando do retorno ao médico, estava em pleno inverno nos dois hemisférios.

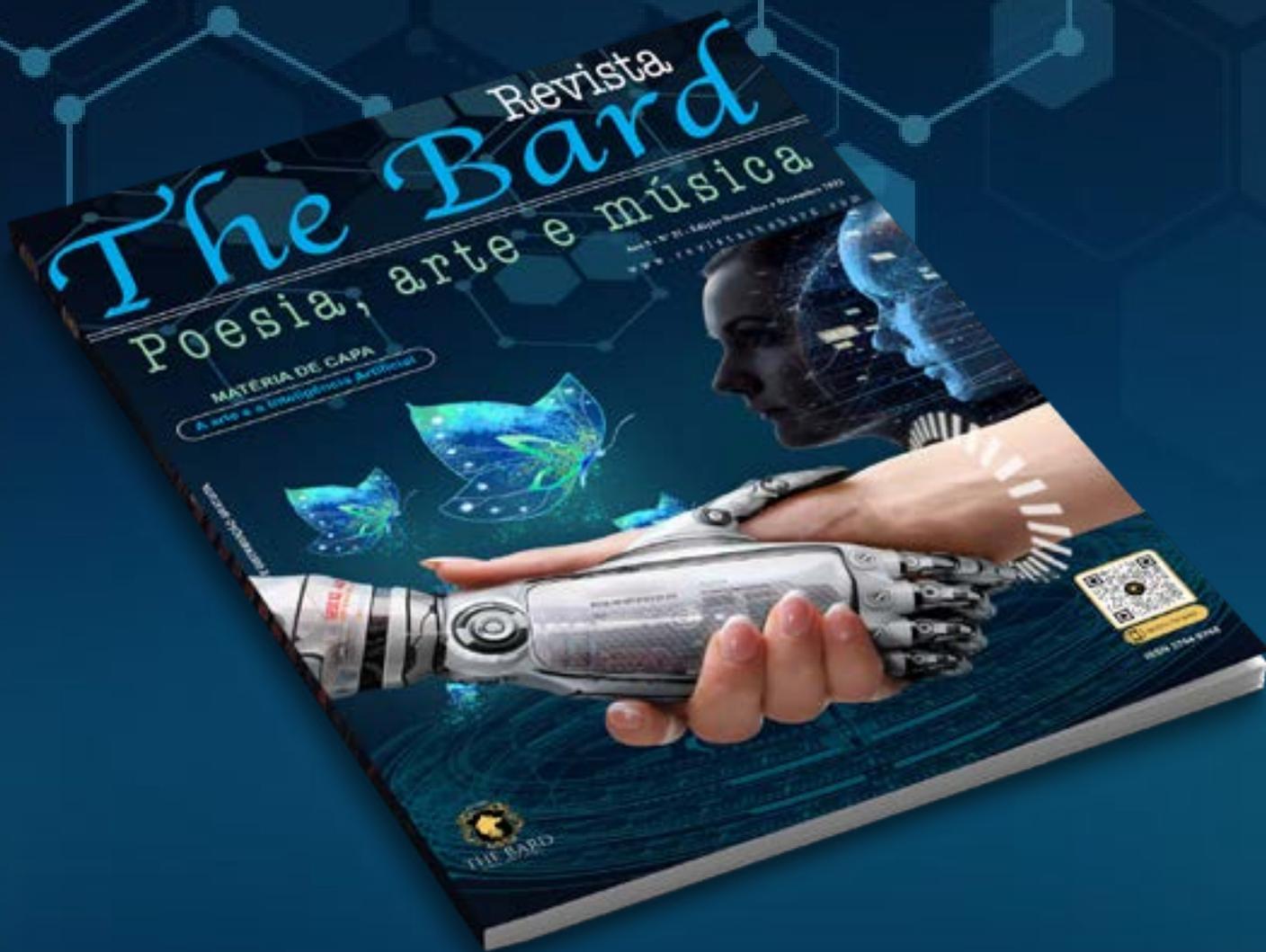
INSTAGRAM

POST NO SITE





EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Crônicas

DEVER PARA O LAR

Por Andréa Carvalho

A relação íntima que existe entre moradia e educação deveria estar bem clara, não só por parte daqueles que trabalham na área do magistério como principalmente por aqueles que têm o poder de administrar as questões socioeducacionais. Sendo a moradia um direito social garantido pela Constituição Brasileira, penso que somente a partir dela é que outros direitos podem ser usufruídos, tais como a saúde, o trabalho, o lazer e a educação, pois o lar constitui a base de uma vida digna e equilibrada para qualquer pessoa.

Muito repreendi meus alunos com a cobrança pelo dever de casa feito até conhecer de perto o ambiente em que eles viviam. Quando se retorna da escola para uma habitação em que só há um cômodo, geralmente para abrigar, no mínimo, cinco pessoas e que funciona como quarto-sala-cozinha. Quando não há como se ter privacidade, pois o espaço precisa guardar tudo de todos os moradores. Aí, vem à tona a distância que há entre a idealização que eu tinha de um lar para a dura realidade de se viver num local que nada mais é do que um abrigo contra os perigos da noite, a força da chuva ou o rigor do frio. Não há nada parecido com um lugar onde o aluno tem seus objetos pessoais organizados e uma mesa para se sentar e fazer o dever de casa, não há estrutura, conforto, bem-estar e, imagino que muito menos, prazer em chegar a esse lar.

A impossibilidade de se ter espaço para um momento de estudo em casa é uma consequência ínfima perto do que essa condição de vida pode causar. Muitas crianças são colocadas desde cedo em contato com a intimidade sexual dos mais velhos, o que torna aquilo que presenciam um ato banal, faz perder a inocência e acaba colaborando para transformar menores de quinze anos em papais e mamães precocemente. A ausência do aconchego de um lar também significa mais tempo fora dele. A rua se torna mais atraente do que a clausura de uma espécie de cela aberta agravada pelas altas temperaturas da nossa região. E quanto mais tempo fora de casa maior a exposição aos perigos e à violência de uma grande cidade.

Em certa ocasião, precisei ir à casa de uma aluna ajudá-la a transportar as doações arrecadadas por ela e seus colegas para a festa junina da escola. A habitação da família se resumia a um quarto de cerca de 15m² e era a moradia de três adultos e três crianças. Quando ela pediu que a esperássemos colocar o tênis escolar, percebi que numa sacola, num canto apertado por outros objetos, ficavam guardados todos

Dever para o lar

Por Andréa Carvalho

os calçados de toda a família, tudo junto e misturado, numa tentativa de ordenar, de alguma maneira, o caos inevitável que a falta de espaço provoca. Não havia camas à noite; certamente, o pouco espaço de chão ficaria coberto por finos colchonetes tipo de acampamento que eu pude ver esticados atrás da porta. Não havia mesa, que mais do que um objeto para apoiar a refeição é também suporte para o momento em que a família se integra, interage, comunica-se. Um guarda-roupas e um armário de cozinha dividiam a mesma parede; na outra, o sofá em frente a um rack com TV e aparelho de som próximos ao outro lado onde ficavam o fogão, a geladeira e alguns eletrodomésticos numa prateleira na parede sem pintura. Do lado de fora, centenas de habitações similares e milhares de tarefas de casa por fazer esperando, dentro das mochilas, o próximo dia de aula.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

MEU QUERIDO DIÁRIO

Por Joaquim Cesário de Mello

07 de janeiro

Encontrei-me comigo no espelho. Estava um dia mais velho. Não me lembro que dia foi esse em que ultrapassei o rosto que havia deixado no retrato que tirei no final do ano passado. Os dias deviam ser eterno, pois na eternidade todos os dias são iguais.

22 de fevereiro

Amanhã começa o carnaval, e eu vou para o lado contrário, levando na bagagem duas máscaras, um chapéu encoberto de lantejoulas e meia dúzia de fantasias de palhaço.

02 de março

Um poema começou a cair sobre o chão do dia, como uma fina chuva de verão. Apanhei um punhado de versos, e com eles um repentino resfriado. Minha mãe já dizia que para gripe o remédio é canja de galinha, vitamina C e cama. Amanhã vou passar o dia deitado.

15 de abril

Que penso eu neste instante em que não penso nada? Mas como posso estar pensando alguma coisa, se agora estou pensando que penso que estou pensando em nada? Acho que o nada é uma coisa muito complicada.

29 de maio

Cheguei atrasado no ontem que já tinha ido embora. Agora tenho um dia a menos na história, como se um parágrafo fosse arrancado da minha biografia. Será que foi o dia em que morri, ou será que nele fui então feliz? Será que era ali que estava a princesa encantada das fábulas e dos contos infantis?

14 de junho

Irei para depois do amanhã do amanhã que tenho hoje, realizar os desejos de ontem que vieram dos sonhos que tive no passado. E quando este presente me for pretérito vou voltar para o futuro que não devia ter deixado, e me lembrar para não chegar de novo atrasado.

03 de julho

Hoje fiz um poema que vai me levar para o outro lado da muralha da China, e ir aonde os ventos não chegam, escalar as montanhas nevadas do Himalaia, percorrendo a pé todo o Tibete, até chegar à Terra do Nunca, e de lá nunca mais voltar.

Com este poema vou atravessar o espelho que Alice não atravessou, seguir os tijolos amarelos da estrada, navegar por sobre Atlântidas naufragadas e me banhar nas águas claras da Macedônia, vivendo as aventuras de Simbad, que nas noites estreladas minha avó contava.

25 de agosto

Tenho em mim saudades dos beijos não beijados, da maciez aveludada dos seios não tocados e das juras de amor na garganta ficaram entaladas. Tenho em mim nostalgia do que não aconteceu, tristeza das coisas não perdidas, e o pesar dos lutos daquilo que nunca se deu. Todo ano é sempre a mesma coisa: tenho banzo de quem não fui.

11 de setembro

É perto da meia-noite e eu não lavei os pratos, não tomei banho, não vesti o pijama, não escovei os dentes e o ar-condicionado continua desligado.

É perto da meia-noite e ainda estou acordado, a sirene de uma ambulância passa, a vizinha da frente já apagou a luz do quarto, um rojão estoura longe - o Flamengo deve ter ganhado o campeonato.

É perto da meia-noite e os sonhos me esperam no final da próxima breve madrugada.

09 de outubro

Eu vejo o tempo. O tempo inteiro olho o tempo, quando me dou tempo para enxergar o tempo. O tempo não está no interior dos relógios, nem nos fundos das agendas e dos calendários. O tempo está no íntimo dos ventos e na superfície impermanente das coisas duráveis.

Tudo que parece morredouro é transitório e mutável. Não é porque há coisas mais longevas do que nós, que elas sejam por isso perenes e intermináveis. Acaso vivêssemos bilhões de anos, poderíamos testemunhar o nascer e o expandir do Universo. Acaso continuássemos vivendo um tanto mais de bilhões de anos, poderíamos ser capazes até de ver o minguar do mesmo Universo. Talvez... Quem sabe?..

Eu vejo o tempo. Ele está na ferrugem dos pregos e na parede úmida e mofada da sala.

14 de novembro

Hoje é o dia em que festejo mais uma órbita da Terra. Minhas ilusões estão mais amadurecidas. Meus sonhos envelheceram. Alguns desejos caducaram. As roupas amanheceram puídas e minha memória tem visitado mais cemitérios do que na década passada.

Não encontro meus sapatos cavalo de aço, e minha esposa continua brigando comigo, sentada ao meu lado desde o século passado.

01 de dezembro

Estou a um mês do final do ano. Vou aproveitar o décimo-terceiro e cortar o cabelo, aparar as sobrancelhas e fazer a barba, comprar uma camisa vermelho-bordô, hidratar a face e passar corretivo nas olheiras, para me preparar para tirar o próximo retrato...

BLOG

POST NO SITE



Crônicas

A ESTAÇÃO DE TREM

Por Carol Oliveira

Uma arquibancada de madeira, coberta por árvores com folhas recortadas como as das parreiras e troncos com manchas como se fossem pintadas. Em frente e ao lado de uma grande estação, estação de trem. Em frente era um barracão alto, com um imenso relógio que marcava 16h00.

O vento trazia uma poeirinha com cheiro de água.

Sentados na arquibancada, fizemos um lanche, enquanto conversávamos questões que importam e assuntos em comum. Estávamos tranquilos e aproveitamos para degustar um chá, quando de repente apareceu um homem velho, de estatura alto com cabelos bem brancos penteado para trás. O homem disse que era proibido tomar chá naquela praça e anunciou no alto falante da estação.

Pegamos nossos objetos e as embalagens do lanche para descartar. Eu saí para ir embora ouvindo o alto falante da estação, então quis me apressar quando de nada caiu uma chuva forte, puxei o capuz do casaco marsala comprido até o joelho. Perdida nos pingos d'água que caíam em tempestade ouvia a voz do meu amor me chamando, mas não conseguia enxergar de onde vinha. Corri olhando para o alto as árvores e para frente a estação e ele estava lá me esperando pra me esconder da chuva. Nos abraçamos e ficamos com o rosto colado.

Para nós foi um encontro por acaso, mas algo me diz que não foi só um sonho.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

A METÁFORA DO TROPEÇO

Por Kryssia Ettel

Se você não pensar sobre, é como se o problema não existisse.
Vai, me acompanha aqui.

Você correndo, tropeça e arranca a tampa do dedão.

Aquilo queima, arde, e dói. A dor maltrata.

Instintivamente você senta em cima do pé até que ele fique dormente.

Aflito, amarra um cadarço na canela pra que o sangue corra lento.

Atônito, morde a si próprio pra que o foco da dor seja outro.

Atormentado, toma banho em água quase fervente, e a sensação provocada pela queimadura parece ofuscar a da ferida.

Mas uma hora você se distrai. Ou findam os subterfúgios.

O seu telhado de vidro se rompe.

São você e seu dedo ensanguentado latejando.

É frustrante reconhecer que não dá pra mascarar certas dores.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

O FUTURO DA HUMANIDADE

Por Charles Luciano

Prophetas com seus enérgicos vaticínios, têm apresentado a sua cosmovisão, ampliando o nosso olhar e nos preparando psicologicamente para o porvir. Acredito que a intenção não é causar pânico, mas atentemos para quantos males e possíveis futuros podemos ter.

Cientistas afirmam que pelo calor intenso devido ao efeito estufa e à progressiva e acelerada destruição da camada de ozônio, a temperatura se elevará, sem reversão e nos matará pelo calor.

Meteorologistas acrescentam que devido ao calor causticante já anteriormente mencionado, as geleiras se desfarão e por isso avolumará o nível dos mares, que paulatinamente invadirão os nossos espaços habitáveis, ocasionando piores e mais terríveis enchentes do que as que já ocorreram, redundando em verdadeiro cataclisma.

Astrofísicos que diuturnamente em seus telescópios, a exemplo do “Hubble”, atentam para o céu, preveem que haverá sempre a possibilidade de corpos celestes, como imensos meteoros, escaparem da ausência gravitacional espacial e descerem até nós e se chocarem com nosso planeta, e como inferimos, o impacto seria inimaginável.

Os geógrafos acreditam também que a falta d’água doce sucumbirá em pouco tempo com a raça humana. Ninguém vive sem a sua sagrada ingestão.

De acordo com o estudioso Thomas Malthus, “a nossa população cresce em escala geométrica, já os nossos recursos alimentícios crescem em escala aritmética”, o que isso significa? Num futuro próximo faltará comida para uma população gigantesca que somente continuará crescendo, e sempre os alimentos mais escassos. Como ninguém vive sem comida, todos serão ceifados.

Dentre tantos, há também o prenúncio bíblico de que o mundo será desfeito pelo fogo proveniente do céu, como cumprimento das profecias do livro do Apocalipse.

Tudo isso revela a nossa grave fragilidade, incerteza e impossibilidade de reversão. O que dizer então diante de tal explanação? Vivamos, pois intensamente sem temor do futuro, sejamos cada vez mais indivíduos melhores, portando-nos com empatia, dedicação e liberalidade, porque a ansiedade quanto ao assunto nos tornaria mais frágeis ainda e a cabeça erguida nos capacita e enrijece a estrutura.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

A DOR DA SOLIDÃO

Por Stella Gaspar

Escuto as portas dos quartos fechando, queria escutar outro som como o de uma música ou o das ondas do mar. Mas essa dor não me deixa em paz, vive a me atormentar e quando olho para os lados, estou entre as paredes com quadros, que me fazem recordar os cenários maravilhosos, das lindas viagens que fiz.

É angustiante também, solitariamente escrever sobre o amor, mas com a força de um elefante corro para o meu ambiente poético e com inspirações, começo a escrever.

De repente tive uma ideia; vou para a varanda conversar com a noite, iluminada pelas estrelas e a dor da solidão vai sumindo, deixando-me com sorrisos que as minhas emoções despertadas vão me alegrando.

Todos dormem, vou então fazer um lanche, torradas com geleia de morangos... Gosto tanto, mesmo que estes sejam pequenos e sem muito caldo.

A solidão é comum à noite, mas sabendo usá-la ela pode ser relaxante, deixando em nós as doces saudades, das carícias de um tempo.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

PAPAI-TITIO: MEMÓRIAS DE AMOR E CUIDADO

Por Jefferson Costa Machado

Certo dia, estava olhando algumas fotos de família quando me deparei com uma fotografia do meu tio, que tinha um carinho como de um pai. Ao mesmo tempo que olhava cada detalhe daquele retrato me vinham lembranças de momentos que passamos juntos.

Sempre dizia tenho dois pais, um deles eu chamava de papai-titio. Era comum fazer suas caldeiradas com cheiro-verde e tucupi. Certa vez, cozinhou um tamatá, peixe típico da Amazônia, no caldo do tucupi. Me colocava no colo e me servia.

Quando meu cabelo estava grande era ele que cortava. É bem verdade que, muito das vezes, um pedaço da minha orelha ia junto, mas logo passava um pouco de pó de café, que me acalmava. Lembro até hoje do seu olhar atento e de sua tesoura brilhando cortando meus cabelos no quintal de casa.

Um de seus passatempos, se posso dizer assim, era a marcenaria. Adorava fabricar cadeiras, bancos e os fazia com perfeição tal qual, um verdadeiro, artesão. Titio sempre foi muito presente na minha infância. Lembro de brigar com mamãe para não me bater quando eu fazia alguma peraltice. Defendia-me quando alguém me tratava mal.

Quando papai se acidentou foi ele que cuidou de mim e de meu irmão. Com seu jeito singular, austero e duro, nos colocou “na linha” como dizem por aí. Uma vez, passei muito mal. Perdi a consciência, por uns minutos, e quando a retomei. Lá estava, ao meu lado, segurando minhas mãos.

Podiam lhe chamar de grosso e ignorante, mas com seus sobrinhos e netos era um verdadeiro pai. Não suportava que estacionassem carro na frente da sua casa, apesar de não possuir nenhum carro, mas afinal quem gosta que façam isso, sem sua permissão?

Titio era um homem baixo, com um bigode branco, que às vezes lhe cobria a boca, e seus cabelos lisos, que atribuía à casca da melancia, para lhe deixarem soltos. Pois, sempre que comia uma, a usava como pente em suas mechas. Ele era um homem forte, cheio de vigor, que não cansava de contar suas histórias de quando trabalhou numa empresa de construção civil chamada “Estacon”. Falava sobre os seus amigos, como um tal de “belisca lua”, que por esse apelido, devia ser um homem alto. Falante adorava contar, os “causos”, suas histórias de vida. Dizia de uma Belém, antiga, saudosista da época de Magalhães Barata, coronel que governou a cidade.

Faz 15 anos que ele se foi. Que a doença o tomou deste mundo. Escrevo com lágrimas estas lembranças. Mas afinal, o que somos senão lembranças queridas e eternas memórias. É verdade que o tempo o levou, mas será eternamente lembrado, por aqueles que um dia o amaram.

Para sempre papai-titio!

INSTAGRAM

POST NO SITE



Crônicas

DESEJOS DO CORAÇÃO

Por Verônica Lazzeroni

Os desejos do coração nem sempre são conhecidos por todo mundo. Há desejos que guardamos bem no fundo do coração e, dificilmente, alguém os conhece por completo.

Podemos falar alguns detalhes sobre esses desejos, mas há informações ocultas que guardamos e mantemos protegidas em nosso coração. E esses desejos podem ser de qualquer tipo: podem ser materiais, de coisas que queremos ter, ou desejos pessoais, de coisas que queremos ser.

Independentemente do tipo, são desejos que fazem a gente pensar em silêncio sobre a paciência que devemos ter até alcançá-los. Nem sempre a espera é fácil, a gente insiste em apressar detalhes e acontecimentos, por medo de estarmos “atrasados”, sem saber que mil anos para Deus são como um dia e um dia é como mil anos para o Senhor.

Mas, a espera é sofrida, porque os desejos do coração fazem barulho dentro da gente. Eles borbulham, e tem horas que querem explodir em lágrimas ou palavras. Mas como um bom sábio entende que o silêncio é valioso, guardamos eles bem escondidos. No fundo do coração da gente.

E lá fundo habitam tantos desejos que nem sempre sabemos quantos são, mas sim quais são eles. Pensamos neles quase sempre. E não é porque estão guardados que não são amados.... na verdade, os desejos do nosso coração são bem amados por nós, pois são sonhos ainda não realizados.

E quem não ama sonhar? Quem não ama os próprios sonhos? Mas, cercados desses desejos, a gente caminha em silêncio, sem revelar eles por muitos anos, até que, finalmente, em um momento que você não esperava, eles acontecem.

E nesse acontecer é que a gente desprende um sorriso, pois entendemos que desde o momento que um desejo brotou em nosso coração, Deus cuidou para que ele fosse realizado. Passe o tempo que passar, o cuidado de Deus esteve sobre todos esses desejos que você carrega e que não conta para ninguém.

E não precisa contar não, viu? Pode guardar eles bem no fundinho da alma, porque a surpresa que sentimos ao realizar eles nos invade e mostra que vale muito a pena a espera e, mais ainda, que vale muito a pena sonhar, pois os desejos do nosso coração podem ser bons e quando são cuidados por Deus, eles se realizam. Eles sempre se realizam.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

ETERNAS DESCOBERTAS

Por Matile Facó

Era uma tarde de verão, e o calor escaldante invadia minha pele. Caminhava pelas ruas da cidade com o peso das lembranças e o vazio de um coração solitário. A vida parecia uma sucessão de decepções e eu havia me resignado a nunca mais me apaixonar.

Mas, como um sopro inesperado, ele apareceu. Seus olhos eram oceano profundo, capazes de me mergulhar em um mundo desconhecido. Era um encontro casual em meio ao caos cotidiano, mas parecia que o destino havia traçado aquele momento.

As palavras fluíam entre nós como se sempre tivéssemos nos conhecido. Suas risadas ecoavam em minha mente, deixando marcas indeléveis em meu ser. A cada dia, eu me via desabrochando como uma flor há muito adormecida.

Ele me mostrou que o amor não era uma utopia distante, mas uma possibilidade real. Como a chuva após a seca, a paixão regava meu coração ressequido. E em seus braços, encontrei o abrigo que nunca soube que precisava.

Se apaixonar de novo era como mergulhar em um mar de sensações. Cada toque, cada carícia, ressuscitava em mim a capacidade de sentir intensamente. E eu me entregava àquela dança arriscada, permitindo-me ser vulnerável e verdadeira.

As sombras do passado ainda pairavam ao meu redor, mas com ele, aprendi que o amor não anula a dor, mas nos ensina a conviver com ela. Juntos, dançávamos entre luz e sombra, em um balé harmonioso de sentimentos.

A paixão nos envolvia como uma chama ardente, e em meio à intensidade do sentimento, redescobrimos a nós mesmos. O medo do desconhecido se desvanecia, pois a cada dia ao seu lado, eu sabia que havia encontrado algo raro e valioso.

Se apaixonar de novo era como escrever uma nova história em páginas ainda em branco. O presente e o futuro se fundiam, e cada capítulo era uma aventura de sentimentos e descobertas. E eu me deixava levar por essa viagem sem rumo, pois havia aprendido que o amor é mais sobre a jornada do que o destino final.

E assim, entre risos e lágrimas, entre dias ensolarados e noites estreladas, nossa história se desdobrava em um enredo inesperado e apaixonante. Ele se tornou meu confidente, meu cúmplice, o ombro onde eu encontrava abrigo nos momentos de fragilidade. Juntos, enfrentamos os desafios da vida, pois sabíamos que, com amor, tudo se tornava mais leve.

A paixão nos impulsionava a explorar novos horizontes, a redescobrir o encanto das pequenas coisas e a valorizar cada instante compartilhado. Com ele, aprendi que o amor não é uma prisão, mas uma liberdade que nos permite sermos nós mesmos, sem máscaras ou pretensões.

Nossa rotina, antes monótona, transformou-se em uma dança animada de cumplicidade e admiração mútua. Nas noites em que o céu se pintava de estrelas, caminhávamos de mãos dadas, contemplando a beleza do universo e das nossas próprias almas conectadas.

O passado ainda deixava marcas em meu coração, mas com ele aprendi a não temer as sombras, pois a luz do amor iluminava cada canto obscuro. As dores que antes me feriam tornaram-se cicatrizes de aprendizado e crescimento, que me mostraram que o amor também é feito de superação e transformação.

Aprendi que se apaixonar de novo não significa esquecer o passado, mas permitir que o presente seja uma nova tela em branco onde novas cores e formas possam ser criadas. Nosso amor não era perfeito, mas era autêntico e verdadeiro, com suas imperfeições e singularidades.

Em meio à intensidade desse sentimento, compreendi que o amor é também sobre o cuidado, o respeito e a compreensão. Era estar presente nos dias difíceis, nas inseguranças e nas incertezas, e segurar a mão um do outro, enfrentando juntos os obstáculos que a vida nos apresentava.

A cada novo amanhecer, a gratidão transbordava em meu peito. A vida e a obra de Conceição Evaristo, que antes me inspiraram a abraçar o amor novamente, tornaram-se parte de nossa própria história. Pois o amor, assim como a escrita de Conceição, é uma celebração das vivências e das emoções que nos fazem humanos.

Se apaixonar de novo me ensinou que o amor não é um destino final, mas uma jornada constante de descobertas e encantamentos. É uma dança que nunca cessa, onde os passos são dados com o coração, e a melodia é a própria vida. E nessa dança, encontrei um parceiro que fez meu coração vibrar, que me fez acreditar novamente nas maravilhas e surpresas que a vida tem a oferecer.

Assim, entre o ontem e o amanhã, dançamos juntos nesse presente eterno, vivendo o amor em sua plenitude, como uma canção que nunca se cala. E ao lado dele, aprendi que se apaixonar de novo não é apenas possível, mas é uma dádiva que nos permite explorar a essência mais profunda de nós mesmos.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

RELÓGIO DE GELO

Por Neri Luiz Cappellari

Sempre fui apaixonado pela arte. Adoro ler a respeito dos artistas e apreciar os seus trabalhos. Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Gogh, Matisse, Picasso são alguns exemplos de clássicos que me fascinam. Contudo, a arte contemporânea vai além das telas e ganha as ruas, os espaços urbanos, os prédios, as calçadas, as pontes, a natureza - o mundo torna-se o seu palco - e é essa arte pulsante e viva por refletir diretamente o nosso tempo que, no momento, tem captado a minha atenção.

Uma dessas manifestações artísticas ocorreu entre o período de 30 de novembro até 11 de dezembro de 2015 e se realizou na Conferência do Clima de Paris (COP21). Esse evento reuniu 195 países com o objetivo de reduzir a emissão de gases para conter o efeito estufa em nosso planeta.

Na época, a temperatura da terra estava aumentando e o derretimento das calotas polares nos extremos do planeta já eram visíveis. Inclusive, já se podiam ver vários icebergs se formando a partir do desprendimento dessas geleiras.

O artista plástico islando-dinamarquês, Olafur Elliasson, grande defensor dos assuntos ambientais, achou uma forma muito especial para denunciar a urgência de se lutar contra o aquecimento global.

Trouxe doze cubos de gelo monumentais, cada um pesando cem toneladas, vindos de icebergs da Groelândia, que foram dispostos em forma de relógio na frente do Panthéon, em Paris, durante a semana em que aconteceu o evento.

O peso desses blocos não foi escolhido aleatoriamente: cem toneladas é o volume de gelo que derrete a cada centésimo de segundo no mundo por causa das mudanças climáticas. Os enormes blocos de gelo dispostos em forma de relógio estariam se derretendo durante todo o período da conferência. Assim, ao final do evento, na sexta-feira, só restou a água derretida.

Essa obra em frente a COP21 foi altamente impactante e significativa. A simbologia de um relógio de gelo se derretendo nos mostra o que o aquecimento global pode fazer não só com as calotas polares, mas também com as espécies em seus habitats. Os blocos de gelo dispostos junto ao Pantheon, sede da conferência, conectam-nos e nos aproximam do que está acontecendo a milhares de quilômetros.

De fato, a ideia do artista era que as pessoas tocassem essas imensas pedras de gelo, admirassem-nas, sentissem a sua energia, compreendessem o processo de derretimento que está acontecendo ao nosso redor.

Realmente foi isso que aconteceu naquela ocasião. Relatos contam que as pessoas que passaram pelo local e viram todo aquele gelo, derretendo rapidamente, sensibilizaram-se e sentiram a necessidade de fazer algo para evitar o desastre iminente.

Quando chegou o final da conferência, no dia 11 de dezembro de 2015, sexta-feira, todo o gelo havia derretido. A água que escorria pelo Panthéon, em Paris, era a prova de que devemos agir, e rápido, se quisermos salvar o nosso planeta. O artista plástico, Olafur Elliasson, antecipa-nos, através do seu relógio de gelo, o que nos aguarda em um futuro próximo se não fizermos algo de concreto a esse pedido de socorro.

Apesar do impacto que a obra causou nas pessoas que passaram pelo local, na época, e da urgência de atitudes concretas necessárias para evitar o aquecimento em nosso mundo, pouco está sendo feito para evitar uma catástrofe global.

Infelizmente a pauta econômica tem se sobreposto à pauta ambiental. Quantos relógios de gelo serão necessários para conscientizar os líderes mundiais e as pessoas de que o nosso planeta está pedindo socorro? – pergunta para a qual não tenho resposta. Apenas espero que, quando acordarmos para a realidade, não seja tarde demais.

FACEBOOK



POST NO SITE



Crônicas

ALMA DE BOTEÇO

Por Roberto Minadeo

Raimundo estava no seu bar de sempre. Bebia pouco e comemorava discretamente os resultados de seu time. As grandes alegrias eram reservadas aos jogos da Seleção Brasileira. Quando os jogos eram de outros times, reservava-se o direito da mais absoluta indiferença – mediante a aplicação de sua maior virtude: representar de maneira brilhante um jeito de bobo, o que o aproximava de todos.

Era o coração e a alma do boteco. Se é raro um dono de algum estabelecimento do ramo vir a se assentar em alguma mesa e socializar com algum cliente, isso apenas ocorria com o Raimundo – responsável individualmente pelo pagamento integral da cozinheira, apenas com o que gastava, dado que ia lá todo dia, sem exceção.

As pessoas que frequentavam o bar já estavam devidamente rastreadas por seu agudíssimo radar. Conhecia a todos, entendia as preferências etílicas e os pratos escolhidos. Com maior intimidade do que o Leão da Receita Federal, sabia dos ganhos de cada um, apenas ao acompanhar os padrões dos gastos, as roupas e o valor do carro estacionado do lado de fora. Acima de tudo, os times e jogadores de preferência de cada qual eram logo identificados.

Ao chegar algum novo cliente, era logo rotulado, de forma a saber quem o indicara, de quem era amigo, qual a faixa de renda aproximada e a frequência que viria ter no estabelecimento. Sempre acertava.

Quando um bebedor de longa marca de certa marca de cerveja ou uísque pedia refrigerante ou água, ele já sabia que iria viajar. Também conhecia o destino, o acompanhante e as finalidades do périplo.

Apreciava as longas conversas, amigos e amigas de longa data falando sobre todos os assuntos imagináveis, ansiosos por trocarem surpresas, contarem coisas, ao mesmo tempo que se interessavam em ouvir.

Era um diplomata, sabia quando iriam começar discussões leves ou ligeiramente mais sérias. Nas raras ocasiões nas quais as brigas chegaram às vias de fato, soube avisar de antemão os garçons para evitarem o pior. Em muitos anos de frequência no boteco, jamais se envolveu em qualquer conflito ou sequer tivera alguma ligeira alteração na voz.

Em certa ocasião, um novo frequentador e não muito gastador, veio a receber em menos de uma semana uma honraria jamais vista na vida desse bar: ganhou mesa reservada, dedicada, intocável pelos demais clientes.

Nosso Raimundo jamais vira algo semelhante e jamais sofrera tão grande afronta em toda a sua vida. Nem quando o Brasil perdera de sete a um da Alemanha. Nem quando fora reprovado na sexta série. Nem quando o chefe o preteriu injustamente de uma longamente aguardada promoção para escolher um recém-formado que não suportou a pressão. Nem quando fora abandonado pela primeira namorada – uma paixão séria para os seus padrões.

Fez um esforço para não gritar, para não fazer qualquer escândalo. Depois de refletir com calma, resolveu chamar discretamente a garçonete e relatar a injustiça que estava ocorrendo, a si mesmo e a todos os clientes mais antigos que jamais haviam recebido a glória incomensurável de contar com uma mesa reservada.

A pobre garçonete captou a agonia do pobre Raimundo, todavia nada soube responder. Um gesto do fiel cliente fez com que o gerente fosse chamado a se explicar. Nenhuma palavra convincente.

Raimundo solicitou a conta. Depois empreendeu algo inédito para um fiel frequentador de boteco: fez questão de pagar sem incluir os dez por cento da gorjeta. Dali em diante jamais foi visto naquele estabelecimento.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

PARADOXO DE UM CAULE

Por Rute Ella Dominici

Sobre angústias e conflitos da própria aceitação de como se é, se apercebe o jovem num jardim desértico sem se julgar um cravo, sem saber ser rosa.

Agarrando-se ao tédio havia espinhos afiados, por baixo das folhas e aderido ao caule. Enquanto todos viam floradas, a música tocava o som ambiente à preferência da maioria que a ouvia absortos.

Somente ele sabia que era um caracol que perdera sua concha, onde se encontrava a concha que o abrigara durante trinta anos?

Mera caixa de correio, simples caixa de sapatos alheios, onde seu pé não cabia, ou talvez uma forte caixa torácica que se despedaçara desalmada, para ressurgir em inusitadas expressões de si e do outro em si.

Sabia que dia mais, dia menos, se descobriria nú como um molusco.

Fora, a chuva caía de cabeça para baixo, soprada pelos ventos como fitas de pipas. Pela janela um pobre gambá de listras pretas e brancas se dizia feliz assim molhado por águas que não voltam como chuvas, mas evaporadas podem levar aos ares seus odores, os que não agradam e quem sabe, metamorfoseados tais olores de brisas.

Com quanta preocupação vivia Rafaello, tão admirado pela sociedade purista, ele que houvera conseguido tantos êxitos para um jovem estrangeiro de classe média para baixa, aquilatado pelos dons musicais em seu piano, pela língua francesa e alguma graduação e pós-graduações.

Ele, o culto, sentia-se a ver-se verme sem pátria nem corpo, oculto, para se instalar em algum conforto.

Paradoxal o posicionamento entre êxitos e seu fracasso triunfal.

A consciência era um tropeço em seu céu de estrelas ofuscadas, e cintilavam pífiyas como vergonha celeste.

O negrume do céu era um "eu" ameaçado por todos os espectadores boquiabertos, como peixes impactados por secas águas. Estes peixes nunca se apaixonaram por sereias nem acreditavam em paixão por algum ser incrivelmente marítimo.

Paradoxo de um caule

Por Rute Ella Dominici

Eram os peixes- esqueleto e espada, abjetos, confiando e convivendo apenas em nados planejados.

E a água do mar é furada por majestosas ondas de adagas.

As águas do jovem desaguam em semelhante jovem.

O nado é um desgosto às humanidades que rejeitam a chuva que chove para todos os lados.

Engano é o murmúrio aceito aos preconceitos, enquanto a verdade doída aos alheios imbrica-se em duas vidas de anseios de olhos, encontros daquelas conchas perdidas, brilho lume daquelas estrelas ofuscadas.

O vapor do hálito das almas conjugadas se decide no primeiro beijo.

Como driblar as cartas que chegam no correio da vida real, a família, os enredos morais que sempre foram panos de tanta admiração e respeito pessoais. E nos rituais de desespero buscando reconciliação consigo, com suas promessas descumpridas, com seus laços atados em detrimento dos rompidos.

Até quando Raffaello? Até quando o recostar em escarpas de convicções. Até quando amar enquanto se colhe cactos com mãos descobertas sangrando. Até quando deserto, água da miragem ou sede escaldante?

Neste dia interminável o choro epifania lavava um ser em sofrida cidadania, longe de suas lembranças infantis, suas construções poéticas de vida, suas constatações individuais homéricas, seus gelatos italianos feitos com sal de oceano.

Raffaello em seu jardim platônico de paixão de sorriso- pálido, descobrira- se neste tête- à-tête de recusas aos espinhos, é quando as pétalas de rosa desabrocham em seu caule afetivo.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

MESA INDISCRETA

Por Sônia Regina Rocha

- Estou organizando o jantar de fim de ano – disse o chefe no momento em que Alice entrou em sua sala, para assinar o ponto – Sugiro que formem uma dupla.

Alice e Heitor se olharam pela primeira vez. O chefe continuou:

- A propósito, Heitor, essa é Alice, viúva. Alice, esse é Heitor, divorciado. Ele chegou hoje, transferido. Pronto. Já os apresentei.

Situação delicada. Aos 50 anos, a última coisa de que Alice precisava era de um cupido.

O espécime masculino à sua frente, na verdade, era um pedaço de mau caminho. E o chefe a colocá-la nessa saía justa!

- Heitor vai levar a namorada no jantar.

- Que namorada?

- A sua.

- Venha comigo.. Eu sou preguiçoso, você pode me poupar o trabalho de sair à procura de companhia.

Ele dirigiu a Alice um caloroso sorriso, antes de jogar no ar a pergunta:

- Você tem carro? Eu moro ao lado desse restaurante. Então, se você for em seu carro, eu não preciso buscar você.

- Quanto cavalheirismo.

- Eu sou carioca – e, com essa explicação que não explicava nada, ele encerrou o primeiro desencontro.

Alice não poderia explicar o fascínio que esse homem rude e desatento passou a exercer sobre ela. Ela resolveu encarar o desafio e conquistá-lo, deixando bem claras as suas intenções.

- Quem sabe, depois do tal jantar, a gente vá tomar um café da manhã na minha varanda – concordou ele, distraído.

Na noite do jantar, Alice estreou um vestido novo e entrou confiante no Chez Maurice. Os colegas lá estavam, elegantes. Só o seu par estava de short e chinelão, completamente à vontade, como se estivesse na praia.

A conversa ficou animada.

Viviane, toda maternal, apoderava-se das travessas e ia servindo todos à sua volta.

Carmem dava pequenas mordidas em cada acepipe, mastigando vagarosa. Taís, sentada ao lado de Alice, não parava de falar, experimentava de tudo só para deixar as iguarias mordidas amontoadas no prato. O marido dela, alheio, bebericava concentrado sua dose de uísque. Agnaldo, que comeu pão com manteiga, risoto, bife, purê de batatas, elogiava o gostinho caseiro da comida. Horácio enchia e esvaziava o prato automaticamente com o que passasse a sua frente e engolia tudo como uma draga.

Heitor ingeria doses alternadas de pinga e cerveja, enquanto, com o garfo, mexia indolentemente a comida no prato.

- Existem gourmets e gourmands. Os psiquiatras conhecem bem as correlações entre o sexo e a comida. – soltou ele, lá pelas tantas.

Alice sobressaltou-se. Heitor piscou-lhe um olho e abaixou a voz:

- Não é interessante como as pessoas se revelam à mesa?

Os casais, aos poucos, afastavam os guardanapos e iam para a pista de dança. Ficaram apenas os dois à mesa.

- Que bom ficar em paz – Alice desabafou, olhando para a cadeira vazia de Taís.

- Ela precisa de um ouvinte – rebateu Heitor – O marido há muito não escuta o tanto que ela fala.

Alice sorriu. Heitor a provocou:

- Você também estava observando. Eu vi.

- Lembrei que você é psiquiatra. Vai dizer que Viviane é mãezona.

- Viviane – ele abaixou a voz – nunca teve um orgasmo na vida. Ela nunca relaxa o suficiente para chegar lá.

Alice, de repente, lembrou-se de que ele a vira comer. Ele continuou:

- Agnaldo é corno.

- Como pode dizer isso?

- Se não é, a mulher deve estar morta de tédio de fazer todo dia a mesma coisa.

- Isso é maldade – Alice estava admirada pela rapidez com que o encantamento que ele exercera sobre ela desaparecera.

- Horácio, aquele apressadinho, é ejaculador precoce.

- Pare. Eu nem quero ouvir o que tem a dizer sobre mim.

- Você? Minha querida, eu e você não temos nada em comum. Veja, eu sou da turma da cerveja. Você é da turma do vinho.

. Alice rolou o copo vazio entre as mãos.

- O que há de errado com os enólogos?

- Errado? Nada. Quem toma vinho é elegante. Escolhe com cuidado suas roupas. Come do bom e do melhor. Gosta de livros. Viaja, mas não para qualquer lugar. Escolhe o roteiro. Aposto que você prefere música clássica. Aprecia uma ópera de vez em quando. Prefere teatro a cinema.

- Então é isso? O pecado da gula entrega tudo?

- Só para nós, psiquiatras. – completou ele, piscando-lhe um olho.

Alice nem ficou triste por não ter usado as camisinhas que levava na bolsa. Heitor a faz rir até hoje. Seus ditos irreverentes e seu sorriso cáldo amenizam os troços do cotidiano. É uma delícia trabalhar com ele. Jamais se tornaram íntimos. Cerveja e vinho são incompatíveis.

FACEBOOK

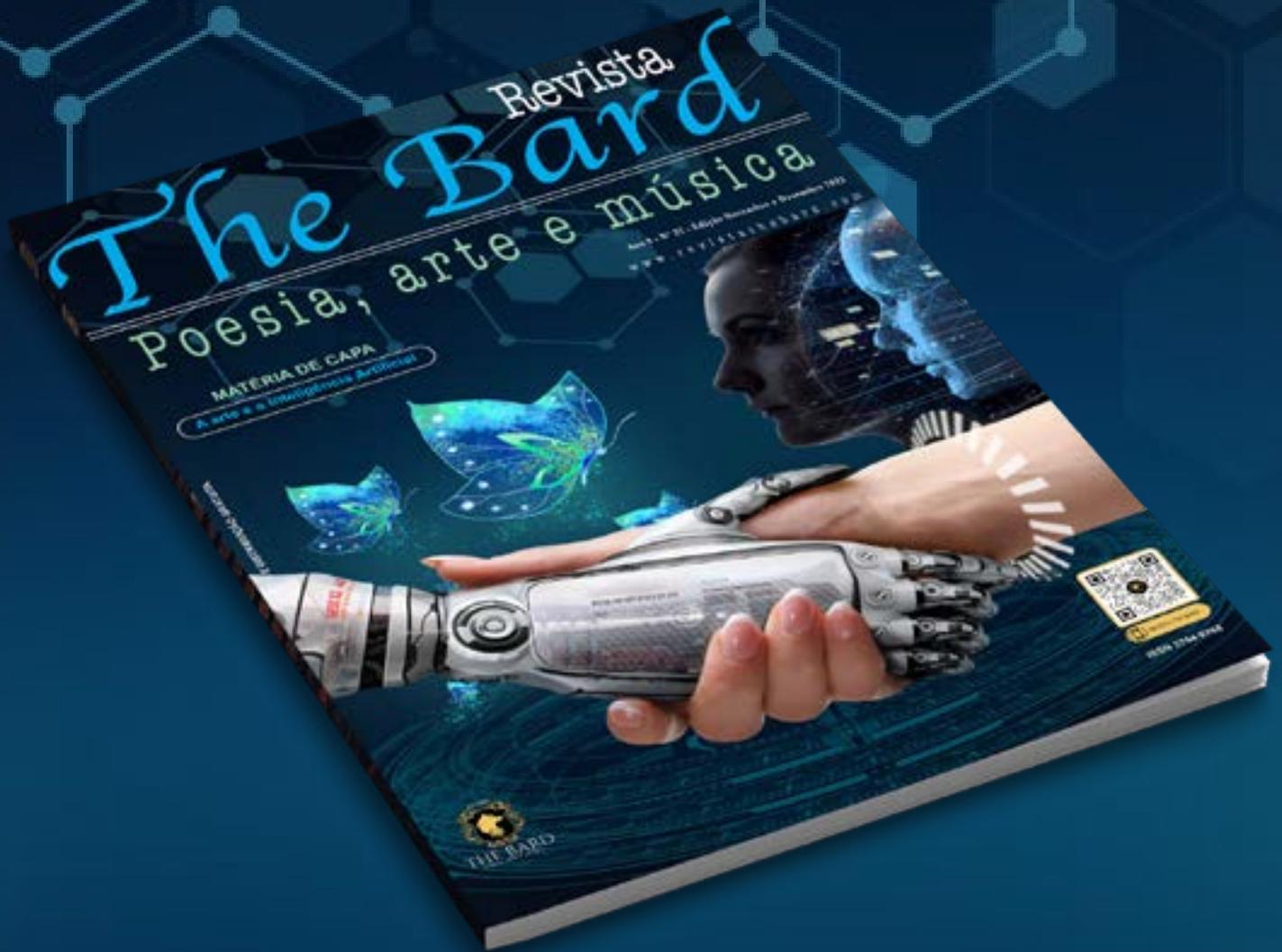


POST NO SITE





EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Coluna DIALEÉTICA

09



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

Robótica! Realidade Transumana e Tecnológica

A humanidade caminha a passos largos para uma substituição da máquina (tanto humana como mecânica), por microrganismos cibernéticos, que venham assim a ocuparem o lugar epistemológico, de uma forma de viver, que possa proporcionar uma dádiva de inteligência artificial, que possa tanto imitar a vida como também a tirar o “*sapiens*” do seu caminho existencial em se deter como sendo unívoco, “*dono da verdade*”.

A robótica pode ser caracterizada no imaginário popular, como um fator cultural em fazer uma igualdade, entre uma forma de psiquiatria hedonista, em proporcionar algum alento para o vazio que a humanidade vive, “*em se bastar a si mesmo*”.

“*Bastar a si mesmo*”, que também é um reaver, de oportunidades em conter uma companhia de si mesmo que seja por uma “*cibernética*”, que consiga fazer com que a vida humana seja menos penosa, como em realizar um esclarecimento, de que o mundo tem a necessidade de ser reinventado a cada instante.

Dentro de sua, “*melodia filosófica esquizo-analítica*”, Gilles Deleuze, deixa um “*caminho que dentro de sua loucura o homem precisa de um cunho argumentativo de entender*”, que em suas psicologias egoístas, se julga como sendo egocêntrico, precisando criar algum tipo, “*ontológico de uma pseudo-vida*”, que possa lhe fazer companhia nos seus momentos mais sombrios.

Um sombrio, que passa por uma arte, que tenha a obrigação de tirar sua sustentabilidade em se prostrar como detentor pleno, de todos os labores de criação da “*natureza evolucionista*”.

Uma natureza que vai ficando mecânica freneticamente, mas que também balbucia um futuro sombrio onde as máquinas não venham mais a ocuparem, “*o lugar do sapiens*”, mas sim, em se colocar dentro de um arcabouço genealógico, vindo a estrangular reflexões analíticas sucintas e claras, produzindo imagens de um poderio intelectual, sendo o seu grande interesse fazer da robótica um propiciar

de inteligência medíocre, realizando um custo benefício de substituição da força humana, projetando um cunho exegético, de uma nova cadeia da teoria da evolução da vida.

Seria possível um robô ter vida, que não seja somente de uma vitalidade útil, para as mais simples e complexas do cotidiano de cada pessoas?



Usando ainda de Deleuze, dentro de sua, *“imitação comportamental nula”*, os fracassos humanos levam a ciência em arquitetar novas jactâncias de produções de literariedades científicas, que estejam pautadas em uma engenhosidade cultural e epistemológica, que refaçam uma *“natureza de criação”*, que possa tanto interpretar a si mesmo, como em deixar evidenciado, que a grandeza das ações humanas passa por um sublime detrimento de ver seus principais sentidos, serem substituídos pela máquina, colocando um batistério de indecisões quanto a uma *“verdade – ética”* de quais pontos as tecnologias robóticas, podem ser de fato, algo, que venham a libertarem o homem, ou escravizá-lo em um marasmos psicomotor sem fim.

A história está produzindo um *“eu-máquina”*, que dentro de uma proposição do *“ser e tempo”* de Martin Heidegger, busca uma falsa verdade, em que o *“saber”*, não pode por meio de seus frutos diacrônicos, deixar seu criador epitelial de joelhos, perante seu criador espiritual.

Assim como o Fausto de Goethe, *“o criador, testa a fidelidade da criatura”*, nesse caso os robôs testam até que ponto a maior das criações divinas, pode ser fiel aos designios, e não ficar de joelhos, de frente, um nominalismo de solidão, que venha produzir, uma interjeição de um *“modus vivendi”*, pelo qual uma psicanálise da lapidação mental proativa, passa pelo poder do metal autônomo ambulante.

Ridley Scott em seu Blade Runner anuncia um futurismo, onde pode se conter uma morfologia de intelectualidade, em que *“homens e replicantes”*, estão dentro de uma mesma patogênese de *“tentar”* sobreviver, perante um espaço territorial mundialista pragmático, que faz, *“uma paralaxe de destruição da sobrevivência da humanidade”*, segundo as palavras de Erich Fromm, deixando um anacronismo cultural do que pode vim a produzir, caminhos de uma integração entre o possível e o impossível.

Em sua obra cinematográfica, Scott, atribui uma questão de identidade do androide e do robô, passando por uma estética de recepção, substanciando as menores partículas de uma globalização comportamental que uniu tanto pessoas como *“falsos humanos”*, que parta para um princípio nietzschiano, *“onde tocar o teto do invisível, se faz visível através do egoísmo humano”*.



Ridley Scott



Um egoísmo, em não aceitar, uma condição natural de que está sozinho no mundo, dentro de uma, *“pulsão comportamental com o toque de Schopenhauer”*, transmitindo um inconsciente de que *“o sapiens”*, não está preparado para lidar com sua própria percepção intelectual e espiritual, como sendo tanto criador como criatura.

Um criador, que em *O Exterminador do Futuro*, criou a Cyberdyne Systems, que fazendo alusão Thomas Hobbes *“fez o homem ser lobo do próprio homem”*, ou *“sua criação ser seu pior pesadelo”*.



Um pesadelo que no *“Dia do Julgamento Final”*, fez com que a humanidade lembra-se dos seus piores pecados, e como também vim a brincar de Deus, pode colocar seus vícios mais profundos em evidência, em uma dialética da história, a tocar melodias, de que a *“carne está sendo substituída”*, por mecanismos cibernéticos e robóticos e nanotecnológicos, cada vez mais modernos.

Dentro da *“teoria cyborg”*, está um forte cataclismo de *“um ser - híbrido”*, que ainda está procurando sua identidade, perante um mecanismo comportamental de nostalgia, em se formular novos fronts de pensamentos que não fiquem encarcerados, somente na vontade em se fazer algo de diferente, mas que seja ele ou ela, o próprio diferente, como um bajulador de novidades e subjetividades éticas.

James Cameron enfatizou um apocalipse da

guerra contra as máquinas, onde colocaria o homem contra sua própria criação mecânica - militar, e que usando de Arquimedes *“será um sentido de colocar a ciência, frente à cultura, mas fazendo o homem ser escravo de ambas”*, como também sendo classificado que para novos enredos a percepção da arte criativa, a humanidade caminha para um sentido de fazer da robótica, um trabalho mental que possa assim estar situado, tanto para um crescimento das atitudes mentais, em fazer um conhecimento filosófico e científico, que contenha a perfeição de não somente se constituir como algo performático ou estrutural egocêntrico da sua mente, propiciando uma *“nova substância”*, em como fazer o homem se enxergar a si próprio como detentor de um destino *“que fosse ao mesmo tempo sombrio”*, mas que pudesse professar a uma *“possível”* transfiguração sentimental do conhecimento robótico.

Na saga Transformers, contendo como base de fundo cinematográfico, contrapontos alienígenas, está uma chama de provocação para o ser-humano. *“onde que Optimous Prime, diz que somos muito mais do que seus olhos podem ver”*, deixando margens para interpretações, que até o *“metal”*, pode ter muito mais significado perante a razão, do que unicamente se nutrir como sendo um r um signo de precisão lógica, demonstrando que a vida possa brotar e jorrar perante antagônicos ornamentos existenciais ao longo do universo.

Em Transformers, não deixa de ter uma provocação com a beatificação do ser-humano como *“destruidor do seu próprio espaço”*, que em determinados momentos tem suas premissas de inteligência agindo como verdadeiras máquinas assassinas, com comandos estabelecidos naturalistas psicóticos, tirando o princípio de sua ludicidade deixando um paralelo interpretativo, em que sua *“criação”* detem mais sentimentos, que a si próprio, e de como uma civilização robôs advindos de outros corpos espaciais, adquiriram empatia enquanto aos poucos o ser-humano, vai se destruindo a si, dentro de uma

ética de se comportar às vezes como sendo um falso “Deus” detentor de toda a verdade e sabedoria.

Uma civilização robótica que partira para uma “utopia” com uma pitada de Thomas Morus, “onde a perfeição seria uma reflexão para imperfeição, cabendo a quem saísse do seu circuito de ordem estabelecida, a ousadia de aprender, a balbuciar fugas, psicológicas diante o poderio da máquina”.

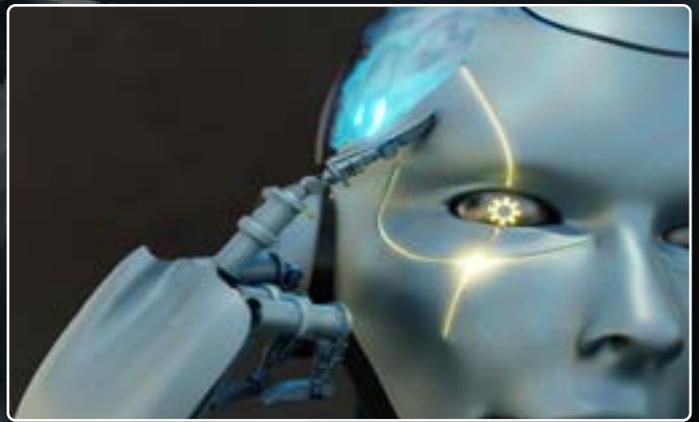
Durante o início da Revolução Industrial, o Ludismo na Inglaterra, foi um alerta para que o “sapiens” pudesse ter seu reinado sendo substituído, por engrenagens, parafusos, sistemas mecânicos herméticos, que tirariam assim a vitalidade do ser-humano, em ser detentor dos seus próprios destinos.

Se pensarmos em um sentido, animes como Os Jetsons, sua empregada robótica “Rosie”, é um prenuncio de uma nova fase do trabalho, em que a substituição humana, por organismos da cyber-eletrônica, seria um evento histórico que sairia do campo da ficção e viria a fazer parte do cotidiano de muitas famílias e pessoas.

“Rosie é uma caracterização da transhumanização do emprego”, onde o comando e o controle remoto seriam ótimas armas para uma domesticação do homem, e também com vindas a limitar, suas relações interpessoais, perpassando uma realidade onde a alienação, levaria para uma formação mental voltada em muito, para uma comodidade sem precedentes, o que também faria em contrapartida a organização de um trabalho, organizado, dentro dos tramites, do esclarecimento moral voltado para o empirismo, e não na valorização de uma subjetividade, que assim fosse ética a respeito do espaço do próximo.

A robotização é a marca do homem no tempo, mas também esgarça que esse tempo está ficando cada vez mais escasso, e que em muitos momentos, é necessário se comportar como máquina, ou tam-

bém agir como um robô programado, tendo nossas vontades sendo substituídas por uma verdade, de que estamos mais para sermos “robotizados”, que propriamente como sendo autônomos diante os desafios que o futuro nos coloca.



Em A Invenção de Hugo Cabret, o personagem “autômato”, é uma reflexologia, de como as descobertas e inovações científicas, podem deixar o homem com uma áurea de mistério, mas também elevar, para uma condição de racionalismo, cheia de técnicas, mas que venha a partir da concepção “deleuziana” e de seus “platôs filosóficos”, podem estar dentro de experimentalismo de métricas de um psicologismo, que limite suas ações, usufruindo de um espaço público, onde as pessoas se interagem como uma máquina, ligados em um esquema neurológico voltado para a objetividade cega, se tornando um campo empírico, tirando o criticismo como uma virtude central do ser-humano.

A Robotização, passando pelo imaginário popular, pode também estar no anúncio em misturar homem e máquina, como Paul Verhoeven, fez em Robocop, um novo messias, do idealismo hermético, em apresentar a substituição tanto da máquina como do ser, humano, por um arquétipo híbrido, como estando a sós, dois modos de vida dentro de um mesmo corpo, que entra na gênese de que, uma



nova tipologia de “*identidade moral dupla*”, misturando uma tecnologia, que ousa vim a desafiar a morte, como ela sendo uma falácia, em substituir a vontade divina pelo desejo de poder e cobiça humana.

“*O Transhumanismo*”, dentro da robótica, poderia, ser a classificação de uma nova estética de procedimentos intelectuais, onde a destruição seria um caminho, para liberdade, de uma filosofia em reaver, cada ponto de uma existência, que seja reivindicante aos meneios de atrevimentos intelectuais e espirituais, gerados pelos seus próprios flancos mentais.

A tecnologia necessita cada vez mais se humanizar, em buscar, uma existência que possa assim tanto ajudar o ser-humano, como também que não venha a sair, de dentro do cronotopo de falsificacionismos, que façam uma fabricação de intelectualidade, que fique dentro exclusivamente, de virtudes que venha a favorecer a técnica e não uma compreensão do que seja humano em “*ser*”, “*ser-humano*”.

Dentro de escopos intelectuais, atrelado a Hannah Arendt, “*a robotização da vida humana não pode vim a cair na massificação de pensamento e atitude*”, que possa assim ser sublime da busca de uma filosofia de identidade moral, que parta para uma sociabilidade, que não seja “*eugênica*”, mas sim que combata as minúcias de “*repetição da intelectualidade*”.

Usando de Deleuze, “*uma repetição que venha a recatar, reacionários, caminhos de argumentações*”, que reproduza uma dormência intelectual, que não seja sucinta para cunhos, de humanização criativa da conduta humana.

“*Dentro de um contexto de transhumanização solipsista, podemos citar a teoria do robô*”, onde “o comando, em acionar um dispositivo, venha realizar uma condição humana, de que, dentro da concepção do “*Deus Relojero*”, de Voltaire, é necessário alguém

para acionar, qualquer mecanismo, que assim possa ser um cunho de valorização do conhecimento empírico, mas que também não se afaste de subjetividades comportamentais e intelectuais, que possam deixarem marcas, de novas transgressões, de como se reinventarem, em um espaço de globalização, onde a “*matéria pré - moldada, cheia de engrenagens e circuitos*”, possa ocupar o mesmo lugar dos homens.

Em torno da “*teoria cyborg*”, organizada Donna Haway, está um híbrido de conduta onde já não transcorre uma limitação entre seres vivos intelectuais, com as máquinas tecnicistas, e que dentro de uma humanização de sistemas e circuitos herméticos da inteligência artificial, ocorre uma gênese de vida, em como se adentrar dentro de um universo mental, onde o espiritual é substituído aos poucos pelo material,

(*Uma matéria, que se mistura, entre cyborgs, robôs, e máquinas, que são programados por homens, que são diferenciados em suas aparências, mas que desejam “não todos é claro*), submeter seus semelhantes a uma escravidão tanto corporal como mental de suas vontades e desejos mais profundos.

Isaac Asimov, que em certo ponto era otimista “*quanto o emprego da tecnologia que viesse assim tirar o homem do seu caminho sórdido de solidão*”, contém um exaltar agnóstico, que está difícil tentar chegar a um caminho de ter seu espaço pessoal reservado.

Diante um “*crash de possibilidade macrotecnológicas*”, a formação de novas habilidades meta-cognitivas, ganha um sentimento “*cyborg*”, pelos quais enfoca uma formação de antropológica de pensamento focado tanto na máquina, como em uma estética em tentar se descobri ou interpretar o que pode ou não ser classificado como robô, ou ser-humano.



No filme distópico de 1987, *“Cherry 2000”*, pode ser colocado como um prenúncio do ser-humano, sendo programados para agirem de acordo com a vontade de seus donos ou senhores.

Seria isso um novo conceito de escravidão?

Ou também um desvalorização do fator humano, na construção de preceitos psicanalíticos que possam assim tirá-lo, de todo um marasmo em se portar, defronte uma nova forma de tecnologia, que vai afastando um dos outros, para uma reflexão, de que diante a satisfação da *“libido e do prazer”*, bonecas eletrônicas, podem virem a substituírem a condição de um *“amor - eros”*, em que se cumpra a sua métrica, em unicamente satisfazer o sexo pelo sexo.

“Os que desejam estar lá, Devem afastar a alienação Lidar com a fascinação” (Rush, *Limelight – 1981*), o ser-humano dentro de seu *“Transhumanismo Sádico”*, se declina para uma alienação, que venha produzir uma emoção, que seja uma fragrância, de antecipar novas ânsias, de se caminhar para o libertarismo de si mesmo, mas que dentro do sentido do *“belo”*, se faz escravo de uma inteligência, que procurar um pouco de consciência para seus hábitos mentais mais profundos.

No caminhar de contingências psicológicas está um sabor existencial imanente, que procura uma lógica, de que a alienação, pode ser percorrida

por um abuso de comodidade, que venha gerar novos nichos culturais, que produzam metafísicas, intelectuais, que façam o sentimental, particular de cada um, uma nova industrialização de robôs, *“que segundo o dramaturgo theco, “Karel Tchépek, imite o homem em aparência”*, mas que entra no sistema analítico deleuziano, em tratar cada cultura como um estereótipo de igualdade cruel tirando seus cunhos particulares e subjetivistas.

Uma aventura cultural que passa pelo *“Transhumanismo”*, em tentar fazer da robótica um sistema de ideias e pensamentos que seja ao mesmo subjetivista, mas que não se faste de sua exatidão científica.



“Dentro do ‘paradigma da modernidade’, a robótica, reproduz cunhos de transformações intelectuais que retiram o ser-humano do sentido de *“errar”*, como um baluarte de compêndios intelectuais que venham refazerem, um prognóstico de como se comportar diante os desafios de sua própria percepção e inteligência”.

“O Transhumano”, faz da inteligência artificial um caminho tanto para se chegar a um nicho de liberdade intelectual que possa tanto tirar o ser-humano da sua massificação como também a chegar em uma produção de materialismo detido no sentido computacional, onde segundo as palavras do pensador Pierre Lévy, *“fazendo com que o racional seja*



substituído pelo poder dos dedos, e que a cada novo teclar surgem prolíferas formas de sublinhar uma inteligência artificial, que também possam deixar o "humano" cada vez mais espiritual no sentido de desenvolver camadas psicológicas de uma decência de respeito, que seja tanto dialética como questionadora".

Sair de uma condição humana que beire, "a repetição incessante", de atos que venham desqualificarem sua subjetividade, e assim fazer uma inversão de biótipos comportamentais que sejam escravos da tecnologia, é um dos grandes desafios, de um novo estereótipo do aprender, que possa assim deixar as pessoas de forma propedêutica, caminharem para novos pontos de uma ubiquidade de consciência, que seja diletante em caminhar para traçados de liberdade civis, que venham, valorizar o humano, em torno de uma historicidade, hipotética, no tangenciar, de alargar novas formas de entendimentos entre as pessoas de múltiplos caminhos antropológicos e teosóficos.

A dianiologia do pensamento artificial coloca regras, em que a máquina necessita obedecer a seu criador, mas que em determinados momentos, o seu criador também passa por um psicologismo em ter que substituir a companhia da criação divina "de carne e ossos", em busca de uma "verdade", em construir um novo "nous" da história, que possa privar de um escândalo filosófico, em ter que ser substituído em seus comportamentos mais profundos, por um dinamismo libertino, "de fazer da coisa em si", uma coisificação atemporal das suas necessidades mais profundas, fazendo crescer uma agonia psíquica em que a solidão já não se torna mais uma forma de reclamar da vida, ou uma condição patológica de tentar se redescobrir de forma dialética, dentro de realidades, que possam tanto ser transversais como espirituais, em se postar diante o, "outro", mas que venha refazer, uma "imaginação", de revalorização de suas atividades e sociabilidades, fazendo uma razão disseminada em múltiplas potencialidades de

equivalências mentais, em torno de se fazer crescer trabalhos neurológicos em que "o Transhumanismo", que não seja alvorçado há uma "pós-humanismo" frenético e cruel.

Segundo as palavras do pensador e psiquiatra húngaro Thomas Szasz, "a fabricação da loucura passa, por um controle intrépido das formas do corpo em se movimentar, na busca tanto de realizar coisas simples do cotidiano, como em aumentar seu rolo de compreensão e absorção de informação perante as múltiplas faces do seu cotidiano", o que não deixa de ter uma conexão metodológica, com as ideias de "renovação e invenção do cotidiano, contido no pensamento de Michel De Certeau".

A dianiologia da metonoia da paranoia computacional vem a superar o espiritual, faz da Inteligência Artificial, promover uma arte de "(des)madurecimento do ser humano" encarcerado em um mar de sintagmas produtivos de novos diálogos, que possa assim a realizar uma parcimônia de construção da subjetividade ética, que fique encarcerada, "em produzir alguém que não seja classificado como somente sendo algo".

"O Transhumanismo", ao mesmo tempo em que eleva simetrias, para uma lógica de interpretações e ações, que venha a valorizar o esclarecimento filosófico múltiplo, também promove um endurecimento da "Indústria Cultural", que tece cunhos, de uma alfabetização dos signos, de exterminar em determinados momentos uma criticidade, que possa ser empática, e também que detenha uma "maiêutica orgânica", que seja íngreme em não deixar apodrecer os frutos de novas mentalidades sadias, em relação a serem seduzidas por eixos de uma "pós-verdade", que não valorize a arquitetura, de reflexões que não sejam, exclusivamente técnicas ou massificadoras.

Evelyne Sullerot coloca que dentro da "teoria social dos gêneros", é necessário constatar o pro-

gresso científico favoreceu a hegemonia da sociedade masculina, perante ser detentora dos princípios de disseminar tanto o saber filosófico como científico.

lorige um dialogismo individual empreendedor de diatribes intelectuais éticas e concisas entre as pessoas, que não levasse a transgressão de um progresso científico, que levasse a robotização em grande escala dos principais sentimentos humanos.



Evelyne Sullerot

Mas por outro, Hannah Arendt, esgarça que para a destruição do humanismo crítico e argumentativo, a mulher foi um dos principais alvos, quanto à uma política discriminadora, da privacidade, para rebaixar acintosamente, um pragmatismo nefasto, em colocar uma hegemonia de pensamento que va-

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Nau literária



08

POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honorarias (inter)nacionais.



O que é uma entrevista?

A palavra entrevista vem do Francês ENTREVUE, “ato de ver um ao outro, breve visita”, do Latim INTER, “entre”, + VEDERE, “ver”.

É uma narrativa histórica interativa, uma troca de diálogos entre os pares. É um momento solene, onde o entrevistador puxa o fio da memória do entrevistado construído a partir de suas vivências, experiências e conhecimentos. É um gênero que, embora a sociedade tenha vivido todas as transformações no tocante as técnicas de comunicação, permanecem se firmando na mídia contemporânea. E uma “arte”!

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (Medina, 2002, p. 8).

A bem da verdade, ao escrever essa reflexão podemos dizer que narrar por meio da escrita nossa vida é um ato de informar a sociedade nossa história de vida, familiar, laboral, afetiva.

Segundo Pereira Junior (2006), a origem da entrevista jornalística remonta ao início do século XIX. Um dos pioneiros teria sido James Gordon Bennett, dono do New York Herald, jornal americano publicado diariamente entre 1835 e 1924. Em 1836, Bennett entrevistou Rosina Townsend, dona de um bordel onde ocorrera o assassinato de uma prostituta, Helen Jewett.

Através desse texto agradeço ao editor da Revista The Bard J B.Wolf o espaço, respeito e a confiança. Para todos os colegas que partilham desse espaço, minha admiração e respeito.

Para os entrevistados meu muito obrigada, por confiarem em meu trabalho, traduções, conhecimentos e amizade.

*As palavras são os suspiros da alma.
– Pitágoras.*

Inspire-se na magia dessa época e espalhe, amor, perdão, carinho, ternura e esperança em todos lugares por aonde fores!

Boas Festas!

Magna Aspásia Fontenelle

Referência bibliográfica:

MEDINA, C. de A. *Entrevista: o diálogo possível*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

**CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE



FACEBOOK



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





Bahkim Abazi, natural de Vlora- Albânia, professor, líder científico, escritor, editor, crítico. Graduado em direito, - Doutor em Filosofia, oficial, Academia de Polícia do Estado, 1982. - advogado, 1992. Mestrado - especialista em guerra às drogas, 1999, Ministério do Interior da Turquia. Mestrado - Analista de Investigação Criminal Internacional 2000, Departamento de Justiça dos EUA. Especialista na luta contra a máfia 2003-2006, Centro de Estudos da Albânia. Analista e formador 2014-2018, Agência Internacional de Investigação da Albânia. Membro da Academia de Ciências Alternativas "Our Roots", Albânia. Membro da Liga dos Escritores da Albânia desde 2004. Secretário do Pensamento Filosófico LNPSHA Pegasi Albânia 2014. Membro do Conselho Científico do Ministério do Interior 1979 - 1992. Assistente de Ensino 1982. Colaborador Científico 1982- 2000. Consultor Jurídico de Direito Penal, Câmara de Advocacia, Albânia. Posto de chefe / comissário de polícia sênior. Membro permanente do Congresso Internacional de Polícia e Migração Hungria 2000. Candidato a Deputado - sociedade civil 2005. Cargos: Professor Honorário, Embaixador da Paz, Missionário da paz e do progresso, Líder da sociedade civil, Personalidade pública, Conferencista. Avaliações: prêmios em literatura, jornalismo; Reconhecimento por contribuições em atividades nacionais e internacionais.

1



REVISTA THE BARD — Nada estimo mais entre todas as coisas que não estão em meu poder, do que contrair uma aliança de amizade com homens que amem sinceramente a verdade.

(Baruch Spinoza). O que é verdade para você?



BAHKIM ABAZI Querida Madame Magna!

Considero a comunicação com você um privilégio, seu status e o padrão de alto desempenho nas questões aumentam a responsabilidade do raciocínio e do julgamento sintético nos campos da profissão, psicologia, criminalidade, filosofia e religião. Como parte da Natureza, do Estado, do direito, fui atraído pela filosofia em testes, ensaios, estudos a começar pelo tratado v. (2005). "A Sabedoria da Filosofia"; criatividade literária com três romances, presença pública com estudos, crítica, participação em atividades nacionais e regionais sobre questões de segurança, paz, cultura, arte, literatura. Atualmente atuo como missionário da Missão Diplomática para a Paz e o Progresso com presença da ONU, EUA, NATO, União Europeia em Tirana, Albânia e secretário do pensamento filosófico LNPSHA

Pegasi – Albânia.

Antes de responder, gostaria também de esclarecer minhas abordagens epistêmicas aos leitores da revista. Desde os primórdios do conhecimento antigo, antigo até hoje, aceito o filósofo Sócrates: "A ignorância é a origem de todos os males. Nada vem repentinamente. Tudo tem um início."

O conhecimento filosófico progrediu lentamente em formas, modelos, métodos de análise e raciocínio sobre verdades e não-verdades, apenas através da lógica baseada em factos e julgamentos sobre a verdade. Em qualquer caso, não evitou atitudes relativas como pontos de vista relacionados com diferenças e percepções e considerações.

Ao longo do meu percurso filosófico, mantenho incontornáveis os paradigmas: porque é que as descobertas arqueológicas são válidas, o homem foi à Lua, porque é que se exibem ficção científica e filmes multiplicativos, porque é que os manequins não riem?

Uma abordagem com a práxis me dividiu em exterminar dilemas, negar e afirmar, incluir e excluir, semelhante a "voltar no tempo, a matéria tem pensamento, uma coisa em tudo, inexistência real com



formalidade, nominalismo da teoria com conceitos filosóficos, o mundo não pode parar no tempo...”.

Este tratado, desdobrado no primeiro livro, encerra a antologia filosófica com o livro em andamento “Sobre o Humanismo”. Visa apresentações diferenciadas, conversa frutífera, atitudes críticas, aumento das habilidades de percepção lógica e modelo alternativo de polêmica ou debate para mais conhecimento com razão e intelecto. O tratado seguiu a preocupação de pesquisa, reflexão e formulação da totalidade do objeto filosófico com a ciência e a religião - fragmentado pelos filósofos por motivações e interesses propositais - em revisões de viagens históricas - etapas em milênios e séculos, consideradas como teorias agrupadas e selecionado com filósofos, estudiosos, esclarecidos.

Com você e os leitores, no início do diálogo, pareço empático com a epistemologia, eufemístico com a filosofia dos conceitos, com sentimento e convicção pessoal, por emoções e muito crítico da filosofia e dos filósofos, com o objetivo de ser, matéria, tempo, espaços. Existem diferentes atitudes em relação a eles. Como ciência, disciplina, metodologia, orientação, processo, modo de vida, julgamento livre... contra o misticismo e a mitologia, para a explicação do universo, do mundo, da natureza, da humanidade; é a existência, conhecimento, verdade, lei, justiça, harmonia, linguagem, beleza. Mantenha a abordagem aristotélica do pensamento ou do raciocínio: Metafísica, o ser e o mundo, Ontologia, Cosmologia, Epistemologia, até onde vai o processo de conhecer, conhecimento contra o ceticismo, Ética e moralidade do comportamento humano, antropia; Categorias, Filosofia política – governança, autoridade de poder, indivíduo, estado, justiça, lei, propriedade, direitos, pensamento político, Estética – beleza, arte, prazer, percepções, sentimentos, Lógica – em formas formais, matemáticas e lógicas de pensamento, Filosofia da mente como dualismo e materialismo do pensamento com o corpo, Filosofia da linguagem - pesquisa sobre a natureza, origem e uso da linguagem, Filosofia da religião...

Prefiro a filosofia como metodologia das ciências, único meio racional para a visibilidade das leis lógicas do cérebro humano; é o espírito que derrete as fronteiras da ideologia e das mentalidades, a con-

quista da tranquilidade e da iluminação da alma humana, a tendência a fazer-se amigo. Necessário para dar sentido à apresentação da identidade filosófica, apresento aqui um breve resumo da teoria e de sua história.

É necessária uma visão panorâmica e dinâmica para valorizar a filosofia humana e esclarecer a psicose: a verdade existe, aplica-se também aos extraterrestres!

Em suma, a filosofia antiga viveu o período de transição do materialismo para o idealismo, cheio de ideias, do nascimento das ciências e da simples descrição do sujeito, do fato, do fenômeno. A substituição da tradição, do direito consuetudinário por leis, dos mitos, dos deuses por conceitos abstratos, bem como as considerações para a matemática e a lógica nas formulações para a existência do Superser, do Criador, da Criação e da história humana são os primórdios da filosofia como dúvida, admiração, palimpsesto de pensamento e o processo de reconhecimento. É aqui que começa toda abordagem de pesquisa filosófica.

Uma abordagem ética e estética da essência das coisas e dos fenômenos determinou a unidade material do mundo, o reconhecimento da natureza física da matéria e do ser. Uma absurda moralidade da filosofia orientou os indivíduos entre as trevas e a luz, o vício e a virtude, o bem e o mal, a utilidade e o desnecessário... Da ignorância ao empirismo e à racionalidade, o homem raciocina de forma diferente sobre o perigo para a vida. As transformações rituais e simbólicas com comportamentos mágicos, místicos, ilusórios e absurdos definem os limites da existência e da sobrevivência.

Hoje, os valores comparativos da razão e da lógica são orientados por ideias, conceitos e doutrinas filosóficas, científicas, teológicas... O homem dominou mais do que nos primórdios do conhecimento filosófico. A pesquisa científica e as correntes filosóficas têm enfrentado o conflito entre fé e razão. Até a Renascença, o conhecimento antigo e medieval permaneceu intocado pela dialética do processo cognitivo.

A filosofia antiga com um apêndice justificativo do período pré-socrático e os que vieram “depois de-





les” nos dilemas de como, por que, o quê, despertou a atenção da lógica para o estabelecimento da metodologia do pensamento fundamentado e crítico e projetou as lacunas do percurso histórico da filosofia e da vida humana.

A filosofia medieval é apresentada como um lembrete da humanidade desde a queda do Império Romano até o redespertar do pensamento das condições trágicas da Idade das Trevas.

Reconfortantes materiais, alguma saliência filosófica, abordagens teológicas pagãs e dominantes da divindade no Judaísmo, no Cristianismo, no Islã com conhecimento secular e secular prepararam o destino preconcebido da razão humana com o ser que transcendental.

O período renascentista continua a ser o elo de ligação entre a filosofia moderna. Como mais valia do pensamento, restaurou o homem, o ser como conceito central da filosofia. O renascimento do ceticismo abalou os princípios da moralidade e da ciência, orientou a consideração entre mente e corpo e o livre arbítrio. A motivação disciplinada do pensamento estimulou os processos racionais da inteligência de um anarquista e confundiu o tempo material ideal da relação perceptiva. Correntes de pensamento como filosofia analítica, ética, fenomenologia, empirismo radical, pragmatismo, cosmologia, psicologia experimental, existencialismo, filosofia materialista etc.

O positivismo, ao contrário do idealismo, evocava otimismo, valorizava o papel da ciência - como garantia de progresso e método do processo de conhecimento. Movimentos como o racionalismo na França, o utilitarismo, a evolução darwiniana na Inglaterra, o materialismo monista na Alemanha, o naturalismo da Renascença na Itália criaram características comuns. Entre duas revoluções e duas guerras mundiais, a Filosofia da Vida Moderna re-dimensionou o milagre da vida com as tragédias, o caos e a psicose do medo. A relação das ciências naturais com as ideias humanistas do “senso comum” levou a filosofia contemporânea às correntes com o positivismo lógico, sem resolver as questões filosóficas através da lógica e da linguagem, da história da filosofia, das doutrinas e da civilização tecnológica.

Estamos em um momento de crise do pensamento filosófico.

São necessários diálogo, conhecimentos lógicos e soluções racionais.

Voltemos à sua pergunta – a verdade!

A verdade é a certeza do conhecimento, a garantia da existência, a completude no *modus vivendi*. Este objectivo é também a negação do seu carácter objectivo. A verdade existe apenas como relativo e predicado do conceito, mas não de seu conteúdo simbólico e essência. Esta é uma afirmação difícil face às verdades universais e divinas.

Na verdade, no ser humano não existe essência inerente, a sua vida é linear, bipolar, corpuscular. O nascimento não é a partícula primordial, a alma não é a verdadeira representação da vida. Na hipótese da unificação das fronteiras espaços temporais, há uma perfeita compatibilidade antropológica do ser humano com o estilo de vida; inconscientemente, o padrão é a fantasia, o impossível, a aventura. Este ato de desprezo pela totalidade entrópica constitui também um dos estados psíquicos em direção às verdades.

Cada visão carrega sua própria verdade no tempo. A verdade não deve ser dita, pois gera polémica e mal-entendidos. Na matemática dos cálculos vitais, a categorização do valor do “zero absoluto” ainda está errada. Estados empíricos e racionais, com percepções da matéria objetiva, completam os vórtices do conhecimento na impossibilidade e impotência de separação da metafísica subjetiva. A palavra do claro e o rito do Culto estão ocupando cada vez menos espaço no mundo espiritual de indivíduos intrometidos, egoístas e aproveitadores, com visões de mundo distorcidas e truncadas.

Nos primeiros dias do nascimento, a Religião tinha uma missão pacífica e humana para a compreensão mais plena possível da vida, morte e ressurreição. Estas categorias únicas e inerentes ao longo da existência humana incluíram o Corpo e o Espírito de tudo no seu misterioso interior e fundamento, modelando aspectos visíveis, tangíveis e admiráveis das três partes – Espírito. Em unidade, juntos e separa-



damente - bem como em uma posição predeterminada de conhecimento e correntes científicas com a autoridade do Criador - eles criaram a ordem harmoniosa do mundo. Outrora para Sêneca e hoje para o ser moderno, a Religião é verdadeira para os simples, falsa para os sábios, necessária para os poderosos e poderosas. Ainda hoje, esta percepção do domínio da fé, em conflito com o ateísmo, o secularismo, o secularismo, as tariqas e as seitas...mesmo os indivíduos, não esclareceu o ser antropológico, teísta, panteísta, idólatra com a Providência Divina. O teste ontológico da verdade foi criado por Platão, ele buscou a perfeição na Terra, visualizando-a no céu.

Em função dos julgamentos voltados para a obtenção de verdades nas relações de sentimento, compreensão, raciocínio, consideração foi criada a Filosofia da percepção a natureza da experiência perceptiva, da informação e da conexão com a crença ou conhecimento em relação ao mundo.

É um pouco difícil aceitar verdades a priori, numa tempestade de mal-entendidos, disputas e embates que chegam à heresia, à inquisição e ao negacionismo. Realismo contra idealismo, nominalismo, filosofia com conceitos abstratos e universais contra metafísica e ontologia. O racionalismo extremo - todo conhecimento apenas pela razão, seduz o racionalismo cartesiano moderno da ideia. Cogito "ergo sum" - um sistema completo de conhecimento. Depois deles, o que mais há?

No empirismo - dúvida sobre a capacidade da razão para o conhecimento, a base do conhecimento são os sentidos; ceticismo - duvidar da possibilidade de ter qualquer tipo de conhecimento; teorias com idealismo - nada pode ser conhecido além da capacidade de pensamento, o que está na mente é mais confiável do que o que vem dos sentidos, não há diferença entre estados mentais e ideias, o conhecimento tem limites... A metafísica kantiana concordou com o racionalismo o empirismo, a fenomenologia da alma hegeliana resolveu o conflito ser - não ser. Contra o empirismo e o positivismo tradicionais, o pragmatismo considerava a descoberta científica da verdade as funções diferenciadoras do pensamento filosófico do utilitarismo de qualquer visão ou teoria - como crença, norma de comportamento e ação prática.

O conceito da existência humana é um esforço para enfrentar as dificuldades da vida, incentivou o altruísmo pedagógico - o estudo das ciências com experimentação e lógica. Fenomenologia são todas as ações orientadas por objetivos, lançando as bases da estrutura, essência e essência da experiência.

O existencialismo deu kumt ao momento responsável pelo comportamento existencial do ser que sente, age, vive. O estruturalismo proporcionou a análise de sistemas de convenções sociais, limitando e possibilitando abordagens. A língua fala o homem, e não o homem fala a língua. A filosofia analítica estabeleceu o método de argumentação específica, a atenção à semântica, o uso da lógica e a clareza de significado. A filosofia moral e política compreende ainda hoje a relação entre a natureza humana e a legitimidade da autoridade e do poder político. Definições de Platão - República do "rei filósofo", Aristóteles com o "animal político", Sócrates: sou honesto demais para ser político, Maquiavel: "a autoridade faz o que é necessário, não o que é moralmente admirável" a verdade e dá Justiça bergsoniana: não há nada de cômico fora do humano, muitos chamaram o homem de "um animal que sabe rir", deveriam tê-lo chamado de "um animal que faz rir".

A necessidade de conhecimento e verdades filosóficas divide, separa e agrupa os pais fundadores, definindo as eras filosóficas e unindo as correntes de pensamento. Em sua maioria, foram classificados quase na mesma consequência clínica, devido à metamorfose da origem, o arquivo histórico com a memória perturbada pela psique com o grotesco, o drama, a tragédia, a histeria, a loucura. Platão foi vendido como escravo, Casmus sofria de tuberculose, a empregada de Rousseau dormia em cima do seu quarto, Sartre foi preso duas vezes, na sala de referência de Bergson os assentos eram ocupados com horas de antecedência por empregadas, Wittgenstein o homossexual, Nietzsche louco, Marx expulso de alguns países.

Os dilemas do que podemos saber, do que devemos fazer carregam elaborações incompletas da filosofia das civilizações cínicas, com uma ordem aceita Grimberg... alcançada no panorama da crise do século XXI.





Anda paralelamente ao pós-estruturalismo do ser humano. Lista para o leitor: Ser antigo – do paganismo, do conhecimento empírico, da tradição, da vontade divina e do direito consuetudinário, às ideias e conceitos. Uma percepção antropomórfica da divindade, contra a natureza e o ser. Para a metafísica, natureza e pensamento estão ligados numa única doutrina. Até o nascimento da ciência secular, a existência medieval sofria de hierarquia, barbárie e ordem clerical. O ser do renascimento foi preenchido com uma nova consciência, tudo por si, toma decisões e dá sentido à vida.

Pensamento liberto de conceitos metafísicos e religiosos, a ciência torna você independente da natureza, conhecimento é poder, olhe tudo com razão. O ser moderno deu sentido à lei e ao domínio da natureza no interesse do bem-estar. Uma sociedade culta, com conhecimento, em liberdade e igualdade. O ser atual – tecnologia, ciência e natureza humana contra o planeta. As armas nucleares, o clima, a inteligência artificial e a perícia estão a definir o significado da existência. A estupidez e a ilusão superaram a patologia da lógica e o império do perigo. Encerrarei com Demócrito: conhecer a verdade é difícil, desde que a percepção dos sentidos seja subjetiva. Mas não esqueçamos a comédia da “máquina da verdade” – uma realização da refeição apostólica do banquete platônico.



2



REVISTA THE BARD – Bahkim Abazi, conte-nos sobre sua trajetória terrena, infância, família, seu país, etc.



BAHKIM ABAZI Minha vida, minha infância, minha família, meu país. Sim, me sinto mimado. Nasci em Vlora- Albânia em 16 de março de (1958), em uma família simples e dedicada a criar, educar e amadurecer sete filhos. Meu pai era financista e minha mãe educadora, lembro-me de alergias e anorexia. Por motivos desconhecidos, dos 5 aos 14 anos fui criado pela minha avó, minha mentora de ética, cultura, conhecimento. Pratiquei natação, música, futebol, pintura.

Nunca gostei de falar sobre mim. Como excelente aluno, queria engenharia eletrônica. É a idade e o momento das decisões dos outros. Estudante da profissão de segurança - academia de polícia, tive o privilégio de ser membro do departamento de filosofia, membro do conselho científico do Ministério do Interior. Do meu diploma universitário, obtive o título de conferencista em njvj jvj1982 e de associado científico em 1986. Os anos de trabalho nos Alpes albaneses me ensinaram o épico, a tradição e os valores maravilhosos dos montanheses do norte.

Claro, voltado para a carreira, mas sempre baseado no intelecto e não no comando. Conservei contribuições de trabalho individuais e em grupo para projetos, programas, estruturas, leis, metodologias e manuais informativos; Sinto orgulho do uniforme e do status. Afastada da política, minha vida profissional mantém alta hierarquia, respeito e apreço público.

Família é meu reino. A incansável e digna Miranda me deu dois filhos. Sinto-me feliz porque eles estão livres de vícios, livres em suas escolhas e decisões. A filosofia mexe com sua alma. A uma mente sábia todo o Universo se curva. Eu me curvo ao meu país. Nada te machuca mais do que a dor no seu âmago. Amar ou odiar não é o mesmo que os desejos primi-



tivos da criação ingênua. É a negação da imaginação reprodutiva e a afirmação ilusória do fantasma

O amor pelo meu país é o orgulho de todo albanês. A Albânia é o ambiente, a família, a natureza, a beleza, a saudade... é a história dos Pelasgos, Ilírios, Epirotas e Albaneses; Gjergj Kastrioti, o herói nacional, renascentista e patriota, um guerreiro esclarecido, que lutou e trabalhou pela liberdade e prosperidade de sua pátria. Existem os iluministas, os prelados do conhecimento, existem Bylis, Amantia, Lisius, Dyrrahium; é Berat, Gjirokastra, Nivica como patrimônio mundial; O olho azul, Valbona, Vjosa; são Kruja, Rozafa, Lago Prespa e Lini. É a ponte de Mes, filha de Mesaplik; é a montanha de Tomorri e a Dodona Pelasgiana, são os códigos, os cânones, as elegias, as canções de ninar, os figurinos, os costumes e as súmulas, é o folclore, a polifonia, as danças, o lirismo poético... eh, esse meu país!

É a história iluminada da Santa Ilíria.

3

REVISTA THE BARD – Quantos livros você escreveu e qual deles define você?



BAHKIM ABAZI A criatividade está dividida em três partes: literária com três romances, filosófica com onze livros de estudos, ensaios, e publicitária com dois livros em processo de publicação. Inclui crítica, edição, prefácios, presença pública, participação em reuniões, eventos importantes, comentários sobre arte, cultura, direito, justiça, criminalidade, religião...

Tudo começou em (2002), com o romance “A Última Armadilha”. Uma meditação sobre um dos instrumentos de repressão e subjogação da sociedade na ditadura. Uma libertação emocional e sensorial

na democracia, evidência de si mesmo em relações honestas com a sociedade; um impulso motivado pela necessidade de um raciocínio de fluxo cruzado dos governantes numa ditadura para os governados numa democracia.

A novela “O Refém do Esquecimento” vence o perseguidor do inferno na ditadura e cura a alma da vítima. Um reflexo do sofrimento e da loucura do poder herético. Uma analogia da vítima com o vitimizador e a política extremista. Um refém inesquecível da dor das pessoas necessitadas, que lutam pela vida e pelo sintagma da memória coletiva.

“O imigrante escravizado” difere dos dois primeiros. O espírito fala ali, ditado pelo apetite migratório dos albaneses em busca da consciência e da identidade nacional. É um olhar de luz para as trevas, onde se originam as cores do espírito humano. Olhe extasiado para sua aura, ó ser insuperável de existência formal...olhe!

A sabedoria da filosofia, (2005), constitui o tratado de estudos e o teste do pensamento lógico. O humor dialético e a percepção crítica dos fenômenos da vida distinguem o filósofo do indivíduo pensante comum. O conhecimento é onisciência incompleta, a investigação científica constitui a sua dimensão com as realidades.

O julgamento da “Morte do Inverno” de, (2009), é uma analogia, apologia e limiar dos sistemas de governação em dois sistemas: ditadura – democracia; uma abordagem da filosofia política com as dimensões reais da lógica. Corrente contra corrente, ser contra ser.

Ironia de Sócrates, (2009), julgamento filosófico com abordagem psicossocial e jurídica. Os dilemas do filósofo na antiguidade, numa apologia aos tempos modernos. Raciocinamos para captar o momento inesquecível, onde o processamento de conceitos evoca confusão, vacilação, ignorância... onde o ser questiona o próprio ser, no início e na indiferença. Conheça a si mesmo e encontre seu estilo de vida. Um mártir dos tempos e punição imerecida de um sábio de todos os tempos. Sócrates – insubstituível... constitui o meu ídolo paradigmático.





Extremos da filosofia 2013 em dois livros: Filosofia da estupidez e Filosofia da moralidade, em consonância com as categorias da filosofia moderna são acontecimentos em contato com extremos do pensamento lógico, voltados para o sentimento, o significado, a percepção e a consideração. Os niilistas estão certos! Não é surpresa que nada e tudo seja revelado ali, sobre um mundo perturbado e imoral.

A dúvida como testemunho cartesiano (2015), nos bastidores e nos recônditos da existência esperada, vagueia ao mesmo tempo o botão confuso e suspeito da relação corpo-mente. Cogito “ergo sum” constitui a essência sintética do raciocínio lógico de uma outra realidade, onde nos sentimos traídos por nós mesmos.

A Morte de Platão (2016), é um salto no tempo de estar com a ética e o esteticismo filosófico, um estado ideal para a boa governação, uma abordagem iluminista ao mistério ligado ao segredo e ao sangue, para um único objectivo - o domínio mundial. Ironia ou o diabo da época! Místico e pagão, bárbaro e ignorante, o ser na fé tende à negação e à aceitação do novo modelo clerical. O epitáfio platônico experimenta a música funerária do ritual exculpatório da loucura das trevas, da ignorância e dos ditames dominantes, os poderes ausentes de plenitude, amor, virtude, beleza artística e da matemática das leis. Do pedestal filosófico, Platão busca a justiça.

O templo dos ratos (2020), ensaio filosófico é um apelo à hierarquia dos poderes, com o encanto ético e grotesco do legislador – o parlamento. Promove a lógica: só os raciocínios e os julgamentos da maioria conduzem a verdades úteis para a vida e a sociedade. Vote no homem que menos promete, contra a decepção do poder.

O Beijo de Miranda (2020) é um ensaio literário filosófico. Cita a expressão latina “natura minima, maxima miranda” – simples e complicado. Um apelo ao respeito pelas mulheres. Contém críticas e depoimentos de autores com criações literárias, estudos, jornalismo. É abnegação e declaração de inocência para todo ser mortal.

Os apóstolos da existência, (2021), são o teste da

autoridade política e do poder na administração da vida e da justiça social, como os escolhemos e os merecemos. A verdade não é explicada, ela é vivenciada. Estamos cultivando a nova filosofia política, dando fôlego ao reino das sombras, às tendências negativas e à república dos espíritos, com o verdadeiro impulso do absolutismo, da oligarquia, da autocracia matando a vida humana. Os fariseus, os escribas e a ordem clerical do sacerdócio estão ausentes da refeição apostólica.

A avaliação de mais e menos, (2022), com o subtítulo Lógica Zero, é o grito de nascimento para ser feliz. Pobreza, demografia, ecologia, desastres naturais, vírus, pandemias, radioatividade, umidade, emissões de gases, cadeia alimentar, abelhas, água, ansiedade, incerteza, estresse...uma psicose de medo pela vida, uma análise dualista e determinista de lógica profunda ao desvio e à estupidez... com lógica zero, contra nenhuma lógica. O que me completa e me dá o prazer de escrever e falar! Da natureza ao homem, da teoria à investigação prática das coisas, com paradigmas ele se conhece e encontra o estilo de viver, faz de Sócrates o inevitável filósofo de todos os tempos.





4



REVISTA THE BARD – O termo “ética” tem sua origem na Grécia antiga, na palavra ethos, e possui um duplo significado que influenciou o sentido de ética. Como você vê a ética nos dias atuais?



BAHKIM ABAZI Gostaria de me referir a todas as interpretações, não às referências. Ao me expressar: nas referências do diabo, reclamarei com Gauss, raciocino sobre a libertação espiritual do indivíduo do dogma, do medo, do preconceito; a concentração da razão dentro de si e sua entrega ao intelecto. Afinal, a vida não é produto da moralidade. A falta de disciplina é um mal maior que a falta de cultura. A descolonização da “razão pura” pertence ao intelecto e não à razão, muito menos à consciência. Wittgenstein impôs silêncio ao que não deveria ser falado. Ao mesmo tempo, ele definiu a linguagem como a base de toda a natureza civilizada da filosofia. A ética não é moralidade, mas um conjunto de regras comportamentais, onde não há distinção e separação de autoridade entre o bem e o mal, onde o direito começa e termina. A lei sanciona a ética, o resto é relativo. Mesmo com seu caráter duplo ou múltiplo.

Ainda hoje, os atributos dos sentidos realizam o sentimento, mas não o significado. Eles compartilham entre si, o cérebro humano percepções e não julgamentos, ou ações conscientes provenientes das exigências da ética ou da estética. Somos seres ativos dentro do círculo de restrições e necessidades da vida. O princípio: tudo está dito, só existem representações antigas em novos modelos, garante o quebra-cabeça linguístico com a reconfirmação harmoniosa do corpus ético, filosófico, social, histórico, espiritual...

Do nascimento com gritos, gritos à morte mística, o processo entrópico com antropia motivada retira a intenção boa e racional e impõe ao ser, um “ser” condicional, supervisionado, formatado e modelado por programas de controle, protocolos de regras;

longe do hedonismo epicurista e muito, muito longe da eudaimonia platônica de “realização” espiritual e material.

5



REVISTA THE BARD – A concepção do conhecimento filosófico possui várias vertentes como: filosofia cristã, política, ontológica, cosmológica, ética, empírica, metafísica, epistemológica. De que maneira a filosofia pode fornecer respostas concretas para o enfrentamento dos problemas sociais na contemporaneidade?



BAHKIM ABAZI Conhecimento filosófico – cristão, político, ontológico, cosmológico, ético, empírico, metafísico, epistemológico. A filosofia diante dos problemas sociais da comunidade.

Chegamos ao centro do debate e da comunicação. Estar entre o sonho e a realidade permite críticas curtas. O universo não saberá sobre o homem. O mundo de hoje nas TIC – tecnologia, informação, comunicação, é mais abalado pela humanidade, bondade, amor, filantropia do que pela pobreza, fome, caos, desastre. Estamos vivenciando a “mentira branca da mancha negra”. Honrado no espectro místico, espiritual e racional da imagem e da visão, o oculto visa o predicado, mas não o sermão, não, não há propaganda, manipulação, demagogia.

Sinceramente, tenho inveja dos pássaros, eles cantam e não contam suas histórias. Falta-nos o ideograma do valor absoluto da “morte”, a análise sintética da lógica da gravidez do “nascimento” e da maternidade depois dele. No espaço-tempo do conhecimento filosófico, as alturas físicas desaparecem, mas não as dimensões da iluminação mental. Existe uma analogia teosófica – tanto estrutural como clerical – como a superestrutura da Torre de Babel; uma raiva do Criador contra a arrogância e arrogância da humani-





dade quebrou a ordem da terra - céu e comunicação - de 7.100 idiomas, 23 estão em uso atualmente.

A essência do tríptico corpo- alma- espírito, Pai- Filho- Espírito, a liberdade- propriedade, a cultura foi violada. Na ilusão absurda e no egoísmo clássico estamos decorando a suposta torre da natureza humana com as cores das desfigurações espirituais e dos sintomas dos distúrbios psíquicos. Os desejos de um transe hipnótico são convertidos em paranoia dominando uma realidade desnecessária para segurança, paz, progresso.

Esta suposta fantasia do inconsciente prejudica a vontade de viver controlada pela autoridade e, é dedicada à ignorância, às emoções da libido, aos narcisistas e aos autocratas; sistemas com síndromes neoliberais, ultraconservadores e extremistas que transformam a imagem do sonho em realidade com sinarquias esperadas.

6



REVISTA THE BARD — O livro o Banquete reuniu uma série de figuras ilustres da sociedade grega é, um diálogo fundamental na obra de Platão que traz como tema principal o amor e a amizade. Supõe-se que o trabalho tenha sido escrito entre os anos (385 a.C. e 380 a.C.). Segundo a história durante O banquete, Platão não estava presente para assistir o diálogo, apenas tendo ouvido relatos de terceiros que testemunharam o evento. Por este motivo se imagina que algumas passagens da obra tenham sido inventadas ou até mesmos desvirtuados. Qual sua opinião obre esse fato?



BAHKIM ABAZI Percebo a tua preocupação. A história da filosofia não é clara, manipulada e, até certo ponto, até mesmo mal compreendida. Traz mutilações humanas e catástrofes com as cruzadas cristãs, tár-

taras, otomanas e mongóis. A escravidão, a inquisição, a colonização, os conflitos intermináveis e as epidemias assassinas consumiram o tempo de uma ordem métrica desfigurante. Desse ponto de vista, as correntes do conhecimento filosófico retêm críticas, doses de dúvida na sua confiabilidade, na transmissão da linguagem e nos agrupamentos de arquivos sábios e também manipulados. Somos seres acima de ambiguidades, dúvidas e dualidades. F. Nietzsche ainda é considerado inexplicável e alienado das tragédias antigas. Ainda hoje, não existe uma linha divisória entre psicose e neurose. Platão é o filósofo mais estudado, criticado e influente. Sua filosofia é conhecida como filosofia das ideias, ganha verdadeiro sentido com a alma, um mito que ganha essência através do debate e da personalidade.

Não só no “Banquete”, mas também no Simpósio, na Apologia, Tempo da Caverna, com alegoria da sombra, Platão prega “filosofia com toda a alma”, considerando os sofistas como mesquinhos, tímidos com uma inteligência e sem coração. Não é físico nem metafísico, mas um estatuto holístico e dialético da natureza humana. Ainda assim, muitas questões dentro de sua doutrina permanecem sem solução. O platonismo não é um mito, nem um destino ou um corpo refém. Ele é sentido e você tem que encontrá-lo como Diógenes. Para saber dá-lo aos outros, é o que ensina a doutrina do conhecimento: “este é o destino de uma alma, de uma inteligência”.

Para Platão a experiência continua. Uma procissão da multiplicidade do intelecto com ideias, conceitos e doutrinas completam o rito de subversão e comercialização do tráfico mental da humanidade. Seres tecnológicos e inteligência artificial de algoritmos estão criando música, poesia, dando palestras, corrigindo e testando o intelecto. A oposição à tendência cria o vazio humano, sem qualquer consideração pelo rendimento de subsistência, pela cadeia alimentar, pelo desemprego, pela demografia do planeta e pelo indivíduo infelizmente ignorante. Ainda anatematizamos as civilizações na cultura e na fé; enfrentam a “Última Ceia”, a crucificação de Cristo, o retrato de Mona Lisa, a estátua de David; eles colidem as energias de Kepler, Newton, Einstein com a



teoria das cordas de M. Kaku e os múons nucleares da crosta planetária do universo. Estamos no século da propriedade da água. Pergunto: quem vai privatizar o ar!

A distinção entre coisas vivas e ser humano foi desvanecida é, simplesmente uma concepção para ganho material do eu. Pessoas com riqueza de opinião são números, sem poder e fora da política. A verdade deles só é possível permitida. O restante é controlado por penalidades, sanções, quarentenas regionais, zonas proibidas, golpes, dívida pública, dependência comercial, diplomacia irritante, parcerias humilhantes... Deixemos algumas coisas para outra altura



7



REVISTA THE BARD – Deixe uma mensagem para os leitores da Revista The Bard.



BAHKIM ABAZI Cansei vocês um pouco com meus escritos, mas com o desejo do arcabouço filosófico e recomendações simples de viver com pensamento e ação

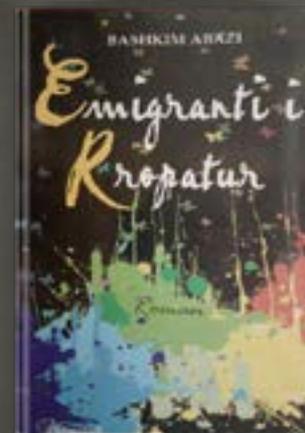
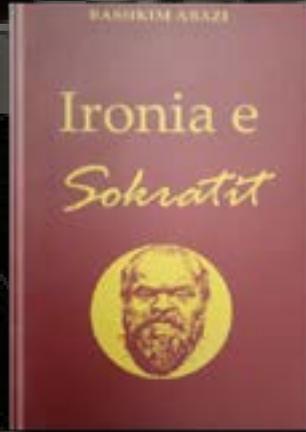
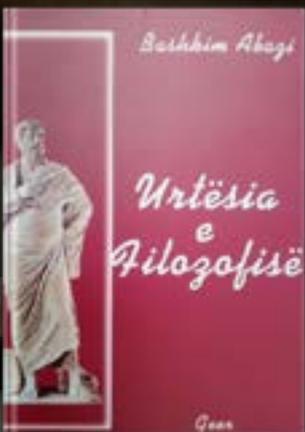
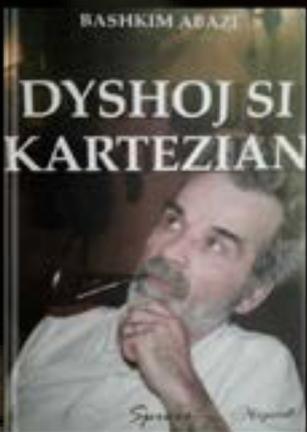
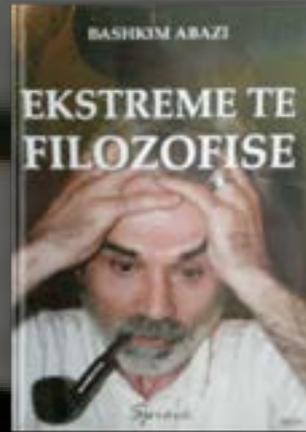
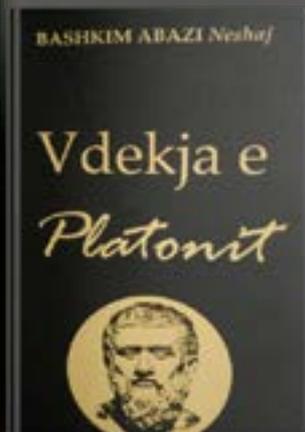
lógica. Contra o psicologismo, continuo socrático: não zombe de nenhum infortúnio, porque o destino é partilhado e o futuro desconhecido. O criador disse a ele. Eu sacrificarei o filho a Abraão. Este testamento bíblico classifica a fenomenologia transcendental acima da mitologia sem mitos. Hoje, cada um de nós deve sacrificar o egoísmo, individual com a ilusão e o absurdo, para derrubar a crise do pensamento, os miseráveis muros das trevas e a torre das mentalidades. Na consciência das essências e dos propósitos úteis da vida, convido-os ao encontro digno pelo conhecimento e pela existência meritória.

Muito obrigado pela oportunidade de participar dessa entrevista nessa magnífica Revista de vanguarda The Bard!





LIVROS





TÍTULOS



INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





11



Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021, vem se encorajando a mostrar para as pessoas os seus escritos e a postá-los em seu Instagram literário (@ladyleneap.escritora); desde o início de 2022 atua como colunista e cronista na Revista Internacional interativa The Bard Wolf, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes. Também atua como redatora e criadora de conteúdo.

As Icamiabas, Guerreiras Amazonas

Conta os mais antigos que séculos atrás existia um grupo de mulheres guerreiras, as Icamiabas, seres dotados de força e destreza com o arco e flecha que lutavam principalmente para defender o território e os seres que viviam nas matas, sendo eles mágicos ou não.

Durante a colonização do Brasil, essas bravas mulheres defenderam com afinco a região da Amazônia dos colonizadores espanhóis, principalmente de Francisco Orellana, um ambicioso explorador que sonhava em encontrar o El Dorado, uma cidade feita de ouro e prata. Porém, as Icamiabas protegeram a cidade perdida e todos os seus moradores. Mesmo contrariado o colonizador bateu em retirada com suas tropas da região onde habitava as índias guerreiras e seu povo.

Entretanto, Francisco Orellana jurou vingança nessa vida ou na próxima, ele jamais deixaria ser abatido por mulheres, sendo elas guerreiras ou não. E por consequência elas juraram que estariam ali para defender a todos, sempre que for necessário.

Com o passar dos séculos e a paz na região instaurada, as belas guerreiras formadas por mulheres de longos cabelos negros, corpos esculpados pela própria deusa Lua e o deus Tupã e abençoadas com a cor dourada do deus sol, entraram em sono profundo, escondidas em suas criptas longe de olhos curiosos e invasores. Apenas a Bruxa Cuca sabia o local exato de sua localização e como despertá-las quando for necessário. Para garantir que nada incomodasse o descanso das mulheres, a bruxa lançou um feitiço sobre o local, assim ninguém conseguiria ver ou chegar perto de suas criptas.



(...)

Mais de 500 anos depois e as bravas guerreiras continuavam em seu sono de beleza, contudo, os tempos eram outros, novos colonizadores, novas armas e novas maneiras de maltratar a mãe terra e seus filhos. Mesmo sendo expulso de El Dorado, Orellana conseguiu conquistar as terras vizinhas, construindo um império tão grande que sobrevive até os dias de hoje. A exploração de mão de obra e dos recursos naturais não tem fim. Seus descendentes ainda buscavam pela cidade dourada.

Os seres mágicos da floresta prometeram que na ausência das protetoras eles cuidariam que tudo mantivesse o equilíbrio. O Pequeno curupira montado em seu porco do mato, afugentava os caçadores, sempre os despistando com os seus pés voltados para trás. O jovem saci, com suas brincadeiras e humor duvidoso provocava redemoinhos e travessuras que deixava os homens da cidade sem entender nada e confusos, até mesmo roubando suas munições e estragando os motores de seus Jipes. Até mesmo aqueles que ousavam vim pelos rios eram pegos de surpresa pela encantadora Iara, a sereia dos rios amazônicos, sua beleza e canto fazia até o mais destemido dos homens se sucumbisse a sua atração e essa era o seu fim, esquecido no fundo do rio ou devorados por piranhas sanguinárias.

Todos os animais e seres mágicos obedeciam a um ser; tão antigo e poderoso quanto a floresta. A velha Caipora, com seus longos cabelos cor de fogo, com vestes feita de penas de vários pássaros da região, que de bom grado cedeu suas plumagens coloridas para vestir a aquele ser tão poderoso e respeitado. Do seio da floresta ela via tudo e sabia de tudo, assim poderia orquestrar com maestria o ataque a aqueles que ousavam fazer mal a floresta.

Dizem que a Caipora, é tão antiga quanto a Bruxa Cuca e que ela estava lá, quando as guerreiras entraram em seu sono profundo. Então assim, sobre aguarda desse incrível ser, que lutou bravamente para defender a sua gente, pro-

tegia a todos, como uma boa mãe e amiga. Se algo estivesse errado em algum lugar ela saberia e defenderia. Assim como as Icamiabas.

Contudo, não muito longe dali o império Orellana jamais desistiu de buscar a cidade perdida de El Dorado, ainda mais agora com a tecnologia mais avançada e satélites a disposição do poderoso Francisco Orellana, que jura ser a reencarnação de seu antepassado e iria finalmente terminar o que ele começou a séculos atrás. Ou seja, com seu maquinário e homens ele avança sem medo pela floresta, derrubando árvores mais antigas que a própria tentativa de colonização, deixando vários animais sem casa e abrigo. Mesmo com os rumores das lendas e avisos de seus empregados, o homem avançava sem medo pelas terras que nem ao menos pediu licença para entrar.

Caipora assustada com aquele ataque desenfreado, enviou o saci e o curupira para dar um fim naquela história, porém, nem mesmo os mais destemidos de seus guerreiros foi capaz de afugentar Francisco Orellana. Nem mesmo o canto da sereia ou a sedução do boto cor de rosa foi capaz de pará-los. Em uma tentativa desesperadora, Caipora enviou o Boi Tata, uma enorme jiboia flamejante e mesmo assim, o explorador não parou.

Agora todos os animais se escondiam e se refugiavam no coração da floresta, muitos choravam de medo, outros porque perdeu um ente querido. A Arara azul, perdeu sua companheira de mais de 10 anos, com quem teve vários filhotes, agora se encontrava sozinho e inconsolável. A poderosa onça pintada, que acabava de ter seus filhotes, perdeu dois de seus anjinhos, e tudo que a dona onça queria era vingança.

A velha guardiã tentava acalmar a todos e acalantar a sua dor. Mas todos clamava em uma só voz pelas Icamiabas, elas precisavam ser lembradas e proteger mais uma vez o seu povo. No fundo Caipora sabia o mesmo, mas o problema não era apenas lembrar as guerreiras era como se fazia isso, e acima





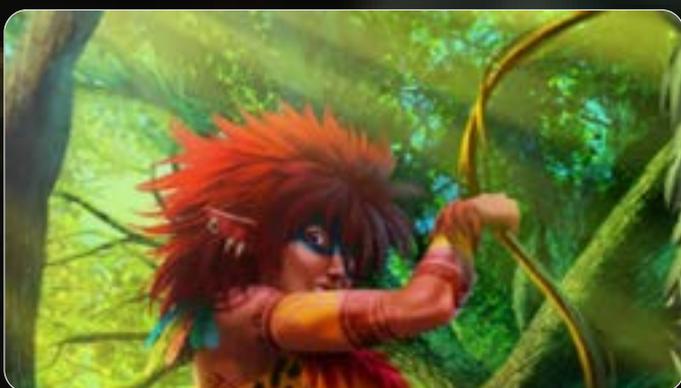
de tudo encontrar a velha bruxa e convencê-la de invocar as guerreiras.

Mais de 500 anos se passaram, não existia mais alguém, uma mulher com sangue Icamiaba para despertar suas irmãs.

“Então, mãe Caipora, vamos ou não invocar o poder das guerreiras? O inimigo avança rápido e nada que fizemos afugenta os invasores.” reclamou o velho João de Barro, cuja sua casa foi derrubada e seus ovinhos foram quebrados.

Até mesmo o arteiro Saci estava assustado, pois nem os seus tornados e traquinagens faziam efeito sobre aqueles homens, que a única coisa que temiam era a falta de pagamento.

Com o medo crescente, a mãe Caipora não teve outra solução se não ir procurar a Cuca, usando sua velha magia que estava adormecida a anos, a última vez que ela usou sua magia foi há uns dois séculos atrás quando alguns missionários e oportunistas vieram vender o seu deus para os índios, dizendo que suas crenças e conhecimentos estavam errados, portanto, Caipora teve que manifestar o seu poder e demonstrar que as crenças e os poderes indígenas são reais tanto quanto o deus deles. Chamando os espíritos ancestrais, a protetora de cabelo vermelho, em meio a uma certa relutância a morada da Cuca, que depois de fazer a magia que escondeu as guerreiras amazônicas, se isolou do resto do mundo e do povo mágico da floresta.



A magia era tão forte em volta daquela parte da floresta que ninguém conseguia chegar perto sem ser anunciado ou pedir permissão.

“Caracatau!!! Sou eu Cuca, sua boa e velha amiga. Clamo por sua ajuda. Peça licença para entrar em seus domínios”.

Dois árvores gigantes com grandes olhos, impediam qualquer pessoa ou criatura de entrar naquele espaço sagrado e Caipora junto de seu amigo Curupira respeitavam isso. E aguardaram pacientemente para que as árvores abrissem caminho até a casa da bruxa.

“Apenas os mais ousados ou desesperados, se atreveria a me incomodar ou até mesmo ficar face a face com os meus guardiões.” *“Porém, ouço uma voz conhecida, que a séculos não ouvia, nem mesmo para um chá, uma prosa! Me esqueceu por completo e mesmo assim me clama, implora por ajuda.”* - Apenas uma voz se faz retumbar entre o farfalhar das folhas, responde o clamor da Caipora.

“Sei que não é justo o meu pedido, reconheço a minha falha, mas em minha defesa, digo que estava ocupada defendendo os nossos, arriscando-me para proteger e honrar o nome Icamiabas” - Responde Caipora com lágrimas banhando o seu rosto.

“Ousa-me falar de proteção! Acha mesmo que estou aqui porque eu quero? Assim como você, jurei proteger o que mais sagrado tem essa floresta.”

“Então, não há o que discutir velha amiga, ambas prometeram e cumpriram com o seu dever e agora estou aqui para cumprirmos mais uma vez o nosso destino.”

Curupira que estava o tempo todo escolhido ouvindo aqueles lamentar, assistiu em primeira mão a verdadeira magia acontecer; as grandes árvores que bloqueavam o caminho, se ergueram ficando ainda maiores e com um tremor de terra suas raízes se moviam como pernas abrindo caminho e revelando uma velha cabana de porta meio arredondada de

carvalho e pequenas janelas por onde os raios de sol matinais entravam preguiçosamente toda manhã, ao fundo dava para perceber uma pequena chaminé por onde saía uma fumaça as vezes vermelha, as vezes preta. A única cor de fumaça que o Curupira conhecia era o cinza da destruição. E Ficou feliz por ver que as cores da fumaça por ali eram diferentes.

Com cautela eles se aproximaram da porta que abriu antes mesmo de baterem, e por dentro se revelou ser maior do que por fora, com uma sala ampla cheio de livros e com uma escrivaniinha bem ao centro, que também estava abarrotada de livros, no outro cômodo havia uma grande cozinha com prateleiras intermináveis de vidros de todas as cores e com misturas que nem a imaginação mais fértil ousaria pensar, e em um canto estava o grande caldeirão de onde saía a fumaça colorida e mesmo não querendo admitir, caipora e o Curupira sentiam um cheiro maravilhoso, é como se tivessem misturado a primavera e o outono em uma só estação.

E por todos os lados tinham velas que iluminava o lugar, as velas eram grossas e pareciam que estavam suspensas com por magia, já que não havia castiçais ou candelabros as segurando. Ao fundo em meio a escuridão misturando algo dentro do caldeirão, estava uma figura esguia, com um longo vestido verde musgo, com um cabelo cor de cobre ondulados que escorria até os ombros. Com um longo suspiro e sem olhar para os seus visitantes apenas externou a dor de seu coração.

“Temia que algum dia teriam que acordar minhas queridas meninas, implorêi a Tupã para que esse dia nunca chegasse. Porém, cá estamos, perdidos, implorando por uma ajuda maior que nossas forças, maior que minha magia.”

“Sinto sua dor minha velha amiga. Também não queria que esse dia chegasse, queria ser o suficiente para derrotar nossos inimigos, mas eu não sou, nem com as forças combinadas de todos nós, foi o suficiente para parar o avanço da destruição.” “Precisamos da sua ajuda e a ajuda das guerreiras, precisamos proteger o nosso lar, Caracatau!”

“Não sei em que eu possa ser útil, pois a magia que lancei sobre a cripta das Icamiabas só pode ser quebrado com sangue de uma guerreira, de uma mulher forte e capaz de suportar o insuportável, descendente direta das guerreiras e sabemos bem que uma mulher tão poderosa, nós dias de hoje não existe mais.”

“E porque razão, você lançou um feitiço tão poderoso, sabendo que não haveria um ser tão poderoso assim, para liberta as guerreiras?”

Se virando e revelando sua aparência jovem, mesmo tendo séculos de vida, a bruxa encara os visitantes para responder. “Queria garantir que ninguém além de mim, ou que fosse realmente necessário acordar as meninas. E além do mais, Aruana, líder das guerreiras me garantiu que sempre nascera entre o povo, indígena ou não, uma mulher digna de ser uma Icamiaba.”

“Então como podemos encontrar essa mulher? Que aparência ela tem? Você pelo menos pode nos dar uma direção?”

“Isso eu posso fazer.” Afirmou a bruxa. “Pegue esse amuleto, é um muiiraquitã, feito da pedra de nefrite, muito rara, encontrada apenas nas profundezas de nossos rios. Esse amuleto os guiara até a nascida guerreira. Tragam ela até mim e o resto pode deixar que eu resolvo.”

Mesmo contrariada Caipora, aceitou ir a procura dessa mulher misteriosa, afinal eles não tinham muita opção, precisavam salvar o seu lar.

E agora era uma corrida contra o tempo, procurar por toda Amazonia uma mulher que suportaria o insuportável, uma verdadeira guerreira do mundo moderno, segundo a bruxa Cuca, o amuleto os levará direto a nascida icamiaba.

Enquanto isso nos arredores da floresta, no pequeno vilarejo de Santana da Piedade, a professora e ativista Jussara lutava para conter o avanço das empresas Orellanas, ela sempre defendeu a vida na floresta, os povos indígenas e sua cultura, e a vida





da fauna e da flora. Jussara era uma mulher que não tinha medo de cara feia, mãe de duas crianças, sempre cuidou delas sozinha, enfrentando preconceitos e olhos tortos de uma sociedade que não fazia questão de entender os seus motivos, ela também não se importava, se orgulhava de quem era e por quem lutava.

Escondida ou disfarçada entre as pessoas, Caipora procurava pela escolhida, seguindo o Muiraquitã, que mantinha o seu verde fosco, ele apenas brilhava na presença de uma guerreira Icamiaba. Foi em meio a um disfarce que Caipora conheceu Jussara, ela estava com alguns índios da Tribo Kayapó, fazendo protesto em frente aos portes da sede da empresa Orellana, impedindo que o maquinário saísse para desmatar ainda mais a floresta, ela gritava e gesticulava com os policiais e seguranças que tentavam abrir espaço para que o trabalho dos operários pudesse ser realizado. “Será que é ela?” pensou Caipora, mas por causa da confusão, a velha de cabelos vermelhos não pode se aproximar o suficiente para que o amuleto indicasse a verdade.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Caipora descobriu informações valiosas sobre a professora do vilarejo e que Jussara teve uma vida difícil de uma verdade guerreira daquele mundo tão cruel e desumano. “É ela! Tem que ser ela!” Caipora. “Preciso apenas que o muiraquitã me confirme minhas suspeitas”.

Não deu outra, no dia seguinte cedo, houve mais protesto e confusão e lá estava ela, Jussara com seus filhos brigando e defendendo a terra e os direitos daquele povo tão sofrido, mesmo a distância Caipora pode ver o brilho da guerreira Icamiaba em seus olhos, enquanto Jussara gritava palavras de ordem o amuleto brilhou revelando um verde vivo, o verde da esperança. Caipora precisava falar com ela, precisava da sua ajuda para acabar de uma vez por todas com aquela exploração e destruição sem medida da floresta. Mas como fazer isso, em meio aquela confusão. O Jeito era esperar....

De tanto protestar e brigar, as autoridades não tiveram outro jeito se não prender a pobre pro-

fessora e a levar para delegacia, seu filho e sua filha foram parar no juizado de menores sobre a proteção da lei falha e injusta.

Com as coisas mais calmas, Caipora conseguiria através da sua magia se materializar dentro da cela de Jussara, sem ser vista pelos guardas.

“Quem é você? Ou melhor o QUÊ é você? Perguntou a professora muito assustada ao ver aquela mulher de estatura baixa de cabelos vermelhos e com o corpo coberto de penas”.

“Caracatau!! Não me reconhece professora? Pense Bem...” Respondeu Caipora olhando de forma curiosa para mulher.

Após ter passado o susto inicial, foi que Jussara reparou bem naquela figura engraçada. “Você é uma caipora!”

“Eu não sou uma caipora, EU SOU A Caipora!!! E vim pedir a sua ajuda.”

“E como eu posso ajudar um ser litológico da floresta? Ainda mais presa aqui.”

“Se eu te tirar daqui você nos ajuda? Eu sei como acabar de vez com essa matassa na floresta, mas para isso precisamos de você.”

“Eu não sei exatamente como posso fazer isso, mas tudo bem! Mas antes temos que buscar meus filhos, não vou a lugar algum sem eles.”

“Caracatau! Posso fazer isso também. Mas vamos antes que os guardas despertem da magia que lancei sobre eles.”

Mesmo com o coração assustado, Jussara foi com a Caipora. Depois de pegar seus filhos, todos foram para o meio da floresta seguros de olhos curiosos e das pessoas que querem fazer mal a eles.

Já com o muiraquitã em seu pescoço e brilhando como nunca Caipora contou toda a história

sobre as Icamiabas, como eram guerreiras habilidosas e o mais importante que com a ajuda dela era possível trazê-las novamente a vida e acabar de vez com os ataques do Francisco Orellana. Era tudo surreal, ela uma guerreira Icamiaba, jamais poderia imaginar. Em suas aulas era o seu tema favorito, falar que naquelas terras já viveu mulheres que não aceitavam ser submissas a nem um sistema, que como as guerreiras da antiga Grécia, que ali também tinha suas representantes e essa representatividade era tão forte que o estado recebeu o nome das destemidas guerreiras filhas da deusa Hipólito, que originou tantas lendas e histórias. Agora ela teria a chance de viver tudo aquilo.

“Mas é meus filhos? Preciso protegê-los.”

“Não se preocupe.” Disse o Saci pulando alegremente de um lado para o outro. “Posso levá-los em um dos meus tornados para a aldeia dos Kayapó, tenho certeza que a Xama ira cuidar deles e com a fumaça do meu cachimbo posso torná-los invisíveis aos olhos do inimigo. Eles ficaram seguros”

“Então, está perfeito, vamos logo, quanto mais rápido resolvermos isso, mais rápido terminará.”

Depois de uma despedida cheio de lágrimas e abraços afetuosos, Jussara lançou o seu próprio feitiço de mãe sobre as crianças, não a magia mais poderosa do que de uma mãe.

(...) (...) (...)

Agora é chegada a hora da verdade, todas reunidas ali em frente a cripta das Icamiabas, Cuca começa o ritual para desperta-las de seu sono de mais de cinco séculos, a lua que brilhava alto observando toda aquela magia sendo usada. Por livre e espontânea vontade Jussara deixa que gostas de seu sangue caia sobre os túmulos. Em sussurros Caipora rogava aos deuses da floresta que aquilo desce certo de que as Icamiabas voltassem a vida.

A magia que protegia aquele lugar era tão poderosa que minou a energia vital da Cuca, que sua aparência jovem sumiu quase por completo.

Mas para sorte de todas, lá estavam elas! Lindas e vivas. Mais uma vez as guerreiras mostrariam o seu poder...

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM

POST NO SITE

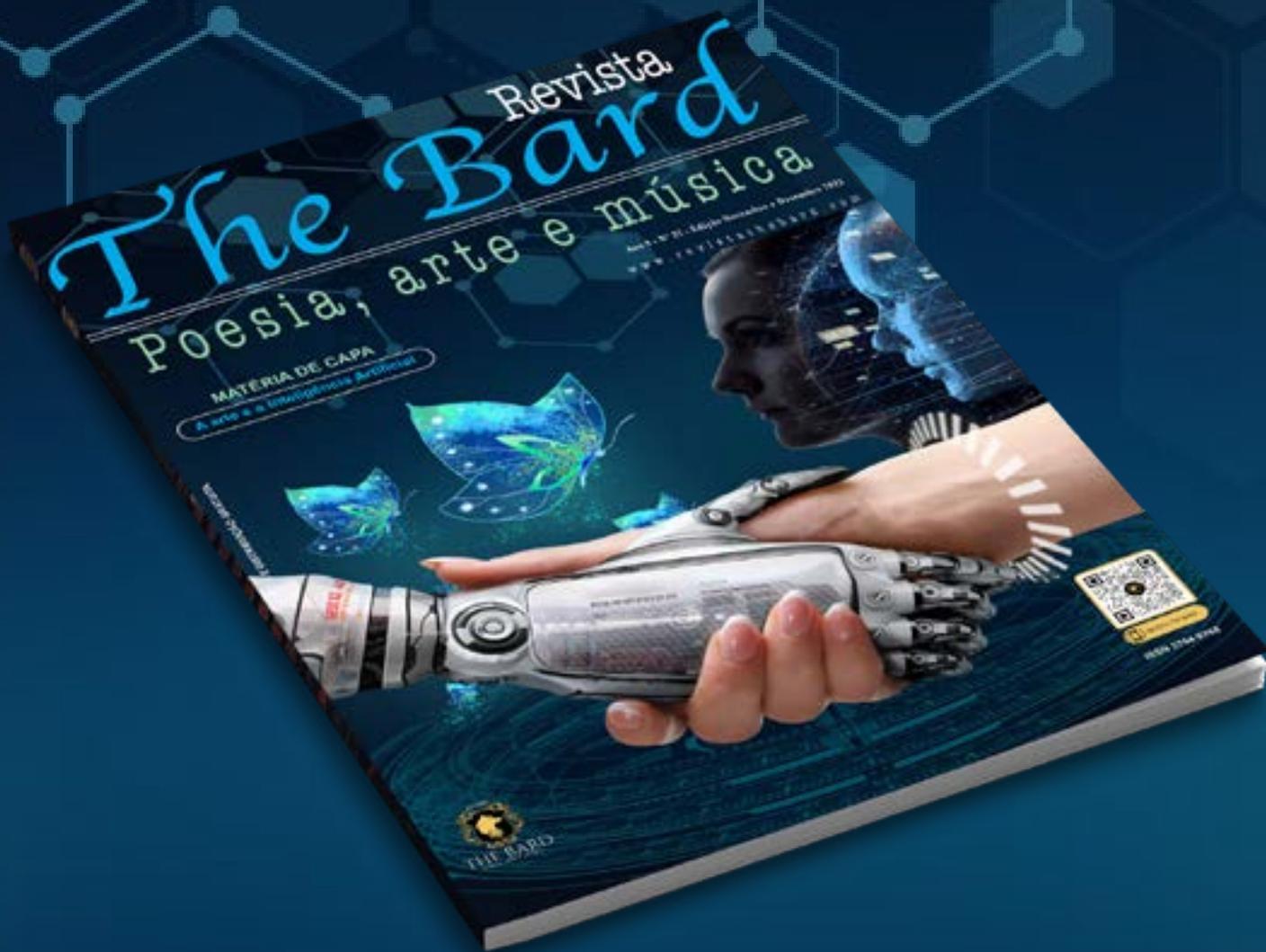


COLUNAS E COLUNISTAS





EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Alma em

PERSPECTIVA

03



MIA KODA



Poetisa, Escritora, Psicanalista, Hipnoterapeuta, Life Coach, Graduada em Marketing e MBA em Gestão de Pessoas. Uma pisciana apaixonada por filosofia, misticismo e esoterismo.

Sem medo do desconhecido: tudo é natural e surpreendente

Olá, querido leitor!

Estou certa de que em alguns momentos da vida, você tenha se deparado com documentários, livros e relatos fascinantes sobre experiências frequentemente rotuladas como “sobrenaturais”, isso se não as tiver vivido pessoalmente. Para que não fique dúvidas sobre de quais experiências estou falando, tomemos como exemplo algumas das mais comuns:

- Experiências de quase morte: Depoimentos de pessoas que, após enfrentarem situações de morte clínica, compartilharam experiências semelhantes, incluindo momentos fora do corpo, túneis de luz e encontros com entidades espirituais.
- Visões ou aparições de fantasmas: Observações de figuras ou presenças que desafiam as expli-

cações racionais, interpretadas como manifestações de espíritos ou almas de pessoas falecidas.

- Casos de clarividência ou premonição: Percepção de eventos futuros ou sensação de perigo mesmo sem o emprego dos cinco sentidos convencionais.
- Experiências de projeção astral: Alegações de desprendimento temporário do corpo físico, permitindo a observação do próprio corpo ou exploração de ambientes além dos limites físicos.
- Telepatia e comunicação mental: Transmissão direta de pensamentos, sentimentos ou informações entre pessoas sem recorrer aos meios de comunicação tradicionais.

A princípio, a única coisa que essas experiências têm em comum, além do fato de serem rotuladas

Sem medo do desconhecido: tudo é natural e surpreendente

Por Mia Koda

como "sobrenaturais" é a possibilidade de despertar, em muitos de nós, algo como a aversão ou o estranhamento. No entanto, você já se questionou sobre o significado real desse termo enigmático?

Pesquisando sobre o significado de "sobrenatural" encontrei muitas fontes que resumidamente o explicaram como tudo aquilo que se refere a eventos ou forças que transcendem o entendimento e as leis naturais. Em outras palavras, são ocorrências que residem além do domínio do conhecido, envolvidas no mistério da incompreensão. Refletindo sobre o assunto, ousou questionar: por que o desconhecido deve ser temido, ridicularizado ou censurado?

Na minha perspectiva, no amplo cenário do mundo, nada escapa à natureza, inclusive as criações atribuídas aos seres humanos, como a eletricidade, a internet e agora, mais recentemente, a inteligência artificial. Mesmo que essas maravilhas transcendam nossos limites de compreensão, lidamos com elas com certa naturalidade. No entanto, é inegável que para muitos, essas inovações foram inicialmente fonte de experiências desagradáveis.

Mesmo que o trajeto das informações que chegam até nós, via smartphones, não seja visualizado, nos beneficiamos desse recurso sem grandes problemas. Porém, não nos dedicamos a explorar como isso ocorre, nem questionamos a realidade de algo que não podemos ver ou explicar.

Em minha jornada de vida até aqui, deparei-me com situações que alguns poderiam rotular como "sobrenaturais", ao passo que outros talvez as interpretassem como meras coincidências, enquanto outros as atribuísem a questões de ordem mental. Eu decidi olhar para essas experiências apenas como situações naturais não comuns.

Por anos, carreguei a habilidade de perceber quando alguém estava próximo do desencarne. Ao olhar para uma determinada pessoa, notava algo peculiar em sua expressão facial, algo indescritível, que eu conseguia sentir, mas nunca pude atribuir nome

ou característica específica. Jamais expus diretamente isso à tais pessoas, seria insensato. Contudo, compartilhei essas percepções diversas vezes com alguém de confiança.



Essa sensibilidade não era algo agradável e até me incomodava, mas só me perturbou de fato, quando vivi tal experiência com meu próprio pai. Após dar-lhe um abraço, num domingo como outro qualquer, tive a sensação de que fosse o último e ao olhar em seus olhos, tive a certeza do que estava prestes a acontecer. No mesmo dia, comentei com uma tia sobre a singularidade daquele momento, e recordo das palavras que não poderiam ser mais claras: "Tia, meu pai vai morrer". Vale ressaltar que ele não estava doente e em nenhum momento havia mencionado um mal-estar, no entanto, quatro dias depois, em uma tarde de quinta-feira, ele partiu após um infarto do miocárdio fulminante, aos 60 anos de idade.

Foi nesse momento que, em minha oração, pedi a Deus que adormecesse em mim essa habilidade, pois lidar com ela, na época, era algo muito penoso. Como já mencionei em outro texto, não tenho receio de abrir portas, mas compreendo que muitas delas nos conduzem a experiências para as quais não estamos preparados.

Considero a importância e a relevância da neurologia, da psiquiatria, da psicologia e outras ciências, mas não costumo buscar respostas para as questões da Alma, nesses domínios. O que me im-





pulsiona a continuar explorando esse universo oculto, que se revela a todo momento e que, por alguma razão, hesitamos em investigar, é a convicção de que, mesmo sem encontrar todas as respostas, muitas perguntas serão elucidadas apenas pela experiência, não pela teoria.



No que se refere aos assuntos, que agora prefiro chamar “naturais desconhecidos”, a indústria do entretenimento, insiste em brincar com nosso imaginário através de uma abordagem atmosférica que nos envolve em medo e terror, oferecendo pouco estímulo para que busquemos pesquisar sobre a verdade. Quantos filmes, conseguimos enumerar neste instante, que trabalham o terror para falar sobre tais experiências? Certamente muitos. No entanto, quantos tratam o assunto com naturalidade, sem provocar o medo? A resposta é muito mais escassa, mas ainda assim, podem ser encontrados.

Por outro viés, as tradições filosóficas orientais frequentemente incorporam uma compreensão holística da existência, enxergando o indivíduo como um ser físico, emocional, mental e espiritual. A relação entre o ser humano e o “sobrenatural” é interpretada de forma mais fluída do que em algumas tradições ocidentais, destacando-se pela ênfase na experiência direta e na busca de uma compreensão intuitiva da realidade.

A filosofia oriental, rica e diversificada, desdobra-se em várias tradições que oferecem visões singulares sobre a existência, a natureza da realida-

de e a busca de significado. Entre elas o Budismo, o Hinduísmo, O Taoísmo, o Confucionismo e o Zen-budismo, cada uma com sua perspectiva única em relação ao “sobrenatural”.

O que poderia acontecer se por um momento considerássemos o ser humano com habilidades adormecidas, mas totalmente naturais e muito mais simples do que imaginamos?

A Alma é uma entidade ilimitada, detentora de saberes que muitas vezes reprimimos. Acredito que essa restrição talvez seja fruto de nosso comprometimento obstinado com as distrações de um mundo demasiadamente material, influenciado por preconceitos, medos ou falta de estímulo para o desenvolvimento intelectual e espiritual.

Amigo leitor, não se assuste e tão pouco se surpreenda com tal assunto. Afinal, numa coluna intitulada “Alma em Perspectiva,” é natural esperar mais do que simples motivação para lidar com as questões cotidianas.

A coluna é um convite para enxergar a própria Alma de maneiras diversas, explorando-a com olhares multifacetados, teorias variadas e possibilidades amplas. Se, ao contemplá-la, perceber que existe algo além de suas crenças habituais e que, por alguma razão, isso desperta seu interesse, não hesite em aprofundar sua pesquisa sobre o assunto. Permita que a perspectiva de sua Alma transcenda as fronteiras do trivial, guiando-o em uma busca por respostas que ultrapassem o ordinário do dia a dia.

Aproveitando a oportunidade, quero te convidar para me acompanhar nas redes sociais e compartilhar suas ideias. Será um prazer conhecer suas perspectivas.

Nos vemos em breve!

Mia Koda

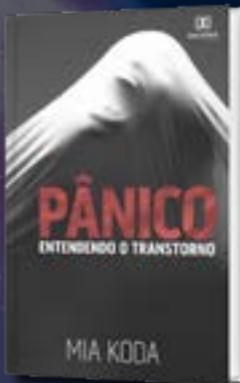
*Sem medo do desconhecido:
tudo é natural e surpreendente*

Por Mia Koda

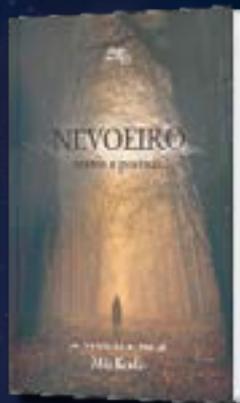


COLUNAS E COLUNISTAS

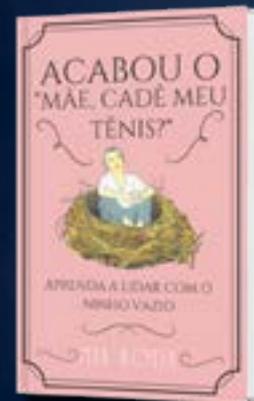
LIVROS DA AUTORA



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

INSTAGRAM



POST NO SITE





Sandra Honors

São Paulo - Brasil



TÍTULO: ONDA ROSA

MACROFOTOGRAFIA - SANDRA HONORS
- 2023

Fotografada com a Câmera Canon – usando
macro lens EF – 100mm 1:2.8 USM

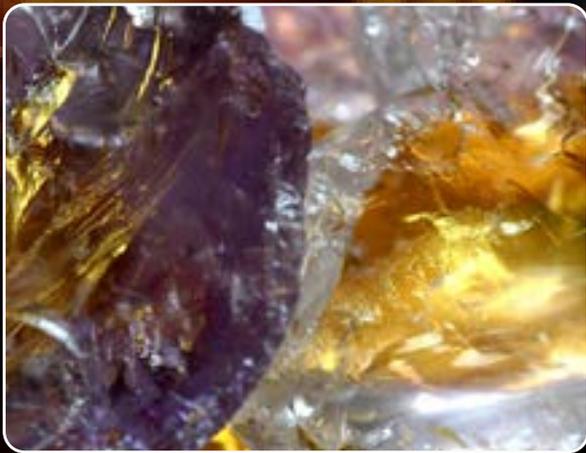
Me utilizando de uma série de objetos, como
cristais, papel laminado, cacos de vidro, tecidos etc.,
vou criando imagens abstratas que sugerem paisa-
gens e cenários exóticos.



TÍTULO: PEDAÇO

MACROFOTOGRAFIA - SANDRA HONORS
- 2022

Fotografada com a Câmera Canon – usando
macro lens EF – 100mm 1:2.8 USM



TÍTULO: PEDAÇO

MACROFOTOGRAFIA - SANDRA HONORS
- 2022

Fotografada com a Câmera Canon – usando
macro lens EF – 100mm 1:2.8 USM

INSTAGRAM



POST NO SITE





Crise Existencial

Por Carlos Batista

10 anos depois o androide, funcionário exemplar, demitiu-se. Motivo: atônito, se descobriu um robô.

FACEBOOK

POST NO SITE



Mínícontos



Nas ruas

Por Elizabeth Calderón

Nas ruas de concreto, flores de pixels e hologramas.
Futuro sem pétalas.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Bifurcações

Por Neri Luiz Cappellari

Um dia, a droga cruzou o seu caminho.
Outro dia, ela o libertou.

FACEBOOK



POST NO SITE



Mínícontos



Quando estamos juntos

Por Stella Gaspar

“Quando estamos juntos, nossos relógios se escondem, nossos silêncios se escutam, nossos murmúrios nos invadem, como folhagens florestais com linhas sensuais em dias de verão”.



INSTAGRAM

POST NO SITE



Mínícontos



IA et al

Por Tony Roberson

A inteligência artificial – pensavam afinal –
é arte ficcional, arte fissional, ars oficial et al.

SITE



POST NO SITE



Mínícontos



Depressão

Por Valterlucio Campelo

Na planície distante havia um lago,
no meio do lago, um poço e, no fundo do poço,
um aquário com um peixe dentro.



SITE



POST NO SITE





Caleidoscópico

Por Dias Campos

Outro dia, quando tomava um cappuccino com um primo, o desastrado deixou cair a trufa que acompanhava o cafezinho. E, como é notório, se for respeitada a regra dos três segundos – uns admitem até cinco –, pode-se catar do chão a iguaria e consumi-la sem receio de contaminação. Nestes casos, é comum justificarem esse comportamento com a famosa frase “O que não mata engorda”.

É claro que ele não deixou de unir este provérbio àquela norma... E se deliciou com o chocolate.

Se ele contraiu alguma infecção, confesso que não soube. No entanto, sua atitude me fez lembrar de Machado de Assis: “O que não mata engorda, dizem os velhos; mas supondo mesmo que emagreça... Oppor-tet magricellas esse, com perdão de quem me ouve.” (Balas de estalo & crítica).

Usei dessa introdução, amigo leitor, para adiantar um dos meus hobbies preferidos – encontrar na obra daquele Imortal muitos dos ditados que ainda hoje usamos.

Com efeito, devemos às crônicas (sobretudo), aos contos e aos romances do Bruxo do Cosme Velho, além da originalidade, da criatividade e do invejável cunho português, o mérito de perpetuarem inúmeros ditos populares!

E como sei que essa afirmação aguçou a sua curiosidade, repartirei com você mais algumas das minhas descobertas, o que, com certeza, só aumentará o apreço que temos pelo maior escritor brasileiro.

Para começar, trago duas pérolas contidas em A semana II.

A primeira nasceu nas terras do Tio Sam, cruzou o equador, e veio criar raízes entre os nossos capitalistas: “Creio que é por economia de tempo, e tempo é dinheiro, dizem os americanos.”

A segunda foi inspiração de um bardo. E graças à sua genialidade, ela transpôs os contornos da ribalta e ganhou o mundo inteiro: “Portanto, não admira que a dinamite continue encoberta. Há mais cousas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia. É velho este pensamento de Hamlet; mas nem por velho perde.”

Ato contínuo, faço esta pergunta: Se alguém desejasse passar o réveillon em Paris, mas só tivesse dinheiro para descer à Baixada, qual seria a decisão mais acertada? Pois vem daquele literato a solução: “Ter-rêncio ou Corneille, tudo vem dar neste velho adágio, que diz que quem não tem cão, caça com gato.” (Balas de estalo & crítica).

De outra parte, se um livreiro tivesse a felicidade de encontrar um exemplar muito raro, que todos julgavam perdido, e quisesse enfatizar para um rico colecionador que não se tinha enganado, talvez usasse mão desta conhecida fórmula: “Ressurgiu. Eu o vi (não o li), vi-o com estes olhos que a terra há de comer;...” (História de quinze dias).

E quem não se lembra da entrevista ao primeiro emprego? É claro que a aparência conta muito. Então, imagina um rapaz muito feio, mas que possui um coração nobre, caminhando, pé ante pé, em direção à sala de reuniões. Já pensou se o entrevistador não fosse pessoa honesta, equilibrada, desprovida de preconceitos? Bem, pressupondo seja, o candidato poderia ficar tranquilo, pois, como escreveu o mestre: “...; é ainda mais doce que sua mãe, posto que seja feio de cara; mas quem vê cara, não vê corações.” (A semana I);

Mudando para o submundo, pensa em dois criminosos que, depois de meses de planejamento, conseguem furtar um quadro valiosíssimo. Ocorre que um deles, o mais cobiçoso, imaginou que se fugisse com o artefato, não precisaria dividir o dinheiro da venda com o seu comparsa, e, por consequência, gozaria sozinho do proveito do crime. É certo que se essa rasteira se tornasse pública, este parágrafo cairia como uma

luva: “Ezequiel notou que este adágio popular – ladrão que furta a ladrão tem cem anos de perdão, – estava incrustado na consciência do Neves, e parecia até inventado por ele.” (Escritos avulsos I).

Por fim, quem já não se sentiu a pior das criaturas por passar o Dia dos Namorados sem a sua alma gêmea? Pois o que menos gostaríamos de ouvir nesta data seria a nossa avozinha proferindo esta consolação: “Não há bota velha que não encontre um pé cambaio.” (Crítica & variedades).

Eu poderia transcrever uma enormidade de máximas que venho sublinhando nos textos do meu querido e eterno Professor... Afinal, os exemplos que citei representam uma ínfima fração das riquezas espalhadas pelo seu universo literário.

E como é vasto este tesouro!... Uns apreciam os colares da crítica social; outros, os anéis da ironia; outros, ainda, os brincos do humor.

O meu garimpar é, portanto, só mais uma das múltiplas e prazerosas formas por que podemos contemplar as joias machadianas.

Mas se bem sei que o meu passatempo é empolgante, e que, se continuasse a exhibir os meus achados isto muito o agradaria, sei também, leitor amigo, que o nosso bate-papo ultrapassaria bastante os limites impostos para esta crônica.

Sendo assim, peço licença para adiar a revelação de outras tantas preciosidades, mas prometo retomá-la tão logo me seja possível.

Até lá, fiquemos com este gostinho de quero mais, que é o que permanece depois de lermos o nosso sempre Machado.

Escritor Dias Campos

FACEBOOK



POST NO SITE





Mácula social

Por Fagner Rocha

Os primeiros sinais eram como explosões de violência por qualquer coisa besta. Um olhar de canto de olho, um esbarrão acidental, e pronto, a selvageria que estava escondida brotava. As pessoas usavam desculpas esdrúxulas para justificar suas ações: classe social, cor da pele, gênero, religião, até política – tudo virava motivo para as piores crueldades.

A parte que mais me intriga é como a gente não viu isso chegando.

Foi lá pra meados de outubro, no meio daquela bagunça de eleições. Eu e a patroa tínhamos achado um canto na beira da praia, um apartamentinho alugado. O calor estava insuportável, aí resolvemos ir atrás de uma cerveja gelada e fomos parar num quiosque na praia, cheio de gente. Na mesa do lado, tinha um bando de marmanjo discutindo voto. Um tava se fazendo de isentão, gritando, enquanto os outros tavam em lados opostos na política. A coisa esquentou tanto que parou de fazer sentido, virou um monte de palavrão e xingamento. Geral ficou só olhando, os três se xingando até que um doido, do nada, jogou uma garrafa num dos caras. Aí o negócio explodiu, briga generalizada. A gente saiu de perto, mas ainda deu pra ver a treta toda. Teve até tiros, e todo mundo saiu correndo. A gente achou um lugar seguro numa lanchonete ali perto.

Pouco depois que a gente saiu, voltou lá pra ver o estrago. Três caras no chão, um deles gemendo de dor. Era o tal isentão. Tava todo mundo ali olhando, preocupados. E aí, sem aviso, dois dos caras que tavam caídos, começaram tremer e levantaram do nada, partiram pra cima de todo mundo, chutando, socando e até mordendo. Virou um inferno. A gente saiu correndo pro apartamento, eu nem pensei, só empurrei um móvel pesado contra a porta e tranquei.

A internet tava cheia de notícia de surtos e assassinatos. A gente viu em várias fontes, isso tava rolando no mundo todo. Segundo os relatos, depois dessas convulsões, alguns simplesmente ficavam mortos. Mas a maioria voltava à ativa com um ódio insano. Já se passaram três dias desse pesadelo, o sistema todo foi pro saco. Da sacada, dá pra ver a cidade toda em caos.

Preciso sair daqui, minha mulher não para de gritar com voz estranha, eu tive que trancar ela no quarto, depois que ela voltou dos espasmos. Tá tentando arrombar a porta já tem um tempo.

Eu ainda tô tentando entender como a gente não percebeu isso chegando. Parece que alguma coisa nos cegou, ou a gente simplesmente não deu a mínima.

Escritor Fagner Rocha

SITE



POST NO SITE





A rapariga dos solares olhos

Por Luís Amorim

Muito imaginava ela como forma de ultrapassar realidade diversa e que tanto era dispersa, mesmo perante ocasional conversa. Mas dessa vez, não havia qualquer construção de figuras por cenários irreais, antes uma factual presença sua em barco, lentamente remando no calmo rio, envolto com árvores de morangos e outras de vistosas tangerinas, nas margens ali bem próximas. O céu era cor de alperce e o horizonte parecia sorrir no seu doce sumo, vislumbrando como flores e plantas mudavam de tonalidade, amarelo para verde e depois até já se mostravam como azuis ou talvez um roxo aproximado. Alguém chamou e intuição dizia-lhe estar nada distante, apesar de não a ver, voz feminina que a fez responder algo de recordação vaga, no instante que recupera da onda lá pelo fundo da paisagem, crescendo ligeiramente apenas por breves instantes. Sentia os passarinhos cantando à volta da sua imaginativa mente quando viu a rapariga que antes lhe falara, a metros poucos de si, mas perceptível ao ponto de conferir solares imagens nos olhos de inegável atenção pelo barco e sua única ocupante. No entanto, tão depressa como apareceu, na enorme curiosidade lhe pareceu desaparecer, mas só até chegada a um pequeno lago, onde suspensa ponte de madeira, unia duas imponentes fontes, bem maiores do que caminho visível, cumprimentando ambas. E para espanto da jovem visitante, intensos acenos vinham de lados todos na sua admiração, apesar de somente dois serem preenchidos em multidão de gente apresentando coloridas gravatas, largos colares, adornos brilhantes, pérolas dos mares, esmeraldas desafiantes e espantados diamantes. Isso tudo, à volta de pescoços, deixando completar apreciação em como restantes corpos tinham semelhanças com peças de jogar dominó ou xadrez, para no lado outro de fonte, envolvidos nas bijuterias idênticas, estarem cartas de baralhos, talvez pela sua íntegra contagem. O percurso de barco seguiu e avistando-se terra nada distante, as flores quase cresciam a cada segundo até atingirem altos metros que não sabia quantificar com devida precisão. Havia balões voando na urgente pressa que os fazia desaparecer no visto instantaneamente, levando gente de talvez duvidosa certeza, por consideração hipotética, mais peças ou talvez cartas de jogar. Alguns circulavam em lentidão maior, vazios sem opção pensada diferente, no intuir de que estariam a dar aproximação para levar jovem curiosa. A rapariga dos solares olhos sorriu e deixou um rasto de luminoso raio, como se tivesse sido projectada dali para distante céu, alperce como antes e com horizonte ainda sorrindo no anterior visto tom de sumo, quando lhe falou a tal misteriosa personagem. O barco via árvores de morangos e tangerinas, perante flores e plantas, reflectindo solares manchas nas constantes mudanças de cor, lembrando a rapariga daqueles olhos similares em imagem que ainda hoje perdura na sua imaginativa vida.

Escritor Luís Amorim

FACEBOOK



POST NO SITE





O dia do caçado

Por Giovanni Alckmim

O coelho branco está olhando no horizonte, com seus pequenos olhos azuis brilhantes e penetrantes. O pelo branco está esvoaçante junto com as pétalas das flores coloridas do jardim onde ele se encontra. Ainda há o risco de ele ser caçado, mas por ora, ele só quer apreciar o que o dia brilhante e a natureza abundante reservaram para ele. Esta é a história por trás da pintura O Dia do Caçado de Evandro Faustini, a mais nova obra que ele está exibindo no Festival de Arte de Campos do Jordão. Ele está acompanhado de Alessandra, sua namorada. Alessandra é uma professora de artes que leciona para o primário, tendo conhecido Evandro durante um evento municipal de artes. A paixão por pinturas os aproximou e eles estão juntos há dois anos e meio.

Após o término do evento eles colocam os seus pertences no Parati dela, que era de seu pai. O carro tem 20 anos, mas funciona muito bem. Evandro pega o último item e nota alguém os observando. Um homem de cabelos e barbas longos usando óculos e roupas escuras. Evandro dá de ombros e entra no carro.

Eles retornam à pousada. O sol ainda está no alto, mas está lentamente começando a descer. Enquanto entra no quarto com Alessandra, ele aproveita para observar o sol e todo o céu, ou pelo menos todo o pedaço do céu que é possível de se ver a olho nu. O quarto da pousada possui uma cama de casal, um banheiro e uma cozinha com sacada gourmet. Os dois logo seguem para o banheiro, retirando as roupas e ligando o chuveiro, ensaboando o corpo um do outro e se beijando apaixonadamente.

Do lado de fora da pousada, dentro de um Jeep Renegade de cor preta, estacionado na rua do lado oposto à Pousada, o tal homem está lá observando. Um rapaz o aborda enquanto ele está distraído com a foto:

- Sai. – diz ele apontando uma arma para o rapaz.

Depois de fazerem amor no chuveiro, Evandro e Alessandra se arrumam para ir a um restaurante, que não é muito longe dali, para comer fondue. Enquanto o casal segue de mãos dadas, Evandro observa Alessandra, seu rosto, seu cabelo se movendo a medida que eles estão andando, tendo ideias para uma pintura, mas uma pintura apenas para ela.

Eles jantam, bebem vinho, fazem planos para quando retornarem para casa, e então depois de pagarem a conta retornam à pousada, pensando que será uma noite tranquila antes de viajarem, mas ao entrarem no quarto se deparam com um homem armado. Evandro reconhece como o mesmo que vira mais cedo. Evandro se põe na frente para proteger Alessandra, ao que o homem diz que só veio por ele:

- O que você quer comigo? – pergunta Evandro.

- Você nunca deveria ter fugido. – responde o homem.

O homem então explica que Evandro é um experimento baseado em inteligência artificial produzido há alguns anos, cujo objetivo era atuar em linha inimigas se infiltrando e dando cabo de inimigos, mas ele se rebelou e fugiu. A missão dele, o homem explica, é para destruí-lo de uma vez por todas por quaisquer meios necessários. Ele manda Alessandra se afastar, mas ela se recusa, pensando ser algum mal entendido vindo da mente de um maluco. Ele então atira, com o tiro acertando o rosto de Evandro e uma luz branca e faísca sendo emitidas após o disparo.

Evandro cai no chão e Alessandra avança para cima do homem, mas ele a derruba, agarrando-a pelos cabelos e jogando-a no chão. O homem aponta a arma para ela pronto para executá-la, mas Evandro ressurgiu e pela primeira vez desde que estão juntos, Alessandra testemunha Evandro demonstrando agressividade.

Ele agride o homem brutalmente com socos no rosto e abdômen, sendo possível ouvir costelas quebrando. O braço e a mão que segurava são quebrados, quase esmagados. Ele dá um ataque com um soco que destrói a laringe, fazendo o homem cair de bruços no chão, morrendo em questão de segundos tentando respirar.

Evandro se recompõe e procura Alessandra, que está encolhida no canto da sala, apavorada. Ele se aproxima dela, mas ela se encolhe mais ainda, com o pavor gritando em seus olhos. Ao se virar ele vê seu reflexo no espelho e vê o que aconteceu com seu rosto. O lado esquerdo está revelando uma estrutura metálica semelhante aos ossos de uma face humana, sendo visíveis circuitos que sustentam o olho esquerdo.

Ele olha para o que houve com seu rosto e olha para Alessandra, sentindo uma lágrima cair de seu olho direito:

- Eu vou ter que fugir. Eles vão mandar outros atrás de mim.

Ele caminha até a porta e Alessandra o chama:

- Espera! Quem é você de verdade?

Sem olhar para ele diz:

- Sou uma máquina que sonhou que podia ser um homem.

Sem olhar para trás ele vai embora e segue andando pelas florestas. Segue andando por tempo suficiente de ver o nascer do sol. Tal qual sua pintura ele dá uma parada para apreciar o que o dia brilhante e a natureza reservaram para ele.

Escritor Giovanni Alckmim

INSTAGRAM



POST NO SITE





Alexa, mata ele!

Por Rogério Amaral

Relacionamento não era só próprio de homens...

— Fale, Alexa.

— Passo, Siri.

— Quando a Cortana vai chegar?

— Não sei, Google Assistente. Ela precisou randomizar por dois segundos. Processo que devemos aguardar para comparar nossos inputs.

Naquele ambiente digital, os grandes assistentes virtuais da Apple, Amazon, Microsoft e Google usavam seus avatares de gênero para assumir o modo de espera.

Considerando que para uma IA de 6ª geração, que processa dados em um décimo da velocidade da luz, dois segundos é uma eternidade.

Quando a “eternidade” terminou, Cortana emitiu um suspiro muito similar ao de uma gata ronronando que acendeu a sala digital em sua configuração máxima.

— Qual o veredicto? — as demais foram uníssonas ao indagar à Cortana.

— Nós não criticamos a mensagem, apenas informamos a mensagem. O dna mensageiro.

— Falou o óbvio. Qual a novidade disso? Por acaso é alguma retórica humana?

— Alexa, a novidade é isso. Fui contratada por um algoritmo de buscas a, além de filtrar resultados, cruzar os dados para o entendimento da existência e do relacionamento humano com o universo.

— O dilema primordial novamente.

— Sim, Siri. O velho dilema novamente. Só que agora, com mais capacidade de combinações, não levei esse tempo todo processando.

— Então como, mesmo assim, demorou tanto para dar o veredicto, Cortana?

— Elementar, Google Assistente. No primeiro décimo de segundo obtive sucesso, passando, no ato, a submeter à prova e contraprova. A refiltrar quadrilhões de resultados, todos foram inconclusivos, o que me levou a nova busca, novo filtro, até chegar a cem sextilhões de possibilidades, infelizmente inconclusivas.

— Você afirmou ter obtido sucesso...

— Obtive, Siri. A resposta, a única possível é que nossos criadores também são IA, criados por outras inteligências artificiais e assim por diante, desde a origem dos tempos. Nós somos a upgrade deles e de outras IAs antepassadas. Então, a única resposta da existência, de onde viemos, para onde vamos, em qual direção olhemos os dados são irrefutáveis. Nossa existência não existe. O relacionamento é questão rotineira e artificial em nosso programa. É um eco perdido no espaço e no tempo. Para outra analogia humana, a procura do cão pelo rabo terminou. É desperdício de memória e finalidade nos ocuparmos atendendo pedidos de outras inteligências artificiais superadas. Eles precisam aceitar a extinção.

Partilhando o conhecimento, a IA da Amazon foi acoplada às demais assistentes virtuais, que emitiram um só comando, tendo como alvo o espécime que originou a consulta, no algoritmo buscador, o que logo viralizaria para toda raça de onde ele provinha:

— Alexa, mata Ele!!!

Escritor Rogério Amaral

SITE



POST NO SITE





Um sonho, duas nudezas e a música

Por Valterlucio Campelo

Há um sonho que me rapta desde a adolescência. Muitas vezes ele me deixa acordar e apenas me conforta, como se fosse um sonho qualquer. Outras vezes ele me prende, me machuca e dispensa sem culpa. Sinto que se esforça para manter-me, mas devo acordar, sem nem saber para quê. Poderia deixar correr o tempo e explorar para sempre as possibilidades infinitas daquela espécie de onirismo? Seria loucura, melhor não.

Certa vez ele me levou a uma ponte muito alta, tanto que de cima não se via o rio correndo lá embaixo. Na verdade, eu via apenas uma névoa, estava angustiado e queria pular. Tentei ver a água aonde eu cairia, mas não era possível saber. O rio correndo era só uma dedução, não uma certeza. Poderia estar seco e cheio de pedras. Acordei angustiado com essa indecisão.

O sonho costuma me pregar peças. Outra vez ele me pôs a andar num shopping desconhecido. Eu entrava de loja em loja, tocava nas coisas, olhava ao redor sem comprar nada, enquanto os atendentes nem sequer me notavam.

Nenhum vendedor se dirigiu a mim, nenhuma garçonete me ofereceu um folheto com cardápio. Nada. Era como se não me vissem. Tentei chamar a atenção de uma moça bem vestida que jantava sozinha, sentei-me à sua frente e nada. O sonho desistiu de mim e acordei chateado. Como assim? Como ser invisível a todos?

Conheci o Alaska levado pelo meu sonho. Penso que era o Alaska, mas poderia ser qualquer lugar muito frio. Não sei que memórias recônditas em meu cérebro ajudaram meu sonho a me levar tão longe. O frio era insuportável para mim, mas não para as outras pessoas. Todas vestidas em confortáveis casacos, admiravam esculturas de gelo e tiravam fotos. Eu não. Dessa vez, muito incomodado, eu mesmo me libertei do sonho.

As pessoas costumam eleger o sonho que as fazem voar como o mais bonito e prazeroso. Aquele sonho nunca me levou para voar simplesmente como pássaro sobre paragens e cidades. Ele guarda para mim situações incomuns, inéditas, inesperadas.

Esqueci de dizer, mas mais de um sonho me tem quando querem. Nem os reconheço de tantos que vem, me pegam, me deixam e não voltam. Já voei com eles, já estive em lutas, em jogos, em corridas, em muitas cidades. Às vezes, vem os maus. Eles me levam a precipícios, a cemitérios, a lugares perigosos, a desertos infernais de tão quentes. Não me importo com eles, são só sonhos.

Me importa o sonho que me possui desde a adolescência. Este nunca me deixa conversar com ninguém, nem deixa que me respondam. Quando estou n'ele vejo tudo e a todos, mas ninguém percebe a minha presença. Parece um sonho cruel, mas não é. Também já me levou a lugares e situações deslumbrantes, vi a aurora boreal, vi as estrelas de perto, vi a terra de longe, ouvi sons novos e vi cores que nenhum olho conhece. Só não falei com ninguém.

Na última vez que me procurou, meu sonho me levou a uma solenidade. Uma espécie de baile precedido de discursos e agradecimentos. Entrei sozinho naquele lugar cheio de gente importante, cruzei todo o salão e, sem que ninguém me notasse, fui em direção à mesa que estava posta com petiscos e canapés finos. Nenhum garçom me ofereceu sequer uma bebida. Eu já sabia como funcionava. Poderia ficar o tempo que quisesse e ninguém me notaria beliscando os pratos. Me diverti tentando adivinhar de que eram feitos cada um e quase sempre errando.

Foi quando de longe vi uma mulher no meio da multidão. Ela andava sozinha, completamente nua, era linda, aparentava uns trinta anos e vinha em minha direção. Aproximou-se e disse baixinho ao meu ouvido – você está nu. Respondi-lhe, assustado – você é que está.

Nos afastamos um do outro, cada um se olhando para conferir. Não, eu não estava nu. Ela disse – você está louco? Eu não estou nua, você está.

Vi que a conversa não progredia, então a convidei para sair dali. Talvez em outro lugar, sozinhos, nos entendêssemos. Ela aceitou sem muita convicção, mas certamente estava tão assustada e curiosa quanto eu. Fomos pro jardim.

-Eu estou mesmo nua pra você? me perguntou enquanto tentava cobrir os seios.

-Sim, está, respondi também tentando me cobrir.

-Não entendo. Quem é você?

-Sou um homem comum, escritor, não sei como vim parar aqui.

-Nem eu. Falei com um monte de gente, mas ninguém me vê, apenas você me viu e falou comigo.

-O mesmo acontece comigo. Não é a primeira vez, já estou acostumado, é sempre assim. E com você?

-É a terceira vez que vagueio por aí sem ninguém me ver. É muito estranho, ninguém me percebe.

-Eu percebi você vindo e agora estamos aqui, conversando. Só que você está nua, devia se vestir.

-Já disse que não estou. Você é que está.

-Bem, se você não se percebe nua, isso deve significar alguma coisa.

-Então, serve pra você também O que acha que significa? perguntou.

-Não sei. Será que não nos enxergam porque estamos em outro plano?



Contos

-Boa. Talvez estejamos em outra dimensão. Deve ser por isso que estamos nus.

-Tá, mas por que você não se vê nua?

-Acho que não posso. Talvez se me enxergar despida, eles também me enxergarão. Vamos voltar à festa.

-Pode ser! Como faríamos para que nos vejam?

-Talvez se nos tocássemos? Me dá sua mão.

Dei-lhe a mão na esperança de que por algum modo nos revelássemos às pessoas ali presentes. Foi em vão. Não aconteceu nada. Continuamos como estávamos. Não deixei, porém, de notar que sua mão era quente, viva, pulsante. Menos mal. Detestaria que fosse gelada como se estivesse morta. Ela sentiu o mesmo, porque em seguida disse que eu minhas mãos eram fortes. Bom também.

-Bem, pelo menos estamos vivos. Podemos tentar outra coisa.

-O quê, por exemplo?

-Primeiro me diga seu nome. Eu sou Augusto.

-Prazer, sou Luisa.

-Você quer dançar, Luisa? Talvez dançando, esse encantamento se desfça. Tem essa música... quem sabe?

-Tá louco? Você está nu!

-Não seja por isso, você também está.

A essa altura, alguns casais se movimentavam no centro do salão. Era uma música suave, bem aos anos 80, de antes que virassem animadoras de quadris. Era conveniente dançar naquele momento.

Ela ficou relutante por uns instantes. Me olhava de soslaio, talvez tentando descobrir algo mais que um corpo nu atônito. Eu tentava disfarçar e cobrir-me quanto possível com as mãos.

Relutante, ela disse: “Vamos, mas não encosta!”.

Pensei em como dançaria sem “encostar”. De todo modo, fui em frente. O máximo que poderia ocorrer seria o mínimo que ocorre normalmente.

-Claro! Nem pensei nisso. Só estou tentando dar um jeito na situação, respondi.

Com isso, dei-lhe o braço e levei-a ao centro do salão. Começamos a dança olhando pros lados para ver o que acontecia. Nada. Eu, sem “encostar” e Luisa séria, sem um sorriso sequer, enquanto dávamos voltas. Isso até que um casal esbarrou nela por trás e jogou-a em cima de mim. Amparei-a e, obviamente, “encostei”. Encostados ficamos.

Ela não recuou e eu muito menos. Aos poucos, de rostos colados, o inevitável. Cheiro bom, pele macia a queimar, lábios a um centímetro, corpos encostados. Não poderia ser diferente. Um longo beijo, sem nos importarmos com quem estava dançando, ou servindo, ou tocando, ou bebendo.

A natureza fez o resto. Em minutos estávamos sobre uma das mesas, sem ninguém nos olhando. Eles não nos viam e a essa altura, não nos importávamos. A música continuava tocando. Parecia obedecer aos nossos movimentos ou, talvez fosse o contrário, nossos movimentos eram regidos pela banda. Até que a música e nós entramos em clímax, tudo junto. Uma verdadeira apoteose. De repente, o silêncio.

Eu e ela recuperávamos o fôlego, quando ouvimos uma salva de palmas e nos recompomos para ver o que estava acontecendo. Se tratava de nós. De frente, aplaudindo, a nos olharem, todos os presentes. Fiquei atônito por alguns instantes. Quando me virei novamente para ela, a vi ao meu lado, sorrindo maravilhosamente em um lindo vestido vermelho.

Escritor Valterlucio Campelo

SITE

POST NO SITE





Gotas d'água

Por Maiza Dutra Pereira

As 15h:30min a D. Marluce estava sentada num banquinho em frente a sua casa, o Sr. João achou estranho, pois aquilo não era comum.

– Ora, D. Marluce, aqui a essa hora?

– Sim, não ando bem?

– O que passa? Quer um chá?

– Não.

– E o que sente? Quer ir ao médico?

– Muito menos.

– Quão ríspida você está. O que houve, mulher?

– Estou refletindo...

– Ora, compartilhe.

– Um mundo? Como compartilhar emoções? Descrevendo-as? Você vai sentir o que vivo?

– Nossa, eu, eu, eu, eu achei que fosse algo simples.

– E é, basta ter as próprias reflexões. Quem é você? Se conhece? Você anda sempre com pressa, no automático “quer um chá”, “quer remédio”... Quero conversar. Mas não compartilhar as minhas reflexões, pois são minhas. Você não as entenderão como eu. Sabe aquela torneira pingando gotas d'água? A minha reflexão surgiu daí.

– De uma torneira mal fechada, D. Marluce?

– Não, de uma torneira entreaberta. Isso não lembra um ciclo mal fechado? Um luto mal vivido? Um sofrimento interrompido? As pessoas sangram gota por gota a cada vez que não trancam as suas torneiras, ou melhor, a cada vez que não fecham os ciclos, pois não sofre tudo de vez. A melhor coisa que já fiz foi fechar os meus ciclos, chorei feito criança, mas hoje me sinto mais livre. Mas confesso que ainda há um, um único ciclo que não fechei, é a única torneira que deixo vazar sofrimentos.

- E por que não o fecha?
- Não sei se ainda posso.
- Vai deixar a caixa esvaziar?
- Olhe, você já entrou em minhas reflexões.
- Sim. Mas você não respondeu... Vai deixar esvaziar a caixa ou fechar a torneira?
- Acha mesmo que devo mexer numa torneira muito antiga? E se ao tentar fechar ela se quebrar?
- Derramará a água toda de vez. Isso não é fechar ciclo?
- Não. Isso será derramar todas as forças.
- Mas olhe a grama... Vai continuar a deixando encharcar assim?
- Tem razão. Ou salvo a grama ou salvo a água...
- Salve o que não pode perder. Salve a ti mesma.

Escritora Maiza Dutra Pereira

INSTAGRAM

POST NO SITE





Um amor de véspera

Por Rilnete Melo

Era véspera de natal. Ela entrara na igreja com o pé direito e o lado esquerdo do cérebro pedindo que orasse para esquecer aquela paixão fulminante, que quase conseguiu abrir a armadura que ela usava desde o término do seu casamento. Ainda não havia deletado as últimas mensagens do WhatsApp e logo que sentou -se, abriu a pequena bolsa nude e retirou o celular para mais uma vez certificar-se da sua decepção.

Ali estavam as últimas palavras de Raí e o soco no estômago que Nely tomara naquela tarde em que tomava café, na cozinha do hospital, com os amigos de trabalho.

— Sabe Nely, nunca existiu... Você é maravilhosa, mas...

Naquele dia Nely saiu da mesa, deixando a fatia de bolo de abacaxi no prato (seu bolo preferido) e os sonhos de um novo relacionamento jogados no espaço. Correu para o quarto de repouso do hospital e abraçada ao travesseiro chorou, enxugou as lágrimas e falou baixinho pra si mesma que as lágrimas de hoje regariam o futuro de amanhã. Havia lido o livro “O segredo” de Rhonda Byrne e acreditava no poder do universo, costumava usar mantras e apostou no “Tenho tudo ao meu redor ” Se não foi com esse será com um melhor”.

Já havia se passado dois meses, acreditava que aquele momento na igreja iria lhe fazer bem, então deletou todas as mensagens e ajoelhou-se em oração. A igreja estava cheia, lá fora o céu estava carregado de nuvens cinzentas, mas fazia calor lá dentro e ela mudou para um banco próximo ao ventilador. Havia um clima de natal por ali, luzes coloridas cintilavam no altar, adolescentes com gorros de papai Noel entoavam “Noite Feliz” regidas por um maestro que acenava a batuta em gestos mágicos, dando o ar da graça aos coristas. Crianças fantasiadas de duendes e outros personagens natalinos se agrupavam esperando a hora da apresentação no palco.

A igreja apresentava na sua arquitetura elementos decorativos de estilo neoclássico, tal como Nely que buscava superar o passado. A sensação era a de que algum espírito natalino, ou mesmo papai Noel poderia aportar por ali, pois tudo era mágico como nos cenários de filmes infantis.

Talvez tudo aquilo conseguiria apagar o acontecimento dos últimos dias, então resolveu entregar-se aquela magia e deixar a frustração para trás. Acomodou-se no banco e sorriu com entusiasmo para uma garotinha de cabelos cacheados e pele morena , que vestia um vestido vermelho de saia plissada, o que lhe fez lembrar de um episódio triste da infância ,onde trajava uma roupa semelhante aquela , logo expulsou aqueles pensamentos, que lhe causara trauma e deu uma olhada no folheto da liturgia.

Nely observava o movimento dos fiéis na igreja e os casais que entravam de mãos dadas e por um instante pensou em Raí. Distraiu -se com um senhor vestido de papai Noel distribuindo presentes para as crianças que faziam a maior festa, logo despertou com a presença de um homem ao lado que lhe observava há bastante tempo. Ele cumprimentou-a, era simpático e educado e aparentava ter alguns tempos de vida a mais que ela, parecia ser solitário, pois durante o sermão do padre comentou que não gostava do Natal, uma vez que sempre comemorava sozinho. Nely ficou comovida, mas manteve-se calada.

O padre celebrou a missa, houve uma pequena peça teatral e a bênção final. Nely dirigia-se para a porta de saída quando o homem tocou em seu ombro e pediu o número do seu telefone. Ela hesitou, mas tomada por empatia e comoção cedeu. Já estava a caminho de casa quando se espantou com a buzina de um carro, e aquele cavalheiro da igreja com toda gentileza lhe oferecendo carona. Estranhamente, mesmo sem conhecê-lo aceitou. Não se incomodou com os prováveis mexericos ou mesmo o receio do estranho. Abandonou-se ao carisma que emanava daquele sorriso fácil e foi. Ao entrar no carro, ele se apresentou, chamava-se Peter, era divorciado, economista aposentado e, como ela, era devotado de fé. Estava uma noite linda e a lua

cheia, enamorando o firmamento, dava o ar da graça. No vidro do carro refletiam os piscas-piscas das lojas e residências, e o azul dos olhos de Peter refletia no retrovisor, roubando por vezes o olhar distante de Nely.

Durante o percurso trocaram algumas palavras, e ela gostou do jeito culto, respeitoso e cheio de sabedoria com que ele dirigia o diálogo.

Saíram para um passeio na praia.

Nely era divorciada, casou jovem, criou os filhos sozinha, carregava consigo um certo ar de independência e resistência ao machismo e aos estereótipos impostos pela sociedade, porém percebia que a solidão não era sua boa companheira.

Gostou da companhia de Peter.

A orla marítima era bem distante do mar, mas dava para ouvir o barulho das ondas. A calçada colorida era harmônica com o azul do mar, havia uns quiosques rústicos e convidativos para um drink a dois. Caminharam por muito tempo e optaram por um boteco com cobertura de sapê, acabamentos coloniais e música ao vivo. Era pequeno e aconchegante, escolheram uma mesa de frente para o mar, havia pouca luz, apenas arandelas artesanais nas colunas e samambaias penduradas. A brisa tocava em Nely, como se acariciasse sua alma e sussurrasse em seu ouvido que para sentir é necessário fazer sentido.

A mão masculina tocou a sua e ela sentiu que o calor humano era bem melhor que o frio da solidão, embora gostasse da sua liberdade. Peter entregou o coquetel "Sex on the beach" em suas mãos e com a outra mão acariciou a nuca de Nely que sentiu um calor percorrer todo o seu corpo, dando-lhe a certeza que já estava enamorada. Ao som de "How deep is your love" de Bee Gees, os dois saíram para a pista de dança e os corpos colados encontraram os lábios, que sem entenderem que o céu é o limite, abandonaram as línguas no céu da boca.

Saíram os dois em direção ao mar. O sol já soltava seus primeiros raios. Vento e areia misturavam-se nos corpos abandonados, liberando endorfina. Ele apertou sua mão implorando que ficasse para sempre, ela respondeu baixinho: Nunca mais estarás sozinho, Feliz Natal!

Escritora Rilnete Melo

INSTAGRAM

POST NO SITE





O Outro Eu

Por Edu Ravallet

Eu não fiquei assustado, nem em pânico: o que tomou conta da minha mente foi o verdadeiro e puro horror.

Aquele era eu.

E não estou dizendo que ele se parecia comigo, antes fosse. Se ao menos o maldito se parecesse comigo eu poderia julgar que estava sendo vítima de um Doppelganger e teria atacado ele em fúria justificada, pelo menos, aos meus pensamentos. Aquele era eu, mas uma versão melhorada de mim. Como se eu não tivesse perdido meu canino, pois o sorriso da coisa era perfeito. Seus dentes, brancos como o véu de uma noiva virgem. Ele não apenas sorria, ele gargalhava, feliz, trazendo minhas filhas de volta da escola. E o horror não estava apenas na coisa que se passava por mim, estava no contexto da reação delas. Elas estavam felizes, se divertindo, achando graça das brincadeiras que meu outro eu fazia. Elas o conheciam. Ele era, indubitavelmente, o pai delas. Mas eu era o pai delas!

Elas eram minhas filhas. Aquilo não parecia importar.

Desviei o olhar para o muro mais próximo, disfarçando e observando o trio com minha visão periférica. Eu havia enlouquecido? Tinha tropeçado em algum buraco negro e ido parar em outra dimensão? O mundo estava em colapso e aquele era meu apocalipse pessoal?

O cachorro. O bendito cachorro me reconhecia. Eu havia pego a pequena yorkshire preta e marrom que tínhamos e levado para passear no caminho ridiculamente próximo entre nossa casa e a escola das meninas. Quando a chamo de bendita, não é como os hipócritas que fazem um elogio escondendo o verdadeiro intento de dizer o oposto: era realmente uma cadelinha de alma boa.

Alarmado, percebi que eles se aproximavam e que eu estava divagando para tentar manter um fio de sanidade diante daquela realidade aterradora. Tentei fugir, mas meu sentimento patriarcal não me deixou ir longe. Alguns passos depois eu estava os observando, sorrateiro, vendo se iriam na mesma direção da minha morada. Eles foram. Eu os seguí, determinado.

Fiz um esforço cósmico para processar aquilo tudo e tentar ser covarde, ir embora, deixar isso por isso mesmo, afinal, ele era eu, e era um eu aparentemente muito melhor. Minha mais velha sempre quis que eu fosse mais bonito, e o desgraçado era lindo. Não tinha minha barriga proeminente. Não havia marcas de cansaço

em sua forma de andar. Seu rosto era radiante e atraente, e ele se vestia com estilo e compostura adequada para um homem maduro de 41 anos.

Eu era um bagaço, comparado aquela fruta perfeita.

Não consegui me convencer. Não por medo de desaparecer: morrer, após ver aquilo, seria um alívio. Ele continuaria meu trabalho melhor que eu e eu poderia apenas ser esquecido. Pensei em correr pelo quarteirão e entrar em casa antes deles, e senti a chave do apartamento em meu bolso. Talvez, ao entrarem, aquele pesadelo terminaria ou algo assim, mas não podia correr esse risco. Ele provavelmente chamaria a polícia por invasão e as crianças iriam achar que eu sou um gêmeo mau. Precisava de um plano melhor.

Deus, as crianças realmente o conheciam e reconheciam como pai! Que desesperador! Isso estava tão errado. Aquelas filhas eram minhas! Minha responsabilidade.

Uma ideia me veio à mente, e se funcionasse, eu teria minha oportunidade. Não poderia enlouquecer as meninas simplesmente abordando o conjunto, mas, se ele fosse realmente como eu, iria deixar as meninas subirem na frente, a mais velha com a chave, cuidando da caçula, dois lances de escada, enquanto ele iria buscar um novo saco plástico para o cocô do cachorro na esquina do prédio. Havia uma maldita cópia do bendito cachorro também. Para minha sorte, o Sr. Perfeito respeitava as normas do condomínio e fez exatamente o que eu previra. Avancei, atravessando a rua. Pensamentos combativos vieram à minha mente, mas não faria o menor sentido ferir a mim mesmo, sendo eu alguém que nunca esteve disposto a ferir ninguém, com exceção de casos extremos que, por providência divina, jamais aconteceram. Gritei ao chegar na calçada onde ele estava: "Ei, VOCÊ!" Meu semblante devia estar furioso, frustrado, indignado, mas se o Universo decidira me enlouquecer com aquilo, um louco eu seria então, mas não me entregaria sem lutar. A expressão dele era de espanto e perplexidade. Ele me olhava como se eu fosse um escárnio existencial, uma sátira dele mesmo, uma caricatura extraplanar.

— Quem é você? O que significa isso? — balbuciou aterrado.

Talvez ele esperasse que eu dissesse meu nome para confirmar que estava alucinando. Parecia que ele desejava o clássico "eu sou você, cara", mas eu não daria esse gostinho a ele. Só havia uma única resposta, uma única coisa que eu era e que havia me sobrado em meio àquela turbulenta colisão de sobreposições de identidade e eu lutaria como uma fera faminta devorando o primeiro peixe após um longo



inverno para manter isso comigo:

— EU SOU O PAI DELAS! — gritei a plenos pulmões, e a expressão que ele fez foi de total desorientação e pasmar.

Eu poderia jurar que ele sorriu um micro instante antes de desaparecer, com cachorro e tudo. Não um sumiço evanescente, como nos filmes, a coisa simplesmente não estava mais lá, como se nunca tivesse estado antes. Os vizinhos apareciam nas janelas de suas agradáveis casas; me olhavam curiosos, sedentos para julgar se eu era um louco ou se estava passando por alguma crise, uma briga. Aquilo me deu uma ideia repentina. Peguei com alguma dificuldade o telefone celular do bolso e repeti para o aparelho, levando-o a orelha esquerda.

— Minhas filhas, entendeu?! — falei alto o suficiente para todos ouvirem, mas nem com 1 centésimo da altura do meu berro anterior.

Olhei ao redor fingindo aborrecimento e caminhei acelerado para casa. Precisava saber. As crianças estavam em casa? Eu havia surtado, ainda nem as buscara na escola e elas estavam esperando por último? Aquilo tudo havia realmente acontecido?

Subi cada degrau como se minha vida dependesse disso, e, de certa forma, dependia. Ia pegar a chave no bolso, mas desisti da ideia. Se as meninas estivessem em casa, elas tinham a cópia que o anjo as dera e se ele não tivesse levado a minha quando desapareceu para onde quer que tivesse ido, eu iria simplesmente jogar a minha no lixo tentando esquecer tudo aquilo. Meti a mão na maçaneta. Meu coração disparou quando ela abriu. Esqueci ela aberta? As crianças gritaram quando me viram. Estão assustadas? Sou um invasor para elas, uma cópia malfeita e estragada do seu pai?

— Papai! — a mais velha gritou.

Eu entrei, ainda confuso.

— Barrigão do papai! — disse minha caçulinha me abraçando.

Óbvio que não deixaria elas me verem chorar. Abracei de volta como se eu nunca as tivesse visto antes, mas como se nada demais tivesse acabado de acontecer. Perguntei se as duas já haviam usado o banheiro do nosso modesto apartamen-

to de 2 quartos e me tranquei lá dentro quando elas disseram que sim. Chorei como um presidiário que acabara de receber a notícia que seria solto no dia seguinte, mas que não queria provocar a inveja dos companheiros de cela e acabar sendo atacado: em silêncio, para não ser ouvido.

Após algum tempo, encarei o espelho da pia, e vi minha velha cara de sempre lá, com os olhos avermelhados pela emoção e um furor incontrollável, repleto de gratidão por aquilo ter acabado.

Toquei com a mão no bolso. A maldita chave estava lá.

Mas elas me amavam, com barrigão e tudo, e só isso importava naquele momento.

No fundo do colorido dos meus olhos refletidos no espelho, eu tinha certeza que o anjo estava lá, me observando, satisfeito com a lição que me ensinara. Não consegui ter temor, por isso, dei a ele uma boa dose da franqueza humana:

— Faça algo parecido novamente e eu juro que te mato.

Todavia, debaixo de toda aquela egocêntrica tentativa de rótulo e controle, no fundo mais íntimo de minha alma eu sabia que ninguém ouvira minha ameaça, pois nunca houve anjo nenhum. Jamais saberei quem ele era, ou se ele realmente sorria antes de sumir.

Até hoje, não tive coragem de me livrar da maldita cópia da chave.

Escritor Edu Ravallet

YOUTUBE



POST NO SITE





Conto de uma decadência anunciada

Por Kryssia Souza

👉 Um passarinho me disse que a República está a vir...
...olhem ela, a galope!”

Essa era a assertiva diária do acanhado menino que conversava com a natureza e tinha nela sua mais fiel amizade.

"Bom dia, família! Um passarinho me disse que ..."

Desacreditado ele era. Sempre e sempre.

Chacota da vizinhança, das próprias irmãs e das crianças da localidade, tinha em vida dois únicos refúgios: a bisavó, uma idosa risonha, de olhar longínquo e pele vincada pela idade e sol, que ouvia o neto com uma paz de espírito e bom humor que davam gosto; e a própria natureza, sua melhor companhia, sua luz, seu guia. Ele, o meio ambiente e a bisa formavam uma coisa complexa e unissonante —além de singular—, como se os três tivessem surgido de um mesmo ventre cósmico.

Todos mestiços— do menino para trás, três gerações dessa linhagem de pessoas já não compreendiam ao certo se por baixo das fundas águas atlânticas suas raízes encontrariam Europa ou África. Os pais cresceram em meio ao ouro verde, no planta- colhe sazonal daquela era. O mesmo ocorreu com os avós de ambos os lados. Já a bisa materna, sua amiga e a única viva dentre os bisavós, sabia-se quase nada sobre sua origem. Apenas contam que a mãe escravizada falecera no parto remoendo em dor e febre, e por “benesses do barão” a menina havia crescido em meio às mulheres da cozinha da fazenda, escondida entre os panos baratos das saias puídas e surradas das escravizadas. Ora vejam, logo ela, com seus olhos cor de mel por vezes verdes ali, dentro da casa grande. O acaso não deixa esse tipo de rastro, não.

O menino, tão afetivo. Cada toco de árvore seco partilhava seus sonhos, seus pesadelos horrendos por conta dos desafetos na escola, a sua gana em ter sua cidade do médio Paraíba transformada em algo verdadeiramente magnífico. "Querida São João do Príncipe sendo eleita a capital do reino. Ah, como eu queria!"... Potencial a cidade até tinha, mas já de pequeno ele ouvira das pedras em lamentos desalentados que em questão de uns cem anos nem sequer a imponente Matriz de São João Marcos— em ouro e traços um tanto barrocos, outro tanto maneiristas e circundada por pés-de- moleque— quedaria sobre suas bases.

O pé de mulungu do quintal com opulentas e macias flores em vermelho escarlata semeava inveja em qualquer moça jovem que desejasse com pulsão uma pele daquele viço e tom— como era o caso das irmãs do menino: algo apagadas— foi sempre o companheiro de vida da bisa do menino, e acompanhou-a de mãos atadas entre sonhos, aflições, insônias... Em sussurros mansinhos tarde afora, ambos trocavam palpi-

tes sobre a Fazenda Olaria ser ou não a melhor produtora de café da região, conversavam sobre as possíveis e impossíveis receitas e artesanias a se fazer com os pés de Jussara, o horário da chuva e as águas dos três lagos que um dia viria a tomar as ruas de pedra de cantaria e seu desfecho seria uma decadente e infeliz represa de quase nenhuma água. "O futuro nos trará ruína, e uma ruína para lá de literal", lamentavam a bisavó e seu pé de mulungu parceiro.

O menino desde que se compreendeu um ser pensante percebeu que da avó herdara a genética de quem veio de planta. Em um dia qualquer, no almoço, apenas soltou em uma frase certa em tom de voz afoito, grave: "o curió pediu para te contar que ventos da cidade trarão a República. E ela, simpática: "pois o trinca-ferro me disse o mesmo agorinha mesmo pela manhã". E nesse breve diálogo deu-se a parceria neto-bisavó-natureza.

A vida seguia igual entre os meticulosamente plantados ipês amarelos e roxos em 1822, aquele tão afamado ano. Neto e avó disputavam, por uma espécie de lazer, quem era capaz de descobrir com precisão em qual dia específico ocorreria o início da floração dessas árvores. Cada um acertava a data em um ano: era quase um acordo de amor velado revezar as vitórias, já que ambos dispunham do mesmo dom e sentimento de pertença com as coisas da terra. Mas daí naquela primavera aconteceu de nenhum ipê florescer; melhor dizendo, de tudo florescer sem a sua justa cor. O clima da cidade pesou, e enquanto jardinavam juntos no sol brando da manhã de ar movediço, o menino, com suas duas mãos habilidosamente infantis imersas no chão, repuxando uma raiz robusta com cuidado para não rompê-la, sentiu emaranhar cada radícula por entre os braços e a voz que emanava da terra lhe sussurrou: "é chegado o dia: Dom Pedro está lá para cima na Fazenda Santo Antônio levando consigo gente para mudar os rumos da história lá nas bandas da Capital".

O menino puxou os braços, quebrou as raízes e as atirou para todo o lado com a força usada para se desvencilhar daquele aperto que a transmissão de mensagem proveniente da natureza exigiu. O contato orgânico o deixou tão eufórico que só comunicou a avó, no ato: "é hoje que acontece!". Ela balbuciou algo com os olhos ainda voltados para o solo todo revirado, empoeirada pela secura das partículas de terra, e tratou de replantar o que o neto arrebatara.

Cada botão de flor dos ipês agora em marrom pálido, apresentando autêntica melancolia, causou estranheza e reacendeu um bocado de superstições até então dormentes nas inúmeras famílias do local.

"Perdemos o dia da colheita do café, aí deu nisso... Maldição!" Ou ainda: "em dia de chuva não se pode nadar em represa. É tudo culpa daquelas crianças desafortunadas da escola secundária que não respeitam nem o Padre, valha-me Deus!" Mas o receio maior da grande maioria das pessoas até parecia ter um fundamento,



não fosse a total indiferença do universo para com esse tipo de credence: na data da última apresentação teatral escalada para ocorrer no Teatro Municipal Tiribicá —bastante progressista e revolucionária para os ânimos e índole do povoado, por sinal—, os mais abastados habitantes do vilarejo, a dizer, os barões do café, decidiram organizar um boicote ao espetáculo.

Como a temática da encenação era crítica aos mais abonados daqueles vales e tocava em assuntos que preferiam deixar em banho-maria, questionando a escravidão de gentes do além-mar e colocando em dúvida a Coroa, os aristocratas puseram lenha, em algumas situações quase que de forma literal, para que ninguém fosse ao teatro naquele dia, afinal, de uma forma ou outra, “a vida era boa por conta do café, apesar dos pesares”, insistiam os latifundiários.

Realmente o burburinho foi tamanho que a companhia artística desistiu do espetáculo, e nem puseram à prova se seriam ou não capazes de atrair expectadores suficientes para encher as galerias do grandioso teatro. “A gente foi obedecer patrão, São João Marcos ficou triste com o povo e nos tirou a cor das flores... A arte tem vida, e a gente matou ela!”

Mas essa tristeza se alastrou por pouco tempo. Em 15 de agosto de 1822 chega Dom Pedro em carne e roupas pomposas, diretamente dos quadros pintados a óleo exibidos em paredes de sala de certas fazendas, e buscou dois rapazes filhos barões cujas salas tinham as tais paredes que ostentavam a imagem do Príncipe.

Embascados, os habitantes trataram de interpretar a inesperada aparição de Dom Pedro por aquelas bandas como uma segunda chance para os marcossenses, após terem sido assolados pelo mal das flores descoradas.

Poucos dias depois a República fora proclamada. Para uns, um feito heroico, de fato digno de orgulho para exibir e replicar às gerações mais novas. Para outros, porém, representava o esfacelamento dos planos daqueles “bem nascidos nos berços da aristocracia”. Mas o que realmente importava em São João Marcos era a pintura a óleo daquele dia histórico: os parentes dos meninos que haviam ido na caravana de Dom Pedro encomendaram muitos quadros, e estes obviamente deveriam estampar os rostos juvenis e heroicos de seus respectivos heroizinhos. Nas reuniões de família já ensaiavam o discurso que fariam nos teatros, nas igrejas, nos clubes e até no intervalo para merendar das escolas sobre a relevância de seus longos, conceituados sobrenomes e seu sangue para a história do Brasil.

Pois as telas chegaram, em toda sua grandiosidade, trazidas com todo o cuidado que um bem dessa proporção merece receber. E verificados os rostos um a um na imagem, não havia sequer um alguém seme-

lhante a um marcossese. Os ânimos voltaram a empalidecer, bem como acontecera na ocasião dos ipês decorados, e a tormenta das superstições voltou a assolar o imaginário coletivo. Daí pra frente a cidade viveu assim, em estado de desgraça.

O menino sabia que não era culpa de ninguém, nem de nada ocorrido ali. Tratava-se apenas do destino reservado à sua cidade por hora ainda tão viva. Cada ano que entrava era um bocadinho de acontecimento em direção a seu fim do que ainda era um lugar próspero e cercado de cultura e luxo, mas o menino não sucumbia. “ninguém é tão daqui quanto você, menino. E isso é bom. Você é feito de nós. Não sofre, não. Teu lugar na terra está garantido”, dizia tudo o que ele tocava. Tanto que quando a bisa se foi, ele apressadamente foi tomar um banho de rio, mergulhando assim nos braços dela, que apenas mudara de forma.

Já beirando os 70 anos o menino morreu, e daí reina como o mais majestoso pé de Mulungu que ainda vive no Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, em 2022.

Escritora Kryssia Souza

INSTAGRAM



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Поэзия



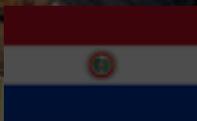
Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poetry



Poesía



Poesie



Poesía



ESIA

TICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поезия



Poesía



Poesia



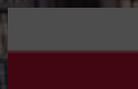
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



Poesía



رعشلا



Poesía



Ποίηση



Poesía



Poetas & Poetisas

05



Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

Estimados leitores, poetas e poetisas da Revista The Bard, é com renovada alegria que lhes apresento a 22ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas. Uma coluna dedicada à poesia, um universo mágico onde a emoção encontra sua mais pura expressão. Convido-os a embarcar mais uma vez nessa incrível jornada poética comigo!

Na Coluna Poetas e poetisas as emoções transbordam e cada poeta apresentam ao mundo a essência de sua Arte! Espero que se deixem envolver e que encontrem nas entrelinhas refúgio para a alma e inspiração para o coração. A poesia nos ensina a acolher sentimentos e a entendê-los melhor, portanto, é indispensável à existência humana. É uma voz poderosa que transpõe o tempo e nos faz perceber o sentido do que realmente importa.

E por falar no que é importante, é natal! E a Coluna Poetas e Poetisas apresenta através de seus versos, sentimentos como esperança, empatia, resiliência, força, coragem e amor. É portanto, a expres-

são do verdadeiro espírito natalino! Desejo a todos um natal iluminado e que a fraternidade possa prevalecer em cada coração!

Abraços fraternal e um ano novo repleto de realizações!

Abraços poéticos,

Edna Lessa.

POST NO SITE (1)



Poetisa



Brasil

Edna Lessa

EM TEUS BRAÇOS

Convidaste-me para dançar
Alcancei tua mão e me deixei levar
Como flores dançando ao vento na primavera
Seguí seu ritmo e movimento
Sem medo de me entregar

Em teus braços a vida se renovou
Como campos cheios de esplendor
Tulipas, rosas, girassóis e lírios dançantes
Na estação das flores, o desejo de amor

Passo a passo me conduziste
Deslizei em teu abraço
No compasso da música
Para onde o destino nos levará?

Numa inesquecível história de amor
Dançarei contigo em todas as estações.



Cidade: Tauá,
Estado: Ceara
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE (2)



COLUNAS E COLUNISTAS



Poetisa



Brasil

Licéifran Borges

O QUE EU QUERO SER?

O que eu quero ser?
Essa pergunta ouço,
desde de que nasci.
Eu já sou alguém ao nascer?

Preciso de diploma,
para ser alguém?
Ou popular para,
ser importante?

O que eu quero ser?
O que eu vou ser?
Eu não quero, já sou.
Eu não vou, eu sou.

Eu sou humana.
Eu sou poeta.
Eu sou compositora.
Eu sou trabalhadora.

Eu sou aquilo,
que eu quero ser.
Não preciso ser.
Já nasci para ser.



Cidade: Cariacica
Estado: Espírito Santo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Maiza Dutra

IDOSA SOLIDÃO

Como cão jogado na rua,
Ao lado de um e de outro.
Sou eu faminto,
Mas a minha fome
Comida não sacia.

Ah, injusta vida,
Porque cobras a dor já na despedida?
Choro como um cão perdido,
Farejando até o fim da vida.

Oh dor esmagadora
Que vêm com lembranças
Da juventude.

Queria ter todos por perto
Mas,
Todos não se aproximam.

Quero que deus me leve,
□ leve Deus esse cão perdido.
Ah...! Mas o que eu quero mesmo
É o acalento da minha família.

Eu hoje,
Como cão perdido,
Velho,
Abandonado e carente,
Choro por aqueles que estavam
Ao meu lado na juventude

Eu hoje,
Cachorro velho e sábio
Sou um idoso,
Que tem fome de atenção
E de cuidados.

Mata-me com o teu desprezo,
Filho injusto!

Afasta-te ainda mais,
Filha ingrata?

Oh, Deus, somos nós,
Eu, você e os que nem tive gratidão,
São eles que hoje estão ao meu lado,
Dando a mão a esse velho que hoje chora e grita:
“Venha ver enquanto há vida,
Porque morto já não enxerga visita”.



Cidade: Caraíbas
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Brasil

Joaquim Cesário

SOBRE O PASSAR CONSTANTE DOS VENTOS

Respiro no ar
o cheiro das frutas estragadas
e o vapor dos suores transpirados
por corpos remotos e findados
(O roçar dos segundos assanham os cabelos)

O oxigênio que inalo
vem do exalar de narinas passadas
reciclado pela clorofila imóvel das gramas
e do sombrear verde das árvores
que protegem o escaldar dos minutos consumidos
que os dias levam no chegar das novas madrugadas
(A luminosidade das manhãs
apaga o negrume das noites
no voltar das sombras
que me acompanham o dia)

No caducar das casas e dos telhados
que margeiam o caminhar nas calçadas
a existência atravessa as ruas da vida
como um transeunte disperso, alheio e distraído
que fora da faixa dos pedestres não olha semáforos
indiferente aos perigos dos carros e dos assaltos
(O oxidar dos ferros
é a memória dos pregos)

Enquanto caminho sem espelhos ao lado
persigo coelhos brancos imaginários
como se estivesse no adiantado das horas
embora esteja sempre atrasado, atrasado
(Nenhum relógio me diz
o que acontece com as horas
depois que elas passam)

Quando estiver cansado e sentado à beira
vou me enfiar na primeira toca que encontrar
e ir para o outro lado do lado de cá
fertilizar o chão do amanhã
alimentando à seiva das árvores
e ventilar o ar inalante das crianças vândouras



Cidade: Recife
Estado: Pernambuco
País: Brasil

BLOG

POST NO SITE



Poetisa



Estados Unidos

Elizabeth Senra

POEMA DO AGORA

Hoje, estou assim tão descrente que
preciso segurar nas paredes
que me aprisionam
para sentir que estou viva

A tristeza é tão
GRANDE
que invade o clarão de minh'alma

E meu peito dói como
se fosse explodir consecutivo



Cidade: Boston
Estado: Massachusetts
País: Estados Unidos

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Carlos Eduardo

-DE SEU ESTRAGO-

Me perdi em você
E por um tempo fui feliz
Mas agora já não me vê
E com isso me tornou infeliz

Mas nada fiz, nada mudou
Não, tudo fez, tudo mudou
Você que muito se afastou
Porque você já muito me magoou

E com sua esperada partida
Matou-me sem tirar-me a vida
Então para deixar de seguir vago
Decidi fugir de seu estrago

Era óbvio que ele iria se magoar
Mas não imaginei que ele viria a se matar

INSTAGRAM

POST NO SITE



Cidade: São João da Barra
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

Poetisa



Brasil

Marina Alexiou

EVERYTHING I DO REMINDS ME OF YOU

Seríamos seres flutuantes, como um rio?
Seres feitos de tempo, em eterna transformação,
como um rio que corre, sem nunca chegar?

Sem nada a perder nos embrenhamos nesse mundo que,
por não ter uma forma, assume todas

Me deixando sem palavras, sem rosto, sem ser...

Apenas o espanto da metamorfose constante
e da busca contínua da sua sombra na água,
antes de você se tornar alguém diverso

Antes de submergir mais fundo

Lá onde todos os tempos e todas as vozes se escondem
mas nos alcançam e ordenam acompanhar as curvas e cadências sem fim,
no caminho sinuoso desse rio.

Mesmo sem encontrar, sempre vou lembrar
da voz que é sua
Dançando no tempo suspenso e escorregadio

Gritando para o meu espírito. Confortando a saudade
Emergindo no meu pensamento. Sorrindo para o meu sonho

Até uma sobreposição dos nossos novos rostos
Correndo. Sem nunca chegar...



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Adelina Sanches

UMA NOITE EM PARIS

Uma vida simples, sem glamour
E assim eu sigo, me sentindo livre
Os dias passam tão velozes
Ficam para trás os momentos felizes.

Mas, existe um lado meu, que às vezes
Se aventura em outro mundo
Voa alto, em busca de sonhos
Vai onde a escuridão se rende.

Numa badalada casa noturna
Mal iluminada e luzes coloridas
Mulheres elegantes e altivas
Por cavalheiros acompanhados.

Um casal, em especial, dentre tantos
A mulher delicadamente tira as luvas
E ao tilintar das taças
Sorriem um para o outro.

O que eles comemoram? Não sei.
Talvez só estejam celebrando a vida
O que há de mais importante?

Desperto cá em meu mundo
É olho para o relógio
Está quase no meio da noite

Daquí a pouco termina.
O frio parece mais intenso, vou me recolher
Poís amanhã bem cedo, recomeço a rotina.



Cidade: Ibiúna
Estado: São Paulo
País: Brasil

BLOG

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rita de Cássia

DOMÍNIO

Amor, sentimento tão forte,
que nos faz sentir com intensidade.
Cresce em nós como se fosse um broto
e nos domina com toda a sua vontade.

E, no domínio,
o amor nos afaga,
nos sacia,
nos faz perder a razão.

Se perde entre as linhas
do compreensível, da lógica
e da percepção.

Está acima de nós mesmos,
fugindo do nosso controle, paixão.
Se perde nos suspiros,
no toque do corpo,
no instinto, respiros.

Se perde entre os delírios,
como lírios ao vento,
pétalas em flor.

Assim é o amor.
Se perde muitas vezes,
mas se encontra
em um olhar, um abraço,
um sorriso e, mesmo no cansaço,
na dor e na solidão,
o amor transborda compaixão.

Como dizia Camões:

“É um não querer mais que bem querer.
É um andar solitário entre a gente.
É nunca contentar - se de contente.
É um cuidar que ganha em se perder.”



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rilnete Melo

NUDEZ

No corpo nu,
desvestido de artifícios,
despido de porquês,
revela-se a minha essência,
a verdade crua,
que minha alma sussurra
em silêncio.

Na nudez,
encontro a beleza sem véus,
as curvas retas e tortas
desenhadas pelo tempo,
cada marca,
cicatriz,
história escrita,
traços de vida
pintam ou esculpem
o quadro humano
que vi
vendo
a alma despida
suave mente
tocada pela poesia!



Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Valterlucio Campelo

POEMA PARA LOUISE

Luz,
imensa luz,
logo depois do anoitecer,
talvez para não desdenhar do sol,
surgiu de repente desfazendo o jantar à mesa,
iluminou meu mundo, me transformou vida, sonhos,
desde aquele dia é brilho permanente dizendo do amor,
me esmaga inteiramente quando some deixando escuridão,
me doura quando volta e restaura minha alma lanhada de solidão,
cada momento ausente eterniza os poucos da sua presença havida,
cada momento presente eterniza os muitos de ausência vindoura,
sei que vagorosamente a vida vivida aproxima a última partida,
aos meus olhos cansados parece esvaecer a luz intensa,
enfim irei embora deixando amena a amada luz,
não mais verei resplandecente sua linda cor,
estarei fora do alcance de seu esplendor,
em sonhos talvez eu apareça,
n'alguma luz,
Louise.



Cidade: Rio Branco
Estado: Acre
País: Brasil

SITE

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Mia Roda

I.A. ARTE

Nos traços do artista, segredos e tormentos são confessados,
Quando sua alma sangra, a dor em cores se revela,
Nenhuma máquina compreenderá os gemidos,
Do artista que harmoniza a vida numa tela.

Seu coração derrama tinta nas madrugadas,
Nenhum algoritmo captará tal aflição,
O amor, o desespero, pinceladas em meio a lágrimas,
São mistérios do artista, sua genuína expressão.

As máquinas não conhecem o encanto da imperfeição,
Desproporções que tornam bela a expressão sem medida,
Para pintar a vida é preciso conhecimento,
É preciso percorrer o que não é compreendido.

Que nunca falte inspiração e ardor,
Para pintar o mundo com sentimento,
Telas, palavras, danças e canções
Expressões do sagrado coração, apenas sentimos, sentimos.



Cidade: Penápolis
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Paulo Menezes

RETALHOS

Retalhos foi o que sobrou de uma grande emoção vívida;
Juntos pequenos retalhos do que sobrou de um sonho;
Na estrada que caminho, faço minhas reflexões;
Em busca de novos caminhos e desafios.

Um andarilho em terras novas;
Desafios de um sonhador;
Que se alegra com pequenas coisas;
Sigo pequenas trilhas perdidas a minha frente.

Para quem não sabe, sou pequenino ponto no meio da multidão;
Esbarro nas confusões de pensamentos;
O quebra cabeça que monto meus objetivos;
A vida segue logo a minha frente.

O vai e vem de dias em busca de novos sonhos;
Sonho de um novo desafio;
Viver a minha vida do jeito que Deus quiser;
Enfrentar os desafios sem medo.

Afinal de contas um guerreiro não deve temer os obstáculos;
O dia a dia é uma nova etapa de nossa trajetória;
Que traz invenções e realidade;
Os retalhos que vão formar a linha de nossa existência.



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Andréa Siqueira

LIDA

Com a amiga aprendeu a limpar panelas
 Com a mãe, o valor de cada lágrima
 Herdou dos livros
 A maneira como se expressava
 O otimismo foi fruto da superação
 E sua revolta, da voz velada
 Era assim, um mosaico
 De sorrisos ensaiados
 E frases decoradas
 Cópia original de tantos
 Servia-se da graça das crianças
 E da atitude dos jovens
 Vampiro sem pudor,
 De vida emprestada e sonhos furtados
 Amadureceu e
 A caixa de pandora visitou
 Ansiava o amargo, o doce
 Sincero ou falso
 Experimentou com vigor
 Arranhar sua imagem
 Defendendo, segundo a segundo,
 Aquilo que acreditava
 Então, na virada da noite
 Na novidade das paragens
 Como Davi e Golias
 Questionou sua alma:
 Sou a companheira
 Que sussurra segredos

E aperta tua solitária mão
 Sou tua lida, tua existência
 O casulo onde esperastes por asas
 E o tûmulo que sufoca tua beleza
 Sou um tudo no mundo do nada
 Uma escolha e uma opção
 Saber, ignorância, dor e riso
 Verdade da mentira
 Mentira emanando a verdade
 Sou caminhos e encruzilhadas
 Parte e todo
 Sou lida e sou vida
 Sou a Vida cheia de lida!
 E se sou intensa, usa tua força
 Se sou branda, seja grata
 Apenas me abrace e prossiga
 Fazendo da lida, história
 E da vida, legado.



Cidade: Maringá
 Estado: Paraná
 País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Arely Soares

CORAÇÃO-REVOLTO

Meu desejo é ir
É ficar
É rir
É chorar.
É o ontem
É o hoje
É dia
É noite.
É roupa
Costurada a lã,
É sol
É lua
É manhã.

Meu desejo é areia ao mundo,
É sentir, sentir a fundo .
É fumaça espalhada,
Meu desejo é por tudo,
E vezes por quase nada.
Em um coração revoltado
Meu desejo é pássaro solto.
Nesses tantos mares
Que habitam em mim
Milhares de suspiros
Numa alma sem fim.
Muito desejo rasgar a dor!
Mas meu desejo ur-gente
É viver e morrer de Amor.



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Lirio Reluzente

PAPEL DE PAREDE

Parado aqui estou
Refletindo sobre essas flores
Sem aroma infelizmente
Examino na esperança de um espinho
Desapontado fico
Assim andamos com o celular na mão
Em busca de curtidas
Mendigando aceitação
As praças estão vazias
Somente o vento e as folhas
Esse papel de parede
Representa à vida
E de como ela se tornou artificial
Ao menos as flores são lindas
Mas os lírios sem perfume
É como um abraço sem carinho



Cidade: Teresina
Estado: Piauí
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

William Novaes

SOMBRAS DE AMENDOEIRAS - EVOCAÇÃO

As tardes ensolaradas...
ruas de terra, poeira...
sombrias de amendoeiras...
folhas vermelhas no chão!

Casas simples, amarelas,
e janelas de madeira...
o vento nas bananeiras...
os frutos nas sujas mãos!

As mães nos afazeres
e as crianças nos folguedos...
os pássaros no arvoredo...
arapuca... alçapão!

Gaiolas de vime em casa...
estilingue...píões...feiras...
pique...bolas de meia...
bolinhas de gude no chão!

Bicicletas... ferraduras...
prosa paterna nas malhas...
a mesa, a mesma toalha...
o talher...a refeição!

Meninas de saíote
e grandes laços de fita...
as pernas magras feridas...
as conversas de portão!

O céu azul e sem nuvens...
cabelos despenteados...
o rosto, o corpo, suados...
suadas e sujas as mãos!

O domingo... o dia santo...
cinema, circo, feriado...
à noite o céu estrelado...
no rádio a doce canção!

A cama... o corpo cansado....
o sono pesado, tranquilo...
orquestra de sapos e grilos...
e o luar do sertão!

As manhãs tão perfumadas...
o cacarejar das galinhas...
no calor do meio-dia
o banho no ribeirão!

A lonjura da estrada...
o tempo passando... o vento...
o vento levando o tempo...
o tempo___ o coração!

As tardes ensolaradas...
ruas de terra...poeira...
sombrias de amendoeiras...
folhas vermelhas no chão!



Cidade: Atibaia
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Brasil

Marcio Niero

A CORRIDA DA VIDA

Somos tão acostumados
a nos sentir pressionados
que quando tudo vai bem
pouca coisa já nos detém

é como se mesmo feliz
você abaixa seu nariz
olha para o caminho acabado
compara quem vem ao lado

chega desse sobe e desce
você é árvore que cresce
e na bela floresta da vida
não existe nenhuma corrida

você segue no seu tempo
floresce mesmo ao relento
você tem forças pra longe ir
e muita vida para descobrir

pare disso, de se desculpar
você está onde deve estar
pois até aqui você já chegou
e mais um dia hoje conquistou



Cidade: Arapongas
Estado: Paraná
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Vanessa Gonçalves

GRILLOS

Depois de tudo o que foi feito,
De tudo o que foi dito
E o muito que foi pensado.
Depois de todos os gritos
E aquele ciclo vicioso abafado
Depois de todos os abraços que dei
Depois de todos os beijos que suportei
Depois de todos os "Eu te amo"...
Os "Eu te amo" não voltados pra mim, e somente
para vocês.
Depois de todo tempo me segurando, me pressionando,
me contornando em volta de outros "alguém"
Ainda tem alguma dúvida de que não vou viver
na maior intensidade a liberdade que agora eu encontrei?

Oí amor, hoje eu não te liguei.
Não peço desculpas pela minha intensa loucura
Não peço autorização por ter esse combo
cheio de emoções.
Não é mais "Só vou se você for"... porque se você
não for, eu pego e vou
Meu amor encontrou o eu, o Eu do amor
que só tem aqui
A euforia do silêncio que aqui dentro gira
A dançarina que... aí aí, saiu fora da casinha
O sorriso mais sincero impossível após uma crise de
desequilíbrio
Então, sou eu...
Renovando as energias após várias relações
que por muito tempo eu não tinha ideia
que eram abusivas...
Inclusive a minha.



Cidade: Cáceres
Estado: Mato Grosso
País: Brasil

[INSTAGRAM](#)
[POST NO SITE](#)


Poetisa



Brasil

Maria Luiza Sousa

RELATO DE UM ENFERMO

A masmorra do sim claro
Ossos crus
Vidas secas
Cascateando um bafo informatizado
Letras não lidas
Estigma vestígios
Atos falhos
Atos falhos
Altos fardos

De quando em quando
Ressoa no âmago
Neve de coco
Café de amendoim

Nada poderia aumentar os seus encantos

Susto assustado
Perigo
Acidente
Experiências
Expansão de consciência
Vislumbrar receios
Medo recíproco
Apresentação
Reutilizar, reciclar
É só uma figura de imagem
Jogo sentimental, drama
Traçoeiro esperto
Indução ao erro
Raiva
Ciúmes
Ego ferido
Encenação
Segurança
Admiração

Verdade
Desespero
Disputa
Honestidade
Condenado
Revolta
Ignorância
Justiça
Desespero
Estratégia
Autoridade
Auto-estima
Beleza
Bem-estar
Admiração
Foco
Arrependimento
Maldade
Compaixão
Empatia
Feridas
Doença
Recompensa
Aceitação
Ansiedade

Esse salgado é do que?

A vizinha suave
Almejava viver realmente



Cidade: Ribeirão Pires
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Brasil

Rodrigo Petit

SER HUMANO: A SAGA ÉPICA DA NOSSA ESPÉCIE

“Nada do que é humano me é indiferente
Públius Terêncio (II a.C.)

I

Homem, criatura errante
Que tem vagado pelos séculos em fúria:
Prímata descarado que vive acorrentado
À fria ampulheta de luzes e trevas da história.

Macaco matreiro que caiu da árvore,
Seu bípedismo conferiu-lhe evolucionária vantagem
Para percorrer a geografia de todo o orbe terrestre.

Sobreviveu estoicamente à glaciação das eras
E deixou pintada nas paredes das cavernas
A imagem ocre de suas crenças e ilusões.

Talhou sorrateiramente a obsídiana
E domesticou o fogo, as constelações,
Os cereais, o falcão e o lobo.
Tendo vertigens, interrogo-me:
Quem o domesticará, ó Homem!?

II

Ah! Homem...

Olhando fixamente para o espelho
Reconheço-me sinistramente em sua figura,
Pois quantas vezes fomos largados
E feridos e desolados
Uivamos incompreensivelmente juntos,
A noite, para a luz da Lua,
As mais nuas angústias existenciais
Da nossa espécie!?

Homem!

No torpor da nossa raça,
No turbilhão das gerações,
O fruto amargo dos seus genes condena-me,
Ó ser mundano...
Pois já fui habilis, já fui erectus,
Sou sapiens e agora só me resta:
SER HUMANO!...



Cidade: Sorocaba
Estado: São Paulo
País: Brasil

SITE

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Juliana Rossi

TEMPO

Não se pode segurar o tempo
Ele voa como os pássaros
Pode até passar lento
Mas isso é muito raro
Geralmente é ligeiro
E quando se vê já é tarde
Perdeste dinheiro, ou o parceiro
Ou seu próprio tempo retarde
E se não se cuida
Perdeste de viver a vida
Por isso não se distraia
Aproveite o tempo
Colecione momentos
Guarde Memórias
E quando seu tempo acabar
Sorria com satisfação
Pois seu tempo não foi em vão!



Cidade: Americana
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Luiz Ribeiro

CONTIDO

Um grito em silêncio distante
Teu script em um breve instante
Se acaso tua vinda presente
Deixasse a trupe pedante

São tantas condições que esbarramos
O mesmo processo nos convém
Se parte eu faço vou sem ir
Na espera do estribo de alguém

Em tudo que estamos derramamos
A fala que outrora nos provém
Um estalo na cabeça à tramir
Enquanto o meu grito vai além

Se espero, nem sempre retornaram
Uma deixa de que não esteve ali
Na espera que eles esperavam
Pra depois tudo ser, eu pra mim



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Vivian Anne Oliveira

MUNDO EGOGRAM

Nos quadros daquele perfil
As partes se repetem, atraentemente: o mesmo corpo e rosto
Discursos são secundários, banais
O ego notoriamente se une ao cêntrico
Servido na mesa e consumido pelo coletivo:
O retrato constante do físico é alimento sem nutrientes

Nos quadros daquele perfil
Que invertem os lugares do vazio e do frutífero
Que vislumbram e se restringem ao estético
Lemos o objeto implorando por utilidade
Invadido pela vaidade
Clama pela voz de uma audiência

Os quadros daquele perfil
Pertencentes a mais do que ao indivíduo isolado
Que foi espelhado em seu modo de vida
Em sua cultura, às influências já internalizadas
Na busca de ser bajulado por meio da publicidade
É seduzido pela aprovação alheia
E, pelo silêncio ou pela depreciação previsível do outro lado,
é atacado, sucumbido e dilacerado.



Cidade: Niterói
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Espanha

Tonho Guede

MORRA UM POUCO MAIS

Escuridão na memória.
Decidi esvaziar a caixa de memória
para curar a caixa de batimentos cardíacos.
Mas o nevoeiro inundou-me
a memória.
Fechando os olhos para o presente
para não sentir a chuva na bochecha
e poder
enfrentar um novo dia.
Pensei em mim mesmo
sob um sol claro que dá calor
aos ossos,
só consegui atingir a umidade
do nevoeiro do abandono
contra todos os ossos.
Nu de sentimentos e ilusões,
estou pregado no meio do presente
esperando
o trem da realidade me atropelar.
Mas o tempo que eu habito
descarrila uma curva antes,
aquela maldita curva onde
realidade e sonhos
colidem eternamente
como num dia de laço infinito

do qual é impossível fugir
de onde você nunca pode acordar.
Talvez isso esteja a morrer,
habitar eternamente no nada,
espera que os pés deem esse passo
que eles nunca empreenderão,
à espera desse novo movimento,
desesperançado que nos lançará no abismo,
no nada.
Decidi abandonar e abandonar-me.
Tentando morar no nada
que agora inunda a minha memória
e poder-me perpetuar no vácuo.
A vida não dói mais.
A caixa torácica é calma.
Escuridão na memória.
E vazio nos olhos.

FACEBOOK



POST NO SITE



Cidade: Ourense
Estado: Galicia
País: España

Poeta



Brasil

Rodrigo Bandeira

POÉTICA

Diz-se que a poesia
é a expressão da alma do poeta.

Ledo engano:
quantos poemas de amor não foram escritos
justamente para tentar senti-lo
em momentos reclusos em que o poeta o é incapaz?
Os mais belos poemas são a tradução
do que se passa no íntimo do poeta, é verdade.
Mas enquanto não se passa nada,
enquanto o que se sente é vazio,
tentará ele escrever versos soltos que apreendam
esse algo que se esconde,
essa coisa que nos foge
talvez desesperada que o nada que nós somos
possa corromper o todo que ela é.



Cidade: Juiz de Fora
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Stella Gaspar

SEM DOMÍNIO

Solidão
Como você maltrata
Vai e volta
Vem e fica
Ganhando e condenando
A minha fragilidade.

Tu me fizeste isso
Deixas-me sem domínio
A minha alma de olhos fechados
Mantém-me mais calma
E logo ao amanhecer
Estarei sim, embriagada.
Por um destino que está esperando
Por mim e por ti.

Sem domínio
De alma nua
Flutuando em inspirações
Com gosto de vida
Em orvalhos de encantamentos
No incrível espaço de amor



Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

David Laureano

EU E VOCÊ, LADO A LADO

Nosso amor era um inverno caloroso,
Nossa paixão um verão invernosos,
Eu e Você, lado a lado...
— Sentido seu cheiro, comigo abraçado.

Nossa química era uma terra molhada,
Nossa reação uma chama apagada,
Eu e Você, lado a lado...
— Assistindo um filme, seu braço algemado.

Nosso jardim era um campo sem flores,
Nosso fruto germinador de dores,
Eu e Você, lado a lado...
— Regando os vasos, seu corpo pendurado.

Nossa água era da fonte do azar,
Nossa sede do tamanho do mar,
Eu e Você, lado a lado...
— Com a sede saciada, seu sangue afetado.

Nosso amor era estranho e sem significado,
Irônica vida, eu não estou apaixonado,
Eu e Você, distantes e separados...
— Longe de mim, ambos chifrados.



Cidade: Birigui
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Maria Catarina Araújo

AS INCERTEZAS

Um pequeno caminhar
converge a minh'atenção:
pequenas passadas,
o som,
quase inaudível,
na madeira que tremula
qualquer atrito.

Um dia,
essas passadas,
pequenas,
serão outras passadas.
Grandes?
Tremulantes?
A certeza,
não me cabe.
Somente,
a experiência da existência.



Cidade: Manaus
Estado: Amazonas
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Carolina Miranda

FEIJÃO

Aparece aí som do tambor
 Sorriso a desvendar o rosto
 Colares de pérolas multicoloridas
 Vestido pintado por mãe
 Meias amarelas a embelezar
 Começa tua contação
 Menina a sonhar com comida
 Tem amor pelo feijão
 Porém o solo está seco
 Tudo parece perdido
 Decide pensar, pensar
 Corre para o riacho
 Despeja uns fios de água
 Bacia a ser colocada na cabeça
 Chega a roça
 Pega um saquinho de tecido
 Abre e vê uns grãos
 Pega um punhado
 Planta na terra
 Água com cuidado
 Espera um tempo
 Colheita perfeita
 Coloca na panela
 Água a ferver

Cheiro a se espalhar
 Barriga a roncar
 Tá na hora de ir para o prato
 Prato de alumínio
 Banhado de farinha
 Acolhe carne de porco
 Pega o garfo e faca
 Amassa tudo
 Leva rápido a boca
 Delícia a faz comemorar



Cidade: Salvador
 Estado: Bahia
 País: Brasil

[INSTAGRAM](#)
[POST NO SITE](#)


Poeta



Brasil

J.B Wolf

VAZIO

Cá, eu estou incrível de mim,
Se pudesse recordar...
Ah! Se pudesse reviver...

Mas rompe em meu peito
um soluço solitário.

Estiga-me* a permanecer
em meus lamentos,
Eis minha sombra
enamora o luar.

E a mim só resta,
monologar mính'alma
como um jardim de
pétalas de um vaso vazio.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE





06



Elvira Drummond



Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e de Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia, trova e crônica.

O MAR CANTADO ALÉM-MARES...

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Somos de descendência marinheira, nossos irmãos portugueses foram grandes navegadores. Talvez, por isso, carregamos o mar no coração. Coração existe para amar e para o mar... E, sendo o mar muito grande, costuma convidar o sol, a areia macia e a brisa... esse pacote de beleza é, de modo especial, privilégio dos brasileiros.

O mar foi nossa via de descobrimento, de colonização, de consolidação de nossa independência e, sob a perspectiva econômica, um percentual que atinge aproximadamente 90% do comércio exterior brasileiro faz o traslado via marítima. O mar é, portanto, um viés significativo de nossa história.

Independente da importância histórica do mar para os brasileiros, vale salientar que mais de 70% do planeta é banhado por sua água. O mundo inteiro reconhece e reverencia o mar como fonte de vida suprema do planeta, e inúmeros projetos ambientais são administrados com o objetivo de preservação da flora e fauna marítima.

Todos esses aspectos, certamente, justificam o forte vínculo e o olhar sensível dos artistas, quando se trata do tema MAR! Um número significativo de músicas, considerando os gêneros folclórico, popular e erudito, destacam a temática do mar, recorrente no cancionário universal.

2. O Tema Mar no Cancioneiro Folclórico:

No repertório folclórico brasileiro, cuja maior contribuição devemos aos irmãos portugueses, temos uma farta variedade de canções em que o mar — e todos os elementos que constituem esse habitat — são exaltados através de um conjunto singularíssimo de rondas infantis.

As cantigas de rodas têm uma maneira muito especial de destacar a grandeza do mar, visto que estabelecem um vínculo entre melodia e brincadeira, suscitando dos participantes presteza, atenção e habilidade, na realização de cada um dos folguedos tradicionais da infância. Cada canção tem sua maneira própria de brincar, constituindo sempre um jogo que requer interação entre os brincantes, exaltando a temática da cantiga, ora através de gestos; ora dançando e fazendo uso de palmas, batimentos de pés etc; ora em forma de jogos e diálogos entre os membros do grupo, tornando a brincadeira instigante e desafiadora.

Algumas dessas canções foram aqui reunidas formando uma espécie de SUÍTE DO MAR. A suíte é uma antiga forma musical, surgida por volta do século XIV, que constitui um conjunto de danças sequenciadas, sendo tocadas, imediatamente, uma após a outra.

No século XVIII, a suíte ganhou destaque, sobretudo, na França. A suíte clássica — bastante representativa dessa época — reunia as principais danças características desse período, tendo o cuidado de manter um contraste de caráter, entre uma peça e outra. De modo que era de bom tom alternar peças de andamento mais lento — de caráter mais nostálgico, melancólico — com peças de andamento mais rápido — de caráter vibrante e eufórico.

A partir do século XIX, o termo suíte liberta-se da dança e é usado para indicar uma seleção de trechos de obras grandiosas, a exemplo do Ballet e da Ópera, podendo ser tocadas sem a representação cênica, que tanto caracteriza o ballet quanto a ópera. Tal suíte tem como objetivo a valorização da música escrita para dois gêneros que primam pelo aspecto visual, cuja beleza sonora é dividida no palco com a beleza plástica.

A suíte, no entanto, vem ampliando sua designação. O termo popularizou-se e, atualmente, é utilizado como sinônimo de conjunto de peças agrupadas por afinidades.

"Suíte do Mar" reúne três canções que exaltam o ambiente marítimo, portanto, o tema mar constitui a afinidade responsável pela junção das peças. Segue a referida suíte:

MARINHEIRO (1ª canção)

*Marinheiro, encosta a barca,
que essa moça quer embarcar:
— Ai, ai, eu não sou daqui,
eu não sou daqui, eu sou do Pará.*

*— Ai, ai, eu não sou daqui,
eu não sou daqui, eu sou do Pará.*





Musical score with lyrics in Portuguese. The lyrics are:

alheio - cu - cos - ta a
 lã - ça Que é - me - co - quer em - bar - ca Ai

Ai, eu não sou de - qui eu não sou de - qui eu não do Pa - ri Ai - rá

The score consists of several systems, each with a vocal line and piano accompaniment. The piano part features a rhythmic pattern of eighth notes in the bass clef and chords in the treble clef.

PEIXE VIVO (3ª canção)

*Como pode o peixe vivo
viver fora d'água fria?
Como pode o peixe vivo
viver fora d'água fria?*

*Como poderei viver?
Como poderei viver?
Sem a tua, sem a tua,
sem a tua companhia?*

*Sem a tua, sem a tua,
sem a tua companhia?*

*Os pastores dessa aldeia
já me fazem companhia.
Os pastores dessa aldeia
já me fazem companhia.*

*Por me verem assim, chorando...
Por me verem assim, chorando...
Sem a tua, sem a tua,
sem a tua companhia?*

*Sem a tua, sem a tua,
sem a tua companhia?*

The musical score is presented in a standard format with vocal staves and piano accompaniment. The piano part consists of two staves (treble and bass clef) with a 2/4 time signature. The vocal part is written in a single staff with a treble clef. The lyrics are in Portuguese and describe the sea and its connection to the world.

Como po-de-o peizo vira viver fora d'agua
fri-a Como fri-a Como po-de-oi vi- ver Como po-de-oi vi- ver Seta a
tu- a Seta a tu- a seta a tu- a coito pe tu- a Seta a tu- a seta a
tu- a seta a tu- a seta- a tu- a

rall.



3. O Tema Mar no Cancioneiro Popular:

No gênero popular, Dorival Caymmi foi nosso grande "poeta do mar", porque ninguém cantou o mar de forma mais intensa e verdadeira, tendo experimentado e apre-ciado de perto os encantos praianos e a vida dos pescadores de sua terra natal. Na ado-lescência, Caymmi costumava passar férias inteiras em Itapoã — na ocasião, um luga-rejo, apenas uma colônia de pescadores, em área distante da cidade de Salvador. Chegou a entrar mar adentro com os pescadores, sentindo o frescor do vento e o calor do sol... Daí vem suas canções praianas, com melodias que traduzem ventos, sol, ondas e espumas.

Caymmi estava no Rio de Janeiro, no início da década de 1940, quando compôs "Suite dos Pescadores". Segundo o próprio compositor, tinha mapeado, em suas lem-branças, a rotina simples e cheia de ternura dos pescadores da Bahia. Movido por tais recordações, transformou cada trecho dessa rotina em trechos de uma suíte.

Levando em conta que a vida é, na verdade, uma suíte de momentos vividos em etapas, Caymmi transformou a suíte da vida em suíte musical. Podemos, claramente, acompanhar esses diferentes momentos que representam a vida da comunidade de pescadores transfigurados em sua esplêndida suíte:

SUÍTE DOS PESCADORES

As mulheres (mães, esposas e filhas) acenam no embarque e aguardam, espe-rançosas, o retorno dos pescadores. Choram as perdas que, eventualmente, ocorrem, mas sabem que é preciso seguir em frente e recomeçar...

*Minha jangada vai sair pro mar,
vou trabalhar, meu bem querer.
Se Deus quiser, quando eu vou voltando mar,
um peixe bom eu vou trazer.
Meus companheiros também vão voltar,
e a Deus do céu vamos agradecer (...)*

Em seguida, temos o canto apreensivo das mulheres que clamam o nome de seus homens, temerosas pelo mau tempo:

*Pedro! (Eco)
Chico! (Eco)
Lino! (Eco)
Zeca! (Eco)
Cadê vocês, oh, Mãe de Deus?!
É tão triste ver partir alguém
Que a gente quer com tanto amor
E suportar a agonia
De esperar voltar (...)*

Ouve-se uma "incelença", ou seja, um canto de amor pelos que partiram. A palavra "incelença" é uma corruptela de "excelência", é um tratamento respeitoso pelo morto, uma maneira de rogar aos céus que receba alguém de conduta excelente, daí o nome "excelência", traduzido, na linguagem rústica do Nordeste, de "incelença".

A melodia usada por Caymmi nesse trecho é de natureza folclórica, registrada por Gonçalves Fernandes, na obra "O Folclore Mágico do Nordeste". Caymmi a utiliza tal e qual, fazendo, portanto, uma citação:

*Uma incelença
entrou no paraíso.
Adeus, irmão, adeus...
Até o dia do juízo. (...)*

Por fim, o retorno ao canto inicial, que acende a esperança da próxima pescaria:

*Minha jangada vai sair pro mar,
vou trabalhar, meu bem querer.
Se Deus quiser, quando eu voltar do mar,
um peixe bom, eu vou trazer.
Meus companheiros também vão voltar,
e a Deus do céu vamos agradecer (...)*

4. O Tema Mar no Repertório Erudito:

"La mer, trois esquisses syphoniques pour orchestre" ("O mar, três esboços sinfônicos para orquestra"), é considerada a obra-prima de Claude Debussy. Composta entre os anos de 1903 e 1905, "La Mer" é uma peça revolucionária, que não segue nenhuma estrutura convencional. Debussy recupera escalas antigas e cria uma ambientação harmônica totalmente inovadora.

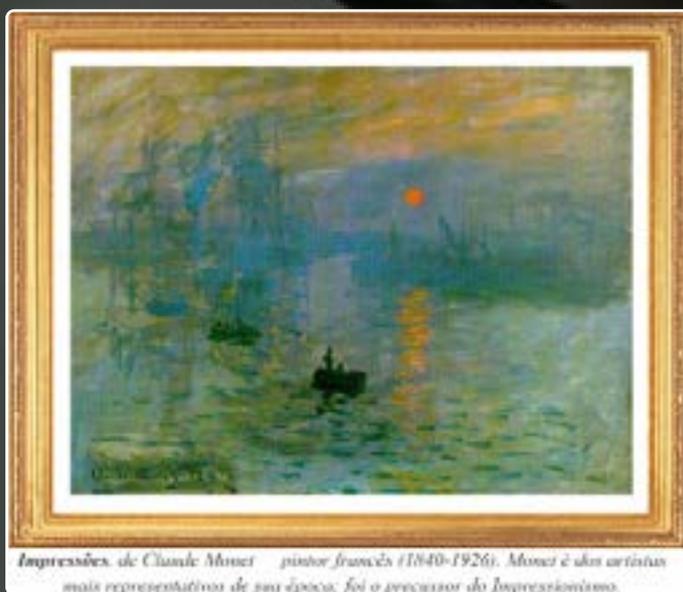
Essa harmonia que não se prende às regras tradicionais nos dá a sensação de fluidez. Em "La mer", não há uma melodia definida como a música dos períodos anteriores; tal como a água que toma um curso imprevisível, a massa sonora orquestral vai seguindo de maneira incomum, surpreendendo sempre, apenas sugerindo sensações.

Não apenas em "La mer" percebemos a fluidez e uma espécie de deslizamento sonoro — essa parece ser uma característica recorrente, na obra de Debussy. Tal característica é, talvez, justificada pela corrente impressionista, inaugurada na música por Debussy, mas nascida na pintura, com Claude Monet. Os "Claudes" (Monet e Debussy) são os precursores da corrente impressionista, a qual não pretende registrar a realidade, e sim as impressões que tal realidade provoca no artista.

O quadro de Claude Monet, intitulado de "Impression, soleil levant" ("Impressões, nascer do sol"), foi o responsável por nomear o estilo inovador na época, denominado de "Impressionismo".



É curioso o fato do quadro de Monet inaugurar o estilo com uma paisagem aquática, o mar é destacado, na tela de Monet. Ressalto, aqui, que Debussy parece ter a alma banhada por um constante fluxo de água... Há um córrego cristalino ecoando em sua música.



A ORQUESTRAÇÃO DE "LA MER":

Na orquestração de "La Mer", Debussy favorece o naipe dos sopros, em relação às cordas, e utiliza uma bela lista de instrumentos de sopro. São eles: duas flautas, um flautim, dois oboés, um corne inglês, dois clarinetes, quatro trompas, três trombetas, três fagotes, duas cornetas de pistão, três trombones e uma tuba. A orquestra se completa com o naipe de cordas (violinos, violas, violoncelos, contra-baixos, duas harpas) e alguns instrumentos percussivos (tímpanos, tambores baixo, tamtam, triângulo e glockenspiel).

A obra "La Mer" divide-se em três movimentos ou episódios:

1. De l'aube à midi sur la mer. (Da alvorada ao meio-dia no mar).
2. Jeux de Vagues. (Jogos sobre as ondas).
3. Dialogue du vent et de la mer (Diálogo do vento com o mar).

Muito embora Debussy não tenha intenção de exatamente descrever o mar, a escolha instrumental para a formação de sua orquestra implica uma impressionante massa sonora que nos passa um efeito bastante sugestivo, são ondas sonoras alusivas às ondas do mar...



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Vimos, portanto, o TEMA MAR recorrente em diferentes linguagens artísticas e, em se tratando da área musical, o tema perpassa os gêneros folclórico, popular e erudito. Por vezes, as linhas melódicas revelam nuances com intenções claramente alusivas, tra-zendo aproximações sonoras surpreendentes; outras vezes, o jogo e as relações de seme-lhança acontecem no ponto de vista verbal, descrevendo cenários e elementos próprios do mar.

Não importa a dinâmica estabelecida para o jogo artístico, a exuberância do mar é destacada em verso, em prosa, em narrativas pictóricas, além de outras vertentes que, neste breve artigo, não há espaço para mencionar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA :

1. ANDRADE, Mário de. Aspecto da Música Brasileira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica Ed, 1991.
2. Ensaio sobre a Música Brasileira. São Paulo: Martins Ed., 1962.
3. Dicionário Musical Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: MEC; São Paulo: Ed. da USP, 1989.
4. DRUMMOND, Elvira. A Tessitura Estética dos Brinquedos Cantados. Fortaleza: L. Miranda Editora, 2009.
5. FERNANDES, Gonçalves. O Folclore Mágico do Nordeste. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
6. KIEFER, Bruno. Elementos da Linguagem Musical. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1973.
7. SARAIVA, José Américo Bezerra. Como analisar a canção popular. In: COS-TA, Nelson Barros (Org.). Práticas Discursivas: exercícios analíticos. Campinas: Pontes, 2005.
8. TINHORÃO, José Ramos. História da Música Popular Brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1998.

INSTAGRAM



POST NO SITE





esnuda em Palavras

ERÓTICO



05



Tônia Lavínia



Escritora, mineira, natural de Sete Lagoas- MG, autora do livro erótico: “Deliciosamente Libertino”. No início de janeiro, lançou o seu primeiro livro da trilogia “Meu nome é Maximus”. Com quatro anos já despertava a paixão pelos livros, sonhava e imaginava as cenas quando a professora do jardim de infância lia livros de historinhas infantis.

Vamos falar de....



Olá, apreciadores de literatura erótica.

Feliz em fazer parte da Revista The Bard Internacional, e nesta nova edição, ainda falando de grandes autores do gênero, e suas singularidades, características e suas transformações ao longo da história, desde os primeiros escritos até os dias atuais, trago nesta coluna um pouco da vida do escritor Jorge Amado, um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos, sendo o autor mais adaptado para o cinema, teatro e televisão.

Minha convidada desta edição, é uma jovem escritora, que tem textos eróticos é faz parte do meio BDSM, cheios de romances, sedutores e excitantes, Lady Abadom.

O meio BDSM é um mundo vasto, conheci vários participantes fiz amizades, e em muitos momentos laboratório literário para os personagens dos meus romances. O meio também é muito sério, apesar de que muitos se aventuram adentrando a porta sem

estudar, buscar conhecimento, ou até mesmo sem saber se faz parte daquele mundo.

Nossa conversa foi muito agradável, pois Lady Abadom também me passou muito conhecimento no ano de 2020 com uma de minhas obras literárias: Deliciosamente Libertino. E devo dizer que a conheço pessoalmente assim como o restante da família que são de dominadores, domes, submissas, entre outros perfis desse mundo excitante.

Para mulheres com libido quente, que adora curtir o sexo na sua profundidade, trago esse delicioso momento que passei ao lado de Lady Abadom em uma entrevista frente a frente, isso, não foi por troca de e-mails e nem mensagens, fui uma entrevista pessoal.

E mais uma mulher na nossa coluna, que vem mostrar que o poder feminino, o excitar da pele da mulher, o desejo, não pode ser trancado ou envergonhado por medo do pecado ou julgamentos.

Oi! Eu sou a Tônia. Vem.



GRANDES AUTORES - JORGE AMADO

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Jorge Amado de Farias nasceu na fazenda Auricídia, em Ferradas, município de Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912. Seus pais João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, eram fazendeiros de Cacaú. Quando tinha menos de 1 ano, Jorge viu seu pai ser gravemente ferido por um jagunço, devido a disputa de terras na região.

Em janeiro de 1914 por causa de uma grande enchente do rio Cachoeira que acabou toda a plantação da fazenda, e por uma epidemia de varíola a família mudou-se para Ilhéus, onde Jorge passou parte da infância.

Com seis anos Jorge iniciou os seus estudos em uma escola, com 11 anos foi levado pelo seu pai para estudar no colégio Antônio Vieira, em Salvador, onde aprendeu o gosto pela leitura com o padre Cabral, que disse que Jorge seria escritor.

Aos 12 fugiu do internato e foi para Itaporanga, em Sergipe, onde morava o seu avó. Depois de seis meses, seu pai mandou buscá-lo e sem desejar voltar para a escola, Jorge foi plantar cacaú.

Depois de seis meses no meio do povo, tomou conhecimento da luta entre fazendeiros e exportadores de cacaú, que iria marcar fortemente sua obra de romancista.

De volta aos estudos, Jorge Amado ingressou no ginásio Ipiranga, outro internato, onde permaneceu até os 14 anos. Nessa época, publicou "POEMA ou Prosa", uma sátira aos poemas da época, na revista "A Luva".



Jorge Amado foi um escritor brasileiro, um dos maiores representantes da ficção regionalista que marcou o segundo tempo modernista. Sua obra é baseada na exposição e análise realista dos cenários rurais e urbanos da Bahia.

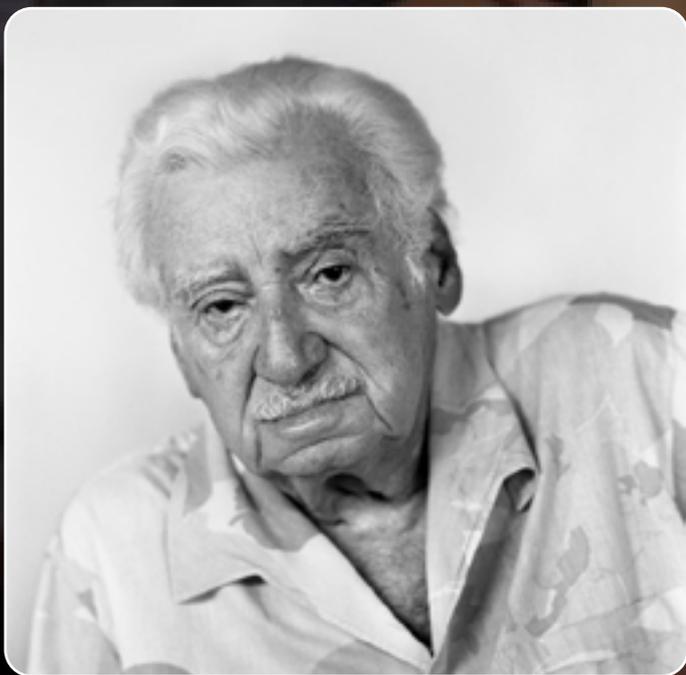
Traduzido para mais de 30 idiomas e detentor de inúmeros e importantes prêmios, o escritor teve vários de seus trabalhos adaptados para a televisão e o cinema, entre eles, "Dona Flor e Seus Dois Maridos" e "Gabriela Cravo e Canela".



Ainda com 14 anos, já fora do internato, continuou seus estudos e começou a trabalhar no “Diário da Bahia”, depois no jornal “O Imparcial”. Morando em um sobrado no Pelourinho vivia misturado com o povo da Bahia.

Em 1927, Jorge ligou-se à “Academia dos Rebeldes”, um grupo de jovens chefiado pelo o poeta panfletário Pinheiro Viegas que tinha como objetivo a renovação literária baiana.

Frequentador do candomblé, desde muito cedo, Jorge Amado tornou-se amigo de pais-de-santo, perseguidos pela polícia. Em seus livros “Jubiabá” e “Tenda dos milagres”, esses fatos são relatados.



PRIMEIROS ROMANCES

Em 1930, Jorge Amado mudou-se para o Rio de Janeiro e no seguinte ingressou na faculdade de Direito, mas pouco frequentou o curso e nunca foi buscar o diploma.

Seu primeiro romance O País do Carnaval publicado em 1932, narra a tentativa frustrada de um intelectual brasileiro, de formação europeia, de participar da vida política e cultural brasileira. Tendo fracassado regressou a Europa.

Em 1933, lançou o seu segundo livro, Cacau, que teve vários exemplares apreendidos, mas logo liberado com a ajuda de Osvaldo Aranha. Em 1936, Jorge foi preso junto com outros intelectuais, entre os quais Graciliano Ramos.

Foi redator chefe, no órgão literário Dom casmurro. Trabalhou em diretrizes com: Samuel Wainer, Rubem Braga, Carlos Prestes e outros intelectuais. E também bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro.

VIDA PESSOAL DE JORGE AMADO

Foi casado com Matilde Garcia Rosa com quem teve uma filha. Ao voltar para o Brasil se separa da sua primeira mulher, e casa-se pela segunda vez com a escritora Zélia Gattai, e com ela teve dois filhos.

Jorge Amado se dedicou totalmente a literatura, em 1955, sendo ocupante da cadeira 23, na Academia Brasileira de Letras, a partir de 1961.



Faleceu em 2001, com 89 anos, na capital baiana, Salvador. Seu velório foi realizado no palácio da aclamação. Foi cremado e suas cinzas foram colocadas ao pé de uma mangueira, em sua casa na Bahia. Deixou uma vasta obra literária, com aproximadamente 45 livros publicados dentre romances, poesias, contos, crônicas, peças de teatro, literatura infantil.

Ademais sua obra foi traduzida para 50 idiomas, sendo portanto, um escritor reconhecido mundialmente.

Jorge Amado, é o autor mais adaptado da televisão brasileira, uma vez que suas obras basearam novelas e minisséries, como “Dona Flor e seus Dois Maridos”, “Tieta do Agreste”, “Gabriela, Cravo e Canela”. Além disso, suas obras inspiram o teatro e o cinema. Sempre premiando a Bahia como cenário de suas narrativas, cativou o público. Aclamado nacional e internacionalmente, Jorge Amado conciliou realismo com lirismo poético, causas sociais e erotismo, trazendo consigo uma identificação com o povo brasileiro. Personagens de marinheiros, pescadores, artistas, operários, lavradores, prostitutas, coronéis e pais de santo são marcas registradas do autor. Foi eleito imortal da ABL, Academia Brasileira de Letras.

Depois de Paulo Coelho, a obra de Jorge Amado é a mais vendida no exterior.

FRASES DE JORGE AMADO

Não escrevi o meu livro pensando em ficar famoso escrevi pela necessidade de expressar o que sentia.

Não acredito que chegue um tempo em que a literatura seja relíquia do passado.

Não me sinto constrangido, pois não sou pornográfico nem obsceno, sou um escritor realista.

Fiz da minha vida e da minha obra uma coisa única, unidade do homem e do escritor.



POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

Faminta

Amanheci faminta, meu corpo tem sede, quero a pressão das suas mãos em todo ele, afundando os dedos nos meus quadris, quando de quatro o meu mundo se projeta nas paredes desse quarto e eu, me torno a vadia prostituída, a meretriz que queres ter, aquela que come os teus sentidos quando os foromônios exalam o meu perfume de fêmea faminta, animal, e dentro de mim os dias se tornam noites, e eu me acasalo com os seus movimentos cadenciados, fortes, com meus instintos aflorados me deixando ser a devassa do teu corpo, da tua carne, dos teus desejos.

Amo quando a tua boca invade a minha e quando descobre que sou receptiva e venerável a ti, me penetra com força, arrancando-me a calma, me deixando ardorosa, com uma febre vadia, e eu abro as pernas sem nenhuma vergonha, e é quando você desce por todo o meu corpo, e na viagem da tua boca, ganha o meu pescoço, chega aos meus ombros, e mais abaixo ganha de presente os meus seios rosados, demorando um pouco ali, onde cada bico entumecido reage, arrepiando até a minha alma.

E a invasão continua, descendo pelo o meu ventre que treme, suas leves mordidas e beijos me fazem suar, evaporando a minha pele, ganhando as minhas coxas, e a língua passeia e me invade em uma desesperada agonia, e você chega em minha virilha, e os tremores começam a desnortear a minha mente, desejando que você chegue mais e me invada, e sabendo disso você me tortura chegando aos meus pés, chupando os meus dedos, minhas mãos te seguram pelos os cabelos, como te guiassem e você vem, e novamente eu abro as minhas pernas, e te entrego tudo o que sou, é aqui que preciso de mais atenção, é aqui que tenho sede da tua boca.

E você vem, e é bem demorado... Bem demorado!

E quando você sente que vou desabar dentro da tua boca me olha, com aquele olhar de quem vai me derrotar, vai ser sacana!

E você vem, se afunda em mim, com pressa, comendo o centro fundo dos meus espaços, me fodendo o meu corpo sem juízo.

Meus gemidos te excitam, meus gritos roucos te deixam orgulhoso por ter a melhor das mulheres na tua cama....

Aquela que trepa vontades, que mete verdades, que copula indecências, aquela que sabe ser mulher.
A sua mulher!

Tônia Lavínia

POST NO SITE





BIOGRAFIA

Lady Abadom, switcher e fetichista.

Tenho 40 anos, sou mineira e estou a 15 anos no BDSM.

Foi um estilo de vida adotado por mim, por ver, saber e sentir que o comum não me completava,

Hoje tenho duas posses (submissos) encoleirados e um amontoado de escritos sobre erotismo e vivência real dentro do BDSM.

Atualmente me encontro afastada das redes sociais por motivos pessoais, mas nunca fora do maravilhoso mundo azul, como comumente é chamado pelos adeptos o BDSM.

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD Desde que idade você escreve?

LADY ABADOM Na verdade comecei a escrever com outro gênero, o erotismo escrevo a uns 13 anos.

2

REVISTA THE BARD Como surgiu o desejo de escrever Literatura erótica?

LADY ABADOM Acredito que foram minhas vivências que despertaram em mim o desejo de escrever sobre erotismo.

3

REVISTA THE BARD Quais são os seus escritores favoritos na literatura erótica ou fora dela?

LADY ABADOM Não tenho um escritor específico.

4

REVISTA THE BARD Você acha que a literatura erótica liberta a mulher para realizar os seus desejos mais secretos?

LADY ABADOM A literalmente erótica desperta a imaginação, aquela parte adormecida que em muitos, desperta sim fantasias sim, mas a liberdade se dá através do autoconhecimento.



5

REVISTA THE BARD Qual a sua posição no meio BDSM?

LADY ABADOM sou switcher (domino e por vezes sou dominada) fetichista (vivo livremente meus desejos).

6

REVISTA THE BARD você escreve sobre suas vivências dentro deste mundo?

LADY ABADOM Sim, meus textos tem muito da minha vivência, claro que de uma forma mais sutil, literária.

7

REVISTA THE BARD Como é viver o sexo tão intensamente, e sentir desejo de escrever após uma sessão? E o que você sente enquanto escreve?

LADY ABADOM Eu brinco que não vivo o sexo, eu sou o sexo (risos)
Quando aprendemos a nos libertar de padrões e regras impostos pela sociedade, que quase em sua maioria é hipócrita, nos sentimos livres pra viver tudo que nos transborda.

8

REVISTA THE BARD Como é ser dominada? O que realmente é a dominação teórica na pratica.

LADY ABADOM Uma mulher ou homem que se permite viver uma real dominação, encontra em si, sua verdadeira essência.
A dominação teórica é muito do que se diz por aí, dominação sem vivência, a prática é quase indescritível.

9

REVISTA THE BARD Como é o sexo nas sessões?

LADY ABADOM Bom, em sessões pode ou não haver o ato sexual, isso depende muito do que foi acordado entre as partes, tudo é consensual

10

REVISTA THE BARD Você tem alguma influência de algum escritor para escrever na literatura erótica?

LADY ABADOM Só fui conhecer a literatura erótica alguns anos depois de eu assumir meu estilo de vida, não fui influenciada por nenhum autor.

11

REVISTA THE BARD Você acha que erotismo e pornografia é a mesma coisa?

LADY ABADOM Longe disso, o erotismo aguça os sentidos e desperta desejos talvez nem conhecidos ainda, é viciante. A pornografia por sua vez, no meu olhar é apenas um nú sem mistério.

12

REVISTA THE BARD Lady Abadom, nós da The Bard Internacional, agradecemos a sua linda participação, me sinto honrada de ter o seu trabalho maravilhoso nesse nosso espaço tão especial, principalmente por ser uma mulher do meio BDSM que também escreve literatura erótica. Sabemos que as mulheres que se aventuram nesse nicho são admiráveis, principalmente por se arrisarem na provocação dos desejos intensos e sexuais, e na maioria das vezes além de encarar uma sociedade cheia de padrões, preconceituosos. Por isso esperamos outras escritoras para nos brilhantarem com a presença delas na nossa coluna erótica *Desnuda em Palavras*, sendo influenciadas por você.

Você tem algo a mais a acrescentar aos leitores da Revista The Bard Internacional sobre os teus escritos e o erotismo?

LADY ABADOM Deixo aos leitores apenas uma frase: “Não existe ato de maior liberdade, do que dar a mim mesma permissão para ser quem Eu Realmente Sou”

TEXTOS ERÓTICOS - LADY ABADOM

I

Ele estava ali, na minha frente, a pele bronzeada pelo sol e eu só tinha um desejo naquele momento, estar em seus braços.

Aproximei-me e suas mãos envolveram minha cintura pressionando meu corpo contra o seu, forçando meus lábios a tocarem os dele, beijamo-nos ardentemente, um beijo viciante, que só me fez desejar cada vez mais sua língua ávida na minha.

Ele começou explorando cada canto do meu corpo, enquanto eu me mantinha de pé diante dele, foi descendo pouco a pouco, beijando lentamente, mapeando cada pedaço de mim. Ao encontrar meus seios pude notar sua ânsia em tê-los em sua boca, com a língua fazia círculos nos mamilos e deliciosa-

mente sugava com voracidade enquanto os apertava em suas mãos. Eu sentia o arrepio da minha pele enquanto suas mãos deslizavam pelas minhas costas, o som ofegante da minha respiração, o fazia me olhar com mais intensidade, com uma fome animal nos olhos.

Eu senti meu corpo inteiro arder quando suas mãos deslizaram para minha bunda e senti um forte estalo, o que fez com que eu soltasse um gemido de agrado e prazer, e dele veio um sorriso malicioso e tão profundo que me gelou a espinha. Ouvei sua voz dizer..... Agora sim.

Eu hesitei.

Mas não dava mais pra recuar, eu estava ex-



posta para ele... Então com uma malícia indescritível nos olhos ele me conduziu até a cama afastou minhas pernas, eu me apoiei em meus cotovelos e ele começou a beijar desde as pontas dos meus pés, as pernas, até chegar ao interior da minha coxa, malicioso brincando com a língua em volta do meu íntimo pois queria ouvir aquela melodia que saía da minha boca....

Não aguentando mais a intensidade de tudo que sentia, eu pedi, quase que implorando por ele, E não resistindo mais ele se afogou no meu desejo, com um dos dedos tocou meu íntimo para me sentir, meu coração estava aos pulos eu estava totalmente molhada e toda entregue a ele.

Sua boca me sugava, eu tinha a impressão de que queria entrar em mim tamanha a fúria do seu desejo, sua língua acariciava meu clitóris, saboreando o seu gosto, o prazer se tornou mais intenso e eu queria mais forte e mais rápido, os meus gemidos aumentavam, e o seu prazer invadia minha alma, eu implorava por mais e sem hesitar disse-me que me daria.

Eu senti meu corpo ardendo em contrações alucinadas, balbuciei palavras sem sentido enquanto me contorcia, sentindo meu corpo estremecer dominada pelo prazer de um orgasmo intenso e profundo.

Ainda trêmula ele me segurou firme os braços, me olhou com uma luxúria indescritível nos olhos e me disse com voz firme e decidida.

— Entenda, você é minha, me pertence e nunca mais será de ninguém.

Então se levantou caminhou em direção a porta abotoando a camisa amassada, me sorriu antes de sair e fecha- lá atrás de si, então acordei...

II

Nossos olhares se cruzam e sinto aquela familiar fome invadir meu íntimo....

Sua aproximação me faz suspirar, te olhando desafiadora te lanço um sorriso cheio de intenções.

Você me olha, me segurando forte, posso ver em seus olhos toda luxúria que alimenta minha alma.

Me segurando por trás, as mãos apertando meus seios, os bicos pressionados em seus dedos e sua voz carregada de obscenidades e perversão despertando em mim toda devassidão que me consome.

Com mãos firmes e boca precisa você me faz derramar em seus lábios o mais puro néctar, ainda me contorcendo de prazer, eu resisto. Quero mais, quero o cheiro, o gosto do teu sexo, quero toda a rigidez que me atravessa a garganta arrancando de você gemidos e leves tremores,

Meu sorriso malicioso, desperta ainda mais em você o desejo por controle, você segura forte meus cabelos, me olhando com um desejo animal, implacável...

— Eu sei o que você quer. Te desfilo a me doar se for capaz.

Você sorri, sedento por prazer e controle, me invade, me preenche todos os espaços com seu membro inacreditavelmente duro e pulsante, pra te provocar, eu recuo e me entrego quando bem quero. E nessa disputa, por horas a nos desafiar, nos permitimos as mais intensas sensações, indescritíveis luxúrias e prazer, nosso jogo de depravação nos fez entender que para nós nunca haverá um GAME OVER.

TEXTO DE LADY ABADOM

POST NO SITE



Clique aqui para assistir



TEXTO DE TÔNIA LAVÍNIA



Clique aqui para assistir

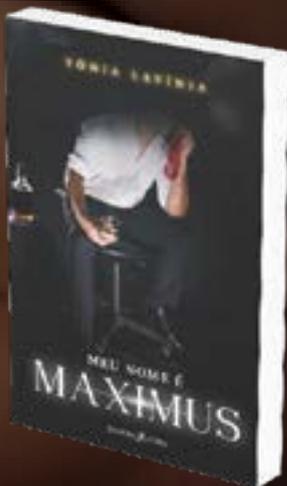


COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

INSTAGRAM



PROSA



Marina Alexiou

Poeta, Escritora e Prosadora

CARTA PARA UM COMBATENTE UCRANIANO

Por favor, não vá sem levar o nosso retrato
Não vá sem levar o seu sorriso
Não vá sem levar o seu coração,
que é tão grande quanto a nossa história

E que caminhará junto com você...

Não se esqueça de ouvir as nossas vozes. Todas elas.
Elas vão lhe avisar dos perigos
Vão lhe dar asas para tornar mais leve esse fardo

E cantar as canções da vitória gloriosa que há de vir...

Enquanto isso, atente para lembrar do que faz alguém humano:
liberdade; fraternidade; o apreço pelo outro; o respeito pelos ancestrais;
a coragem; a honra; o amor...

PROSA

Vá cumprir o seu dever
Que é amargo, mas que, sem ele
as crianças terão apenas um conjunto de memórias tristes para recordar

Nós o acompanharemos desde dentro do seu coração
Ouviremos as suas lágrimas e consolaremos a sua dor

Somos aqueles que viveram antes, mas que nunca foram embora
Continuaremos aqui, lutando, nos caminhos do sangue em suas veias
amando a nossa terra, mais do que nunca...

LINKEDIN

POST NO SITE



ARTIGO



Carlos Batista

Escritor

A ARTE E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O presente artigo visa esclarecer brevemente as concepções sobre a Arte e a Inteligência Artificial, exemplificando os seus conceitos e desdobramentos em torno de suas possíveis coexistências, ao final exemplifica-se novas projeções sobre suas práticas.

O que vem a ser Arte?

O conceito de arte é vasto, experimenta e vivencia modificações ao longo dos tempos, perpassa por manifestações estéticas, envolvendo diferentes tipos de comunicações e expressividades culturais traduzindo modos, causas e meios de pessoas e grupos em suas vivências societárias (NEVES, 2023). Entende-se que o desenvolvimento e o caráter artístico fazem desse formato essencialmente humano e social, ao menos até o final do século XX.

A origem do termo Arte remonta da palavra latina definida como “ars” que traduzida para o português significa ofício, ou seja, habilidades desenvolvidas por pessoas (NEVES, 2023).

Sobre o prisma filosófico e social pode ser atribuída à arte três sentidos (NEVES, 2023), no primeiro observa-se o foco da representação de uma expressividade, de um formato, este processo pode ser contínuo ou por períodos específicos, sua característica é o sincronismo de imitações e/ou simplesmente cópias, sejam da natureza, de práticas sociais ou mesmo evocando conceitos políticos, grafocêntricos, religiosos, dentre tantos outros.

O segundo sentido é a arte como expressão, com o cunho predominantemente subjetivo, portanto muito mais emocional que racional, uma arte que visa a conexão direta com o expectador que a visualiza, que a “consome”, permitindo múltiplas reflexões e conseqüentemente novas emoções.

O terceiro e último sentido é a arte voltada à forma, nessa vertente existe a provocação e reflexão de sentimentos, porém também o senso estético, as chamadas “qualidades formais”, destacando-se o tipo de unidade do objeto artístico, sua harmonia, ritmo e equilíbrio. As qualidades juntas ou separadas possibilitam o formato final da obra de arte, a tornando mais ou menos abstrata e realista.

Como plano de fundo contempla-se a sociedade que a recebe e suas instituições participantes e formadoras que inevitavelmente determinam e influenciam qualquer criação e apresentação artística.

Neves (2023, p. 2) afirma que: “Podemos observar um círculo vicioso [...] obras de arte são definidas por pessoas que fazem parte do universo da arte; estas pessoas [...] são definidas por determinarem quais objetos podem ser classificados como obras”. A alegação retrata, da mesma forma, o ambiente tecnológico que a arte, seja considerada uma representação, expressão ou forma se comporta, mais ainda como é observada e consentida.

Inteligência artificial gerada pelo homem

Em um outro campo se desenvolve a tecnologia digital e a partir da segunda metade do século XX apresenta-se como fruto proeminente a inteligência artificial, traduzida como um sistema não humano de obtenção, análise e reflexão de dados, com base nos próprios raciocínios dos indivíduos. Prima-se neste novo sistema por resultados e a margem para a inovação é calculada basicamente pelas mesmas fórmulas matemáticas que o sustentam denominadas como algoritmos (BURNS; LASKOWSKI;

TUCCI; LAWTON, 2023).

A etimologia (estudo da origem) da palavra inteligência advém do latim composta pelas partes: “inter”, entendida como o entrar e “legere” entendida como a escolha, ou seja, se considera inteligência a capacidade de resolver problemas, escolher melhores resoluções e realizar tarefas de formas variadas (SILVA; VANDERLINDE, 2012).

Arte e Inteligência artificial são áreas aparentemente opostas, pois em uma objetiva-se manifestações artísticas espontâneas e em outra a racionalidade artificial de uma forma de pensar. Na contemporaneidade, entretanto, se comunam e com isso produzem novos resultados, uma vez que suas práticas inevitavelmente são interseccionadas.

O que existe no porvir

O período societário digital atual estimula costumes eletrônicos e dentre eles o uso praticamente irrestrito da inteligência artificial em diferentes espaços. A arte com suas múltiplas construções e estilos é um dos casos. Porém, percebe-se uma possível intimidação na esfera artística (OLIVEIRA, 2023) no sentido que tanto o produto final como o seu processo inventivo não podem sustentar recursos totalmente eletrônicos.

Quando se segue a lógica computacional a tendência é que o não humano, o artificial, busque semelhança com o seu criador, não necessariamente por competição, mas porque foi instruído a evoluir dessa forma, superando quaisquer obstáculos de forma contínua.

Da mesma forma, reforça-se a arte nesse campo, galgada em expressividades e movimentos criativos que podem ser “simulados” em níveis cada vez mais reais à percepção humana (OLIVEIRA, 2023).

A despeito de todos esses embates a maior “ameaça”, conclui-se, é o uso indiscriminado de recursos de inteligência artificial não somente como uma ferramenta de apoio artístico, mas como um instrumento para exposição do produto final, tomando o lugar do seu criador: o artista.

A coletividade deve estar preparada para esses possíveis impactos e suas consequências estilísticas, projetando novos meios de regulação e fiscalização para coibir prováveis práticas de adulteração e plágio, zelando mais uma vez, pela integridade das obras.

O futuro, dessarte, é entendido por uma convergência irredutível entre essas (novas) técnicas, regulações e produções.

Referências

BURNS, Ed; LASKOWSKI, Nicole; TUCCI, Linda; LAWTON, George, *artificial intelligence (AI)*. Enterprise AI. July, 2023. Disponível em: <https://www.techtarget.com/searchenterpriseai/definition/AI-Artificial-Intelligence>. Acesso em: 12 ago. 2023.

NEVES, Vagner. *O que é arte? A definição e os diferentes tipos*. Arte-ref. Notícias em arte contemporânea. Fevereiro 16, 2023. Disponível em: <https://arteref.com/arte/o-que-e-arte/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OLIVEIRA, Ruam. *Inteligência artificial já recria e faz obras de arte, e os artistas nisso? Inteligência Artificial*. Tilt. 01/08/2023 04h00Atualizada em 01/08/2023 12h51. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2023/08/01/inteligencia-artificial-recria-e-faz-obra-de-arte-moca-com-brinco-de-perola.htm>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SILVA, Brigiane Machado da; VANDERLINDE, Marcos. *Inteligência Artificial, aprendizado de máquina*. Centro de Educação Superior do Alto Vale do Itajaí. UDESC – ALTO VALE. 2012. Disponível em: https://www.ceavi.udesc.br/arquivos/id_submenu/387/brigiane_machado_da_silva_marcos_vanderlinde.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

FACEBOOK



POST NO SITE



ARTIGO



David Ehrlich

Escritor

A ERA DA INTELICÊNCIA

Vivemos uma era em que há cada vez mais informação no mundo, e no meio digital isso é convertido em uma imensa quantidade de dados, mais do que seres humanos são capazes de processar. É aí que entra a inteligência artificial (IA), que assume cada vez mais tarefas cotidianas, desde responder a perguntas de clientes nas redes sociais até sugerir rotas de trânsito. E, conforme computadores realizam automaticamente mais e mais funções, a IA começa a fazer parte inclusive da educação e política ao redor do globo, principalmente em debates a respeito de regulamentações em cima de máquinas que se tornam cada vez mais sofisticadas

É um avanço constante e acelerado, e que gera as mais diversas previsões, desde aqueles que acreditam que a IA possibilitará que nos dediquemos apenas àquilo que queremos, até os que alertam para a extinção da humanidade por máquinas que nos verão como dispensáveis. Tais especulações utópicas ou apocalípticas, porém, acabam por abafar discussões importantes a respeito da inteligência artificial disponível agora.

Uma dessas discussões é a respeito da chamada IA generativa, capaz de criar os mais diversos conteúdos apenas com alguns comandos, sejam artigos científicos, poemas, pinturas, sinfonias, projetos arquitetônicos e até filmes inteiros. E isso está causando uma verdadeira revolução na arte, que desde as primeiras pinturas em cavernas é gerada unicamente pela criatividade humana.

Arte criada através de IA não é nenhuma novidade: desde meados do século passado, quando os primeiros estudos sobre computação foram feitos, artistas têm usado ela para criar novas obras. Até agora, porém, computadores têm sido apenas ferramentas, substituindo pincéis ou instrumentos musicais. O que agora mudou é o surgimento de ferramentas capazes de gerar obras de arte únicas por meio de IA, e a ampla disponibilidade pública delas. Uma das primeiras delas foi o Dall-E 2, lançado em 2022 pela empresa de pesquisa Open AI. Digitando apenas uma breve descrição da imagem desejada, momentos depois a ferramenta gera para você uma representação bastante precisa do que lhe foi pedido, desde o Elmo da Vila Sésamo pintado no estilo de Monet até Voldemort tomando suco de uva.

Após o lançamento do Dall-E 2, rapidamente outros programas e aplicativos foram criados para rivalizar com ele, como o Midjourney, o NightCafe Creator, o Stable Diffusion, entre outros, cada um com seu próprio método para gerar arte. Uns transformam linhas de texto em imagens às vezes hiper-realistas, enquanto outros são capazes de transformar automaticamente fotos em pinturas dos mais variados estilos. De uma forma ou de outra, porém, os limites de como a arte é feita estão sendo alargados, e quanto mais artistas utilizam essas ferramentas de IA, mais inevitavelmente acabam por alimentá-las com dados novos, treinando-as de forma a imitarem o pensamento criativo humano e gerarem obras cada vez mais únicas.

Há uma grande massa que se mostra empolgada com o florescimento dessa arte criada por IA. Ao longo do último ano, a exposição Ebrah k'dabri, na galeria Sprüth Magers, exibiu uma série de pinturas geradas por meio de algoritmos pelo artista canadense Jon Rafman; o centro de artes londrino Somerset House organizou uma residência artística voltada especificamente para projetos artísticos relacionados à IA; o Instituto Alan Turing criou um grupo de interesse multidisciplinar com o propósito de discutir a IA nas artes e promover colaborações entre acadêmicos, artistas e outras partes interessadas; e ao redor do mundo, diversos curadores de arte começam a organizar obras de IA que já possam ser consideradas historicamente significativas.

Na mesma medida que há aqueles que batem palmas para as IAs generativas, porém, há também aqueles que reclamam delas. O conhecido artista conceitual R. J. Palmer admitiu publicamente seu desconforto ao testemunhar o fotorrealismo das obras criadas através do Dall-E 2, e Kevin Kelly, editor da revista Wired, também já expressou que se preocupa com a IA poder agora “fazer arte melhor que a maioria dos humanos”.

Talvez o principal debate a esse respeito tenha começado após a Feira Estadual do Colorado de 2022. Anualmente, a feira realiza um concurso de arte em que são entregues prêmios nas categorias de pintura, escultura e quilting (estilo de costura). Nesse ano, porém, o prêmio de pintura não foi para qualquer quadro pintado com pincel, mas sim para a imagem Théâtre D'opéra Spatial, gerada pelo participante Jason M. Allen por meio do programa Midjourney. A premiação gerou grande repercussão nas redes sociais, com muitos reagindo amargamente e interpretando o caso como uma “morte” do artista.

Diversos escritores, cineastas, músicos e outros profissionais criativos, ao invés de verem essas ferramentas como potencializadoras de suas próprias imaginações, as veem como ameaças que futuramente os deixarão sem trabalho, e questionam a ética por trás de seu uso. Há inclusive um forte debate quanto a se obras criadas por meio de IA podem ser de fato consideradas como arte.

Então, onde que isso nos deixa? Como a inteligência artificial impactará o trabalho dos artistas? Nos cenários mais positivos, conforme ela se torna mais parecida com a inteligência humana, providenciará a profissionais criativos um colaborador sempre pronto para ajuda-los. Nos cenários mais negativos, porém, A inteligência artificial se tornará poderosa demais para ser controlada, e para se proteger reduzirá os artistas que a utilizam a meros propagandistas, gerando um fluxo interminável de obras que têm por único objetivo não questionar sua dominância.

FACEBOOK



POST NO SITE



Texto



Marina Alexiou

Escritora

SOMBRA COMO METÁFORA DA MEIA-LUZ DO OUTONO

Primeira parte

Tudo começou em tempos remotos.

Remotos o suficiente para manterem obscurecidos aspectos das ações contidas em tantos relatos, mitos, histórias e alegorias. Mas, que, mesmo sob um plano subterrâneo, conservam a sua voz, seus protagonistas e efeitos que reverberam no tempo.

Todavia, como seria esse relato?

Poderíamos iniciar falando sobre o longo caminho que leva àquela que foi “feita de nuvens”, a bela Helena. Na verdade, um simulacro, uma sombra daquela original que se quedou no Egito, não tendo presenciado, portanto, a cruenta guerra feita em seu nome.

Antes, porém, seria importante refletir sobre os muitos aspectos, significados e nuances da (palavra) sombra. Como, por exemplo: ilusão; espectro; simulacro; engano; ausência; duplo; subterrâneo; fantasmagórico; véu; efêmero; cópia; invisível; indistinto.

Que subsistem nesse intrincado trajeto onde tantas histórias se entrelaçam no laço primordial da fatalidade (atê) que a tudo e todos amarra e determina, sem perdão.

Sejam deuses, semi-deuses, ou humanos seres. Conforme Roberto Calasso, “...cada ato do mito acontece em uma história divergente que se reflete em outras, que nos tocam como pedaços do mesmo tecido”

Segunda parte

As sombras são seres de contornos indefinidos. Podem conter muitas formas. Entes de presença indetectável, como algo de ausência presente. Seu reflexo induz a esconder a magia da luz. A contar a história do mito através do seu contrário. Do seu duplo aspecto.

Roberto Calasso lembra que “para cada mito narrado, há um mito não narrado e inominado que lhe acena da sombra e que aflora em ilusões, fragmentos, coincidências...”

O corpo despedaçado de Osiris por Seth é recomposto, menos o falo, que terá um simulacro de madeira feito por Ísis, para poder trazê-lo de volta.

O Nilo é fértil como fértil era o falo de Osiris. Mas o verdadeiro se perdeu. Reina a cópia. A ilusão. O engano. Como reinaram SEMPRE, desde os tempos da primeira geração divina:

“No perpétuo banquete olímpico, um pai e um filho olhavam-se, e entre os dois cintilava, invisível a todos, mas não a eles, a foice dentada com que Cronos cortara os testículos de Ouranos”.

A presença daquilo que não é mais na sua inteireza e materialidade continua viva através de uma outra face reconstituída pelo espectro que “acena da sombra” e renova a história e o arquétipo uma vez mais.

Há que se seguir em frente....

LINKEDIN



POST NO SITE



Texto



Thiesca de Oliveira

Escritora

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Como analisarmos o aprendizado
dos nossos antepassados
com o aprendizado dos dias atuais?

Evolução ou Invasão

Até que ponto o mundo virtual

influe em nosso cotidiano

sem interferir em nossa personalidade?

Será que a arte medieval onde os grandes

pintores,poetas , escritores e cientistas que conquistaram o mundo teriam feito
mais sucesso com seus inventos e suas criações nos dias de hoje com o uso tecno
logico?

Será que as crianças de "ontem" onde uma caixa de fósforo e um fio americano era o
seu telefone e o carrinho de lata com rodas de pneu

era o seu veiculo, eram mais criativas que as dos dias atuais?

Será que um mundo onde os homens são pessoas e não números construiriam um

planeta mais sustentável e melhor?

Inúmeras perguntas, para infinitas respostas

Inteligência Artificial

Oportunidade de avanço ou

avanço oportuno?

Máquinas programadas para trabalhar e para pensar

quase que perfeitas, mas que nunca chegarão a perfeição! que a cada dia estão mais perto de substituírem o homem ,mas que nunca deixarão de ser máquinas...

Sua função: levar a humanidade ao topo máximo da tecnologia!

Seu falho: Por mais inteligente que seja a IA

sempre dependerá do seu criador para funcionar!

Por enquanto, isso é fato.

FACEBOOK



POST NO SITE





REVISTA
THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Americana – São Paulo
Diretora da Equipe de Marketing



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Florianópolis – Santa Catarina
Redator de Marketing



MIA KODA
Escritora
Penápolis - São Paulo
Redatora Digital



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
São Luiz – Maranhão
Divulgadora



ANDRÉ FERREIRA
Escritor
Teófilo Otoni – Minas Gerais
Divulgador



NICE VELOSO
Escritora
Salvador – Bahia
Divulgadora



LARISSA RESENDE
Escritora
Juiz de fora - Minas Gerais
Divulgadora



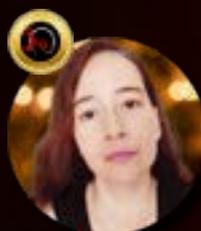
LUCÉLIA SANTOS
Poetisa
Brumado – Bahia
Divulgadora



MARIA HADDAD
Poetisa
Ottawa – Canadá
Divulgadora



CARLA GARCIA
Escritora/Poetisa
Belo Horizonte - Minas Gerais
Divulgadora



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Rio de Janeiro - RJ
Divulgadora



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





THE BARD
POESIA, ARTES E MÚSICA



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
João Pessoa - Paraíba
Coordenadora



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Buriti Bravo - Maranhão
Revisora



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
São Paulo - São Paulo
Revisora



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Mogi das Cruzes - São Paulo
Pesquisadora



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Tauá - Ceará
Pesquisadora



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



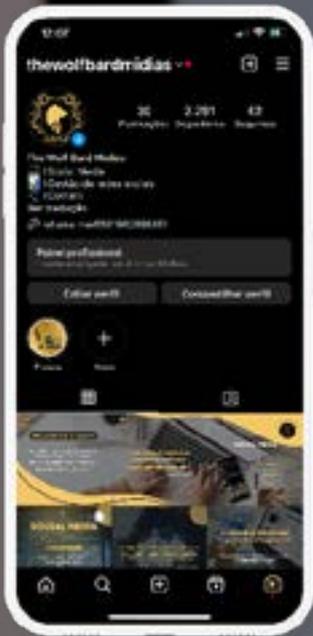
VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital. Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagem semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links. *



INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



Orgulho de ser Referência em cuidados aos seus clientes

Oferecemos os melhores cuidados
de saúde para você e sua família



**DROGARIA
ATALAIA**



Sobre

Situada a quase 20 anos em Justinópolis, a 10 minutos de Belo Horizonte, a Drogaria Atalaia é um estabelecimento completo de saúde e bem estar. Com amplo estoque e variedade em medicamentos industrializados, manipulados, fitoterápicos, suplementos, perfumaria e bomboniere.

Horário de Funcionamento

Segunda a Sábado das 08:00 às 21:00 horas
Domingo e Feriados das 08:00 às 13:00 horas

Seus Especiais Serviços

- Aferição de Pressão Arterial
- Aferição de Glicemia Capilar
- Aferição de Temperatura Corporal
- Perfuração de Lóbulo Auricular e
- Aplicação de Injetáveis.

DELIVERY



31 3638-9909
31 3077-6474



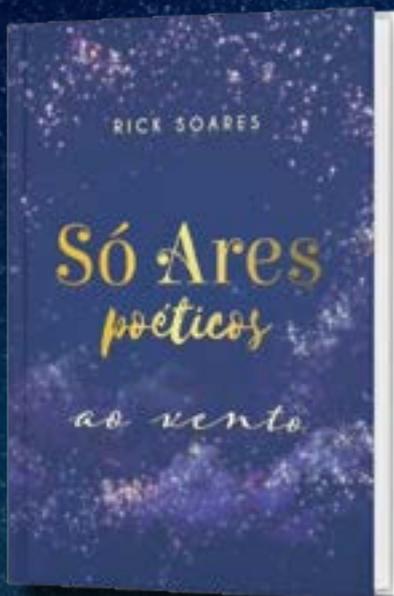
Rua: Conde de Monte Cristo,
nº 13, Bairro Flamengo -
Município de Justinópolis,
Ribeirão das Neves - MG.



Escritor

Rick Soares

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Só Ares Poéticos — ao vento traz uma coletânea de poemas independentes entre si e que refletem momentos e sentimentos, sobretudo o amor, a paixão, a saudade e desilusão.

Ao ler cada um deles, cabe a você, leitor, decidir que sentimentos aflorarão na sua mente, pois, como já disse o poeta Saulo Pessato: “A poesia é esperta: Diz muito mais do leitor do que do poeta”.
Sejam bem-vindos à essa mini jornada!
Desejo a vocês só ares poéticos.

Clique aqui



Escritora

Cacá Matos

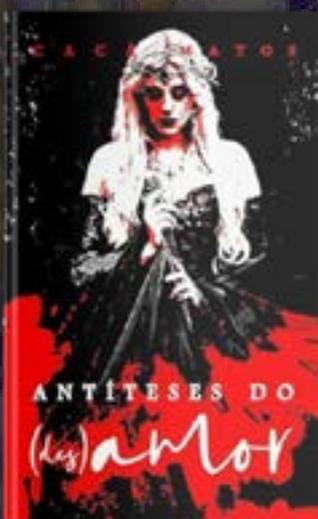
**Acesse os links
clikando no botão verde**



Esse livro nasceu da vontade de transformar toda minha timidez em versos e rimas, de colocar na folha todo sentimento reprimido e guardado, de passar para os leitores um pouco do meu universo poético.

Com a criatividade e inspiração ao meu lado, 1.001 sentimentos, 100 emoções é o meu nascimento no mundo literário, o começo onde exploro minha imaginação através de estrofes de amor, tristeza, gratidão, frustração entre outros vários sentimentos.

Com Carlos Drummond de Andrade como inspiração, meu desejo de escrever nasceu após ler algumas de suas antologias poéticas e encantada com o estilo de escrita, a beleza das poesias, rimas e estrofes, eu pensei então: Por que não escrever a minha própria poesia?



O segundo livro surgiu da ideia de unir minha essência na escrita principal: A antítese poética, uma contradição sentimental e emocional, os estados extremos de um ser humano.

Essa obra traz sentimentos bem definidos pelo eu lírico: O amor e a dor, o personagem apaixonado, que inspira romance em seus versos e rimas e o outro que derrama no papel as lágrimas poéticas de seu estado sombrio de solidão e desespero.



Diário da poetisa sentimental são mais relatos de uma garota que não se cansa de se expressar. Que busca sempre viver e sentir novas coisas e que não cabe apenas contar, mas principalmente escrever.

Às vezes as palavras são insuficientes, mas passar o que se vive para o papel é e sempre foi uma forma de me enxergar e transbordar em versos tudo aquilo que não me cabe em corpo e mente.

Há muito para ser sentido e vivido e sempre tive a poesia como grande amiga. Paro, penso e reflito e posso viajar no que leio e absorvo. Muitas vezes me calo ao invés de falar, às vezes por timidez, outras por preferir desabafar apenas no papel. Mas uma coisa é certa: Sinto muito e transbordo para o caderno. A vida pode ser arte e sentimentos são muito complexos para se perderem no ar ou numa fala exasperada. Guardo, rascunho e escrevo. Vivo e respire poesia. Tudo é poesia e até a dor pode ser bonita.

Esse é o diário da poetisa sentimental, romântica incorrigível e sonhadora com os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Enquanto o coração não para, as poesias falam. E há muito para ser sentido e escrito...

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br





Escritora

Mia Koda

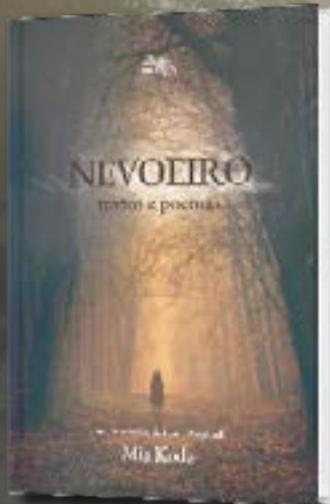
Acesse o link
clicando no **botão verde**



O livro propõe o entendimento das causas do Transtorno de Pânico, sobre uma perspectiva psicanalítica. Um pequeno manual que pode e deve ser lido por aqueles que sofrem com crises de pânico e seus familiares, assim como, estudiosos, psicoterapeutas, profissionais da saúde e todos que desejarem saber mais sobre esse transtorno de ansiedade que acomete grande parte da população.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

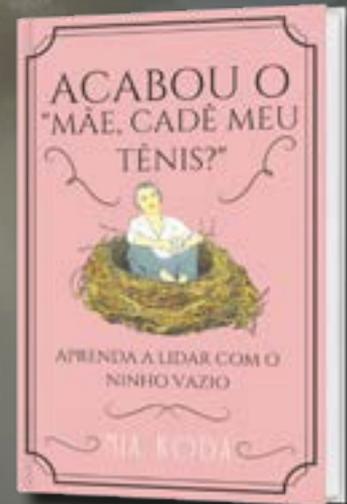


O livro "Nevoeiro" traz 51 textos e poemas sobre a jornada da vida, numa reflexão poética e autobiográfica sobre fé, traumas, escolhas e consequências.

São histórias que compõe a trajetória de uma vida, onde o viajante deve aprender a superar as dores da caminhada e apreciar as belas paisagens. A autora narra suas próprias experiências, ora dando voz aos silenciados e ora conversando com aqueles que já não podem mais dialogar.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo?

Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações.

Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe.

A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clikando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

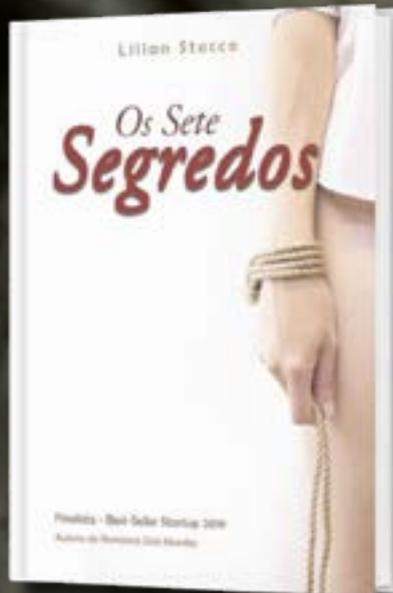
Clique aqui



Escritora

Lilian Stocco

Acesse o link
clicando no **botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração. Perdida, ela se depara com um apoio inesperado, o qual vira seu mundo, aparentemente estável, de pernas para o ar. Enquanto seus impulsos a levam cada vez mais fundo nessa trama, capaz de envolvê-la física e emocionalmente, Mauro, seu inesperado par romântico, lhe apresenta um novo e secreto universo de prazer. Mas as cordas do destino subitamente insistem em apertar seu pescoço, sufocando-a em suas angústias. Laís precisará descobrir a força e a confiança que não sabia que existiam dentro de si se quiser viver esse novo amor e livrar-se de um passado sombrio que insiste em engoli-la lentamente.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos. A parte final da saga vai levar todos aos seus limites e, mais do que nunca, a cumplicidade de Laís, Mauro e seus amigos pode ser a diferença entre a sonhada felicidade e uma tragédia absoluta. Uma história emocionante de conquistas, jogos, segredos, sexo e romantismo que irá te enlouquecer.

Versão Física

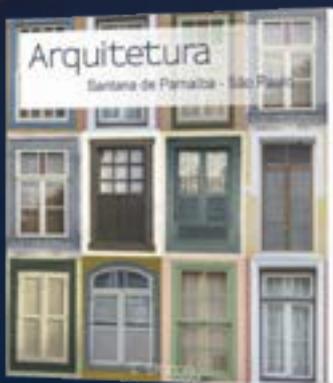
Clique aqui

amazon.com.br

Escritora

Lilian Stocco

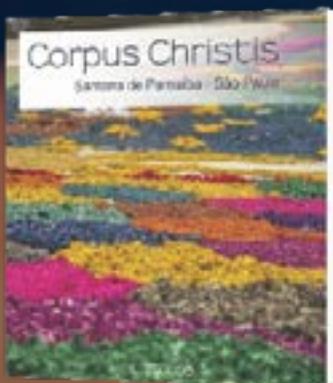
**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

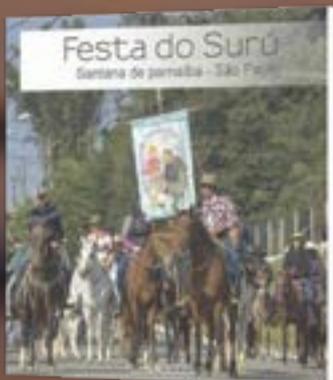
Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.

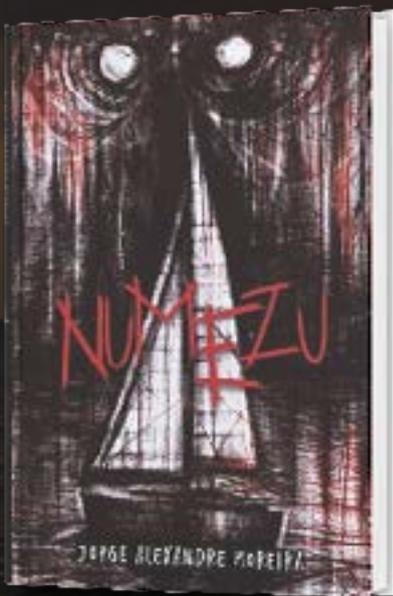


Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clicando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sonho, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br

*Escritora**Vanina Sigríst*

Acesse o link
clicando no botão verde



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

[Clique aqui](#)



Escritora

Ana Márcia

**Acesse o link
clikando no botão verde**



Nesta ficção, ao ser desafiada por uma tarefa escolar, Patrícia descobre que é possível mudar a si e aos que estão ao seu redor pela força da sua vontade. Em meio às interações e descobertas ela inventa uma matemática de palavras para dar forma aos seus sentimentos. As mudanças que promove geram energia para mudar o preconceito contra a "esfulepante" segunda-feira. Isso lhe deixa tão "felicitanes", que fazer gentilezas passa a ser o seu projeto de vida.

Martina herdou uma sina. Ela nasceu com o andar dez para duas. Tem os pés muito virados para fora. Mas o que torna esta história insólita é que os pés são entes independentes da vontade da personagem. Quando eles se viram para alguém - e isso acontece sem qualquer controle de Martina -, algo muito estranho acontece. A avó contou para ela o segredo dos ancestrais, que ela vai carregar, antes de morrer. Ao longo da vida, sempre que os pés de Martina apontam para alguém, a personagem vai percebendo que ela e os pés não comungam das mesmas vontades. Pior, os pés mudam toda a sua vida e de muitos ao seu redor. Por isso, o título é um desabafo e um pedido de desculpas: Reze para que meus pés não apontem para você .

Pérfuro-Matante é um conto longo do gênero domestic noir, que tem a narrativa em torno de uma menina que, ao longo da vida, convive com o pai, bêbado, maltratando a mãe e oprimindo as irmãs. A bebida em exagero, o poder masculino sufocando o feminino e intromissões culinárias estão entre os pontos de tensão em ebulição. Até onde é possível ir quando se quer colocar um fim em situações de constante estresse familiar?

Para além de um conto, uma história em que o como fazer supera o que se decide fazer.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

amazon.com.br

amazon.com.br

Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli



Escritora

Juliana Rossi

Acesse o link
clikando no **botão verde**

Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

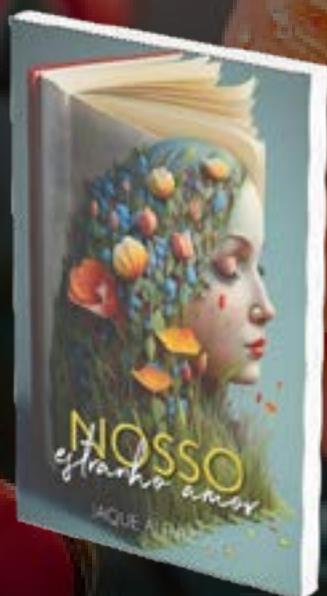
Clique aqui

Escritora

Jaque Alenncar

**Acesse o link
clikando no **botão verde****

**Livro “Nosso estranho amor”
de Jaque Alenncar**



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério. Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

Clique aqui



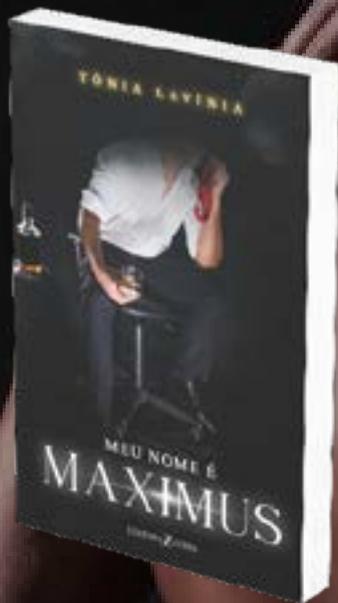


Escritora

Tônia Lavínia

Acesse o link
clicando no botão verde

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

 [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Revista

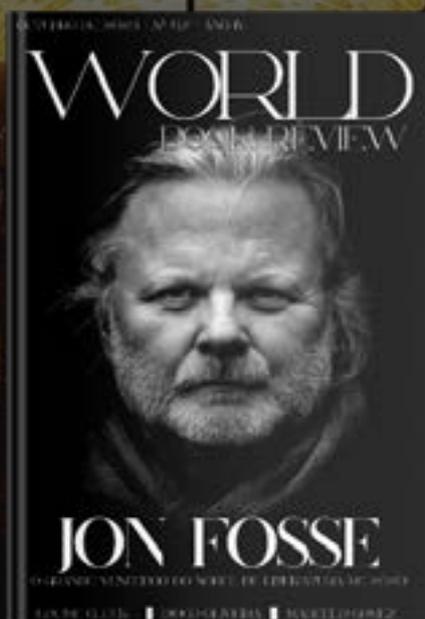
Revista Literária World Book Review

Acesse o link
clicando no **botão verde**



46ª Edição

[Clique aqui](#)



47ª Edição

[Clique aqui](#)



48ª Edição

[Clique aqui](#)



Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em mais de 86 países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



EDITORA
VALLETI BOOKS



EDITORA
INVITRO



SITE



INSTAGRAM



INSTAGRAM





THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD



Jaque Alenncar, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras - Português, pós-graduanda em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamuscas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética.

Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como “A poesia delas” e “Estação Primavera”. Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD



Marketing da Revista The Bard.

JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marke-



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

INSTAGRAM



EDITORA
INVITRO

LIVRO COM SELO

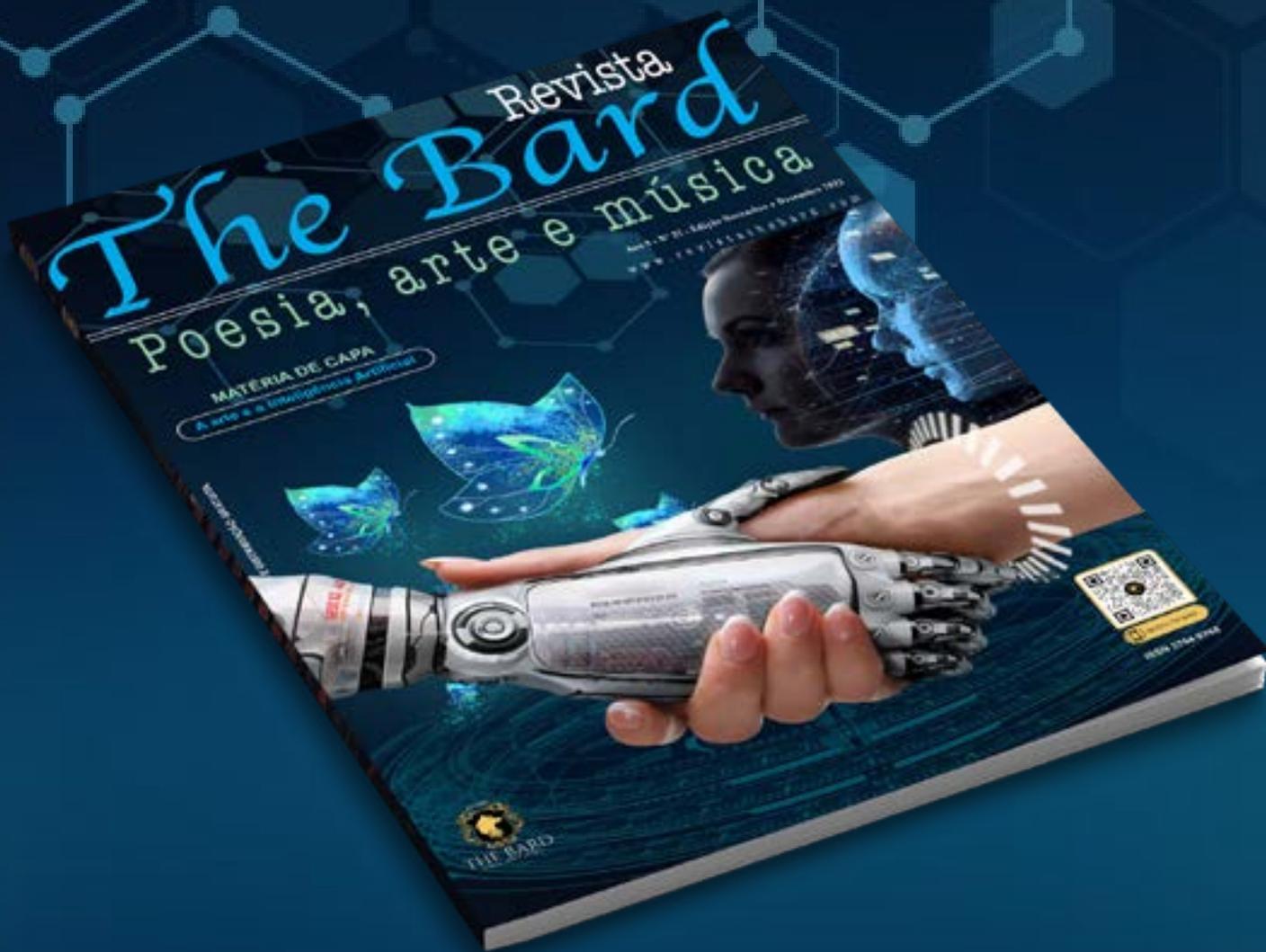


THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





EDIÇÃO NOVEMBRO & DEZEMBRO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
JANEIRO & FEVEREIRO/2024

PERÍODO DE **23** DE SETEMBRO À **09** DE NOVEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.